

A revista que pensa a Educação.

EDUCATRIX

 MODERNA
ANO 8 • Nº 17 • 2019

NOVO CURRÍCULO
EXPERIÊNCIAS QUE
TRANSFORMARAM
COMUNIDADES
ESCOLARES

**EDUCAÇÃO
BILÍNGUE**
O QUE ESTÁ
ACONTECENDO,
AFINAL?



GESTÃO ESCOLAR

Da Teoria à Prática

COMO A BNCC ESTÁ DEMOCRATIZANDO A GESTÃO NAS ESCOLAS

Educação

em Movimento





Richmond



Fundação **Santillana**

www.gruposantillana.com.br

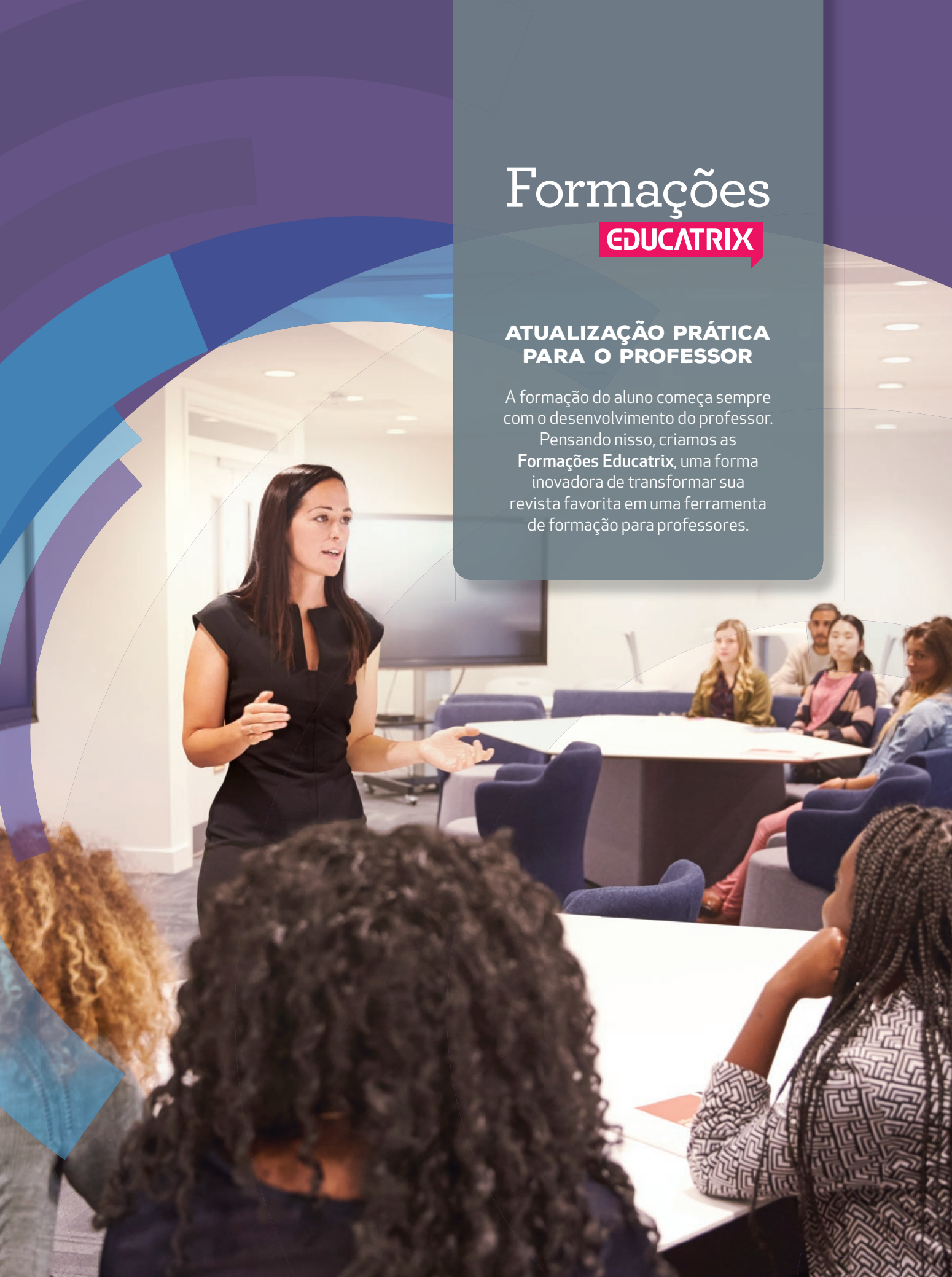
Formações

EDUCATRIX

ATUALIZAÇÃO PRÁTICA PARA O PROFESSOR

A formação do aluno começa sempre com o desenvolvimento do professor.

Pensando nisso, criamos as **Formações Educatrix**, uma forma inovadora de transformar sua revista favorita em uma ferramenta de formação para professores.





Agora na revista **Educatrix**, você encontra o selo **Formações Educatrix** em reportagens que se transformam em apresentações para formação de professores. Elas podem ser acessadas gratuitamente no portal **ModernAmigos**.

moderna.com.br/modernamigos



Abra novos caminhos

Conte com o Crescemos, o programa de des
um mundo de opções para que o jove

- Desenvolvimento das 21 habilidades necessárias para criar o cidadão do futuro.
- Alinhamento com o currículo socioemocional proposto pela BNCC e os 4 pilares da Educação da Unesco.
- 3 pilares definidos: Autoconhecimento Profundo, Cultura Empreendedora e Método Inovador.
- Um programa do Grupo Santillana, o maior nome da Educação Básica nas línguas portuguesa e espanhola.



para os seus alunos
desenvolvimento socioemocional que abre
em desenvolva todo seu potencial.

PROGRAMA

CRESCEMOS

o melhor que eu posso ser

Saiba mais
em crescemos.com.br

ou mande um e-mail para
contatos@crescemos.com.br

e ofereça tudo para ajudar seu aluno
a ser o melhor que ele pode ser.

Líderes em rotas mutantes



UM LABIRINTO seria uma analogia perfeita para os caminhos do gestor educacional de hoje: um labirinto imaginário em que os caminhos parecem claros até que uma parede intransponível bloqueie as ações e force uma nova rota para atingir o destino esperado.

Tem se tornado vital que escolas repensem os destinos que pretendem alcançar para darem respostas concretas e promissoras para pais e alunos que escolheram trilhar o mesmo caminho. Mais do que ferramentas, as instituições de ensino precisam mapear oportunidades e se aventurar por novas rotas para se manterem significativas em um mundo cada vez mais complexo, imediatista e mutante. Muitas vezes, tentamos ignorar o labirinto e seguir caminhando firmes, mas bloqueios cada vez mais constantes têm insistido em permanecer nos caminhos de sempre.

Convidamos você a adentrar uma missão que pretende desbravar a nova gestão escolar em uma edição repleta de experiências, boas práticas e projetos realizados no Brasil que estão transformando vidas.

Afinal de contas, tudo é inovação hoje? Ou nossa bagagem de vida não serve mais para nada? Fomos a fundo desvendar os tesouros encontrados pelas escolas que aproveitaram o momento para mudar metodologias e formas de pensar.

Conversamos com Valdenice Minatel, nova diretora do Dante Alighieri, tradicional colégio de São Paulo, para entender como garante uma gestão

democrática na escola e a importância de ouvir os vários agentes nas tomadas de decisão. Apresentamos também projetos que nasceram da vontade dos alunos de atuarem na realidade escolar.

Nas próximas páginas, você fará uma imersão no livro do futuro para compreender como a inteligência artificial, o *big data* e o design universal estão transformando a maneira de ensinar e aprender mutuamente. Há ainda uma reportagem especial sobre a neurociência e a educação matemática para desmistificar o componente curricular que ainda é a pedra no sapato do aluno brasileiro.

Vamos decifrar os segredos da educação bilíngue no Brasil em um panorama sobre diretrizes, tendências e fundamentos dessa metodologia e o porquê de tantas escolas estarem traçando esse novo caminho. Para finalizar, um voo pela vida e obra de Ilan Brenman, nosso novo autor exclusivo de literatura que chega ao mundo Moderna para abrir percursos alternativos de emancipação.

Nessa jornada em que nos lançamos, descobrimos que labirintos imaginários sempre existiram ao longo do tempo, embora poucos tenham se dado conta, e o segredo para achar atalhos muitas vezes está no diálogo com aqueles que encontramos no caminho.

Boa leitura!

Ivan Aguirra Izar

GERENTE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

SUMÁRIO

EDUCATRIX

A revista que pensa a Educação

- ▶ **SAIBA +** | É PRECISO CONHECER O PROFESSOR PARA ALÉM DO CONTEÚDO PÁG. 10
- ▶ **FIO DA MEADA** | BONS TEMPOS DE ~~AUTORIDADE~~ AUTORIA PÁG. 12
- ▶ **ENTREVISTA** | GESTÃO PARTICIPATIVA QUE TRANSFORMA O MUNDO E AS PESSOAS PÁG. 16

- ▶ **PANORAMA** | A GESTÃO ESCOLAR NA ERA DA BNCC PÁG. 20
- ▶ **PERSPECTIVAS** | A CIDADE É CURRÍCULO PÁG. 28
- ▶ **CONEXÃO** | ALUNO APRENDE SOZINHO A USAR, O PROFESSOR GARANTE SEGURANÇA PÁG. 32
- ▶ **NA TELA** | CONTEÚDO: DE VOLTA PARA O FUTURO PÁG. 40
- ▶ **FOGO** | A EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL: O QUE ESTÁ ACONTECENDO AFINAL? PÁG. 48
- ▶ **PLENOS SABERES** | A NEUROCIÊNCIA A FAVOR DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA PÁG. 54
- ▶ **LINHA DE RACIOCÍNIO** | COMO SE TORNAR UMA ESCOLA TRANSFORMADORA? PÁG. 62

▶ **ESPECIAL** ILAN BRENNAN
**COMO NASCE UM
ESCRITOR?** PÁG. 70



ILUSTRAÇÃO PEDRO CORRÊA

- ▶ **PENSAMENTO ACADÊMICO** | TUDO É INOVAÇÃO? PÁG. 78
- ▶ **TENDÊNCIAS** | ATÉ ONDE VAI O IMPACTO DA INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO PÁG. 84
- ▶ **POR DENTRO** | OS ITINERÁRIOS FORMATIVOS E O NOVO ENSINO MÉDIO PÁG. 94
- ▶ **CIDADANIA** | A FOME E A VONTADE DE APRENDER PÁG. 102

- ▶ **FAVORITOS** | CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR PÁG. 112
- ▶ **ARMANDINHO** | ALEXANDRE BECK PÁG. 114

É preciso conhecer o professor para além do conteúdo

Observatório do Professor reúne mais de 3 mil horas de entrevistas para retratar as alegrias e dores de educadores dentro e fora das salas de aula.

TEXTO Portal Porvir



QUAIS FATORES podem ser decisivos para transformar a prática docente? A partir de mais de três mil horas de entrevistas, a pesquisa *Observatório do Professor*, feita pelo Instituto Península em parceria com a PS2P – Observatório de comportamento e cultura, identificou os elementos que interferem na prática do professor que vão além da didática e do domínio do conteúdo.

De acordo com o levantamento, que buscou identificar quem é o professor fora dos muros da escola e quais são as suas angústias e paixões, os professores que conseguiram criar uma ponte de relacionamento com os seus alunos geralmente levam elementos da sua história de vida para as práticas pedagógicas. “Nos melhores exemplos que descobrimos, o professor teve que buscar referências na sua vida pessoal para encontrar caminhos para solucionar problemas que antecedem muito a questão do conteúdo e interferem no processo de aprendizagem”, explica Heloisa Morel, diretora do Instituto Península.

Para entender os professores além dos números e dados, pesquisadores foram a campo para fazer 30 entrevistas em profundidade e fizeram dez vivências presenciais com 60 horas de filmagem, além de reunir informações de 20 diários on-line, com 3 mil horas de acompanhamento remoto do dia a dia de professoras e professores de diferentes regiões do Brasil. A pesquisa também envolveu a observação de seis grupos on-line de profissionais de educação que contam com mais de 1 milhão de membros.

Com base nessa exploração, a pesquisa identificou seis elementos que interferem na prática do docente:

1 IDENTIDADE: a força das histórias de vida e as experiências pessoais dos professores são determinantes para sua prática.

2 RECIPROCIDADE: as experiências educacionais positivas ou negativas podem mudar a relação deles com a educação e a figura de professores-referência podem exercer influência sobre seu desejo de se tornar educador.

3 AFETO: o aspecto relacional tem um impacto importante na relação professor-aluno.

4 AMBIENTE: é considerado um elemento chave na experiência educacional.

5 COLETIVIDADE: a maior parte dos professores não se sente parte de um projeto maior de escola.

6 REPUTAÇÃO: os professores e especialistas entrevistados ressaltam que a escola pública é envolta por um conjunto de simbolismos e preconceitos.

“Talvez a profissão do professor seja uma das mais complexas que o país tem. Ele tem que olhar muitas dimensões, não apenas o técnico”, ressalta a diretora do Instituto Península. Ao ampliar o horizonte para considerar elementos que vão além da didática na aprendizagem, ela menciona que essas soluções reforçam a necessidade de políticas públicas olharem para o desenvolvimento integral dos professores. “Nós não vamos conseguir formar alunos para os desafios do século 21 se os professores ainda não se sentem preparados para isso. De uma forma sistêmica, o desenvolvimento integral do professor não é discutido.”

Apesar da rede brasileira de educação básica contar com mais de dois milhões de educadores, entre outros destaques, a pesquisa também identificou um sentimento comum entre boa parte deles: a solidão. Para muitos professores, há pouco espaço de diálogo e troca de experiência com os colegas. “Seu olhar sobre a educação navega entre o prazer de ensinar e a frustração de não conseguir fazer os alunos aprenderem. Muitos sentem o peso de serem vistos como os únicos responsáveis por transformar a realidade das comunidades em que atuam, sentindo-se expostos e até vulneráveis com o desafio”, destaca o *Observatório*.

Além de apresentar os principais destaques da pesquisa, o *Observatório do Professor* reúne textos e vídeos que contam histórias de educadores de diferentes regiões do país que atuam em diferentes contextos. “Com o desenvolvimento integral do docente, o domínio dos conteúdos e uma comunidade escolar fortalecida, é possível lidar com desafios dos alunos, conectar-se a eles e garantir ambientes de aprendizagem, construindo a ponte que liga ao conhecimento e influenciando positivamente todo o sistema educacional”, conclui o *Observatório* a partir de descobertas e reflexões da pesquisa. □

CONSELHO EDITORIAL

Ângelo Xavier
Ivan Aguirra Izar
Luciano Monteiro
Lulcey Vitor Ribeiro
Solange Petrosino

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ivan Aguirra Izar

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Cauê Cardoso Polla
Ivan Aguirra Izar
Paulo de Camargo
Ricardo Prado
Portal Porvir

ARTICULISTAS

Antonieta Megale
Fabio Martins
Gabriela Dias
Helena Singer
Ivone Lucírio
Lourdes Atié
Romenig da Silva

EDIÇÃO DE TEXTO

Kátia Dutra

REVISÃO FINAL

Tássia Cobo

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN

Ricardo Davino

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ricardo Davino

FOTO DE CAPA

Ricardo Davino

COLABORADORES

Tathiana Anselmo

LEIA NOSSO ACERVO DIGITAL:

moderna.com.br/educatrix



Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP • CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação semestral com a proposta de colaborar com a formação nas escolas parceiras. Distribuição gratuita na internet e nas instituições educacionais por meio da rede de Consultores Moderna.
ISSN: 2447-4991

Tiragem: 45 mil exemplares.

Impressão: Esdeva Indústria Gráfica Ltda.

Lote: 285760

✉ educatrix@moderna.com.br

© **Direitos reservados.**

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

Bons tempos de ~~autoridade~~ autoria

Uma crônica etimológica sobre as relações de poder de quem se dá ao direito de construir caminhos

TEXTO *Ivan Aguirra*

EM XEQUE. É assim que se pode definir hoje a sensação de autoridade do professor nas salas de aula e na sociedade como um todo.

Em meu tempo de escola, nos idos dos anos 1990, como filho, sobrinho e neto de professores, minha autocobrança já era suficiente para querer aprender rápido duas habilidades básicas: ler e contar. A fala vinda da frente da classe era sempre apreendida com atenção. Comandos como “hoje, vocês vão fazer um resumo do capítulo 12 do livro de Geografia e me entregar em um papel almaço até o fim da aula, valendo meio ponto na média” eram realizados mesmo a contragosto e engolidos a seco “pelo nosso bem”. Tínhamos que assimilar tudo, decorar todas as regras, repassar todos os rios, recitar a tabuada de trás pra frente e de frente pra trás. Assim, aprenderíamos, tal qual nossos professores!

Nessa época, a maioria de nós já sabia que eles, na verdade, não possuíam todos os conhecimentos, e muitos sequer tinham habilidade para passá-los adiante, mas mantinham uma autoridade que advinha de sua função social, do imaginário e de uma compreensão comum acerca da escola e do professor. Quem quisesse alcançar tal status recorria ao silêncio monitorado de um centro cultural, madrugava no final de semana na banca para completar os fascículos do Atlas Geográfico, pedia para avó comprar a coleção nova da Barsa, fazia carteirinha na biblioteca e cuidava para não rasurar nem atrasar a devolução do livro para não ficar suspenso por uma semana. E a gente sempre se esquecia!





Pouco a pouco, experimentando metodologias e estilos, descobríamos que o dedilhar do violão da professora de Gramática impregnava com muito mais sentido cada instante das nossas descobertas. E como é bom se lembrar de cada acorde naquelas rodas de sarau, em que aprendíamos coisas novas juntos e tudo parecia mais leve. Saudosa e sábia professora Regina! Sabia que não precisava saber de tudo para garantir sua autoridade. Nunca hei de esquecer-lá falando: “fique aqui no fim da aula para pensarmos juntos nisso aí que você me perguntou”. E eu ficava porque, ali, éramos como dois amigos matutando, um ao lado do outro, em busca de uma solução em comum. Aqueles encontros, fora do tempo oficial de aula, só geravam mais autoridade ao aprendizado mútuo.

Recorrendo a um passado ainda mais distante, a origem da palavra autoridade deriva do latim *auctoritas*, que vem de *auctor*, derivado de *augere*, que significa, em linhas gerais, fazer crescer. Essa conexão logo impregnou minha mente, sobretudo porque sempre associamos autoridade a autoritarismo, e nunca a um trabalho autoral, de construção contínua, em oposição a repasse, transmissão. Proveniente de um mesmo campo semântico de autoridade, autor é aquele que cria, dá origem, descobre; e sempre foi justamente esse o papel essencial do professor: ser pioneiro em sua jornada, aquele que produz, mostra caminhos em direção ao crescimento.

Hoje, convivendo com máquinas e inteligências artificiais, o professor tem sido questionado e até rechaçado na sociedade. Diriam: para ser jogador de futebol ou *digital influencer*, o topo da cadeia alimentar das aspirações adolescentes, não precisa ostentar diploma, nem sequer saber a tabuada do 8. Ora, para ser autor de sua própria jornada é preciso, antes de mais nada, decodificar as duas habilidades básicas que se interconectam e que sempre serão universais: ler - o mundo - e contar - sua própria história. Para isso, precisamos que mais e mais Reginas produzam novos acordes por aí. ▣

UMA EMPRESA DO GRUPO



MULTI EDUCA ÇÃO

[MULTICONTEÚDO
MULTIPARCERIA
MULTIPLATAFORMA

VOCÊ É MULTI. NÓS TAMBÉM ;D

Temos um compromisso com você: compreender sua escola como um ecossistema único para oferecer soluções multiconteúdo e percursos de formação multiplataforma.

Ao longo da nossa jornada, a marca Moderna se tornou padrão de qualidade para professores e famílias, o que nos dá credibilidade para continuar inovando e construindo relações de multiparceria com as principais escolas do país.

Isso é multieducação. Vem com a gente!



Gestão participativa que transforma o mundo e as pessoas

Nova diretora do Dante Alighieri aposta no diálogo e na participação para formar equipes autônomas, que se sintam autoras das suas jornadas.

TEXTO Paulo de Camargo

A SALA ocupada por Valdenice Minatel, no centenário Colégio Dante Alighieri, em São Paulo, dá pistas sobre quem é a profissional que, no curso de uma carreira voltada para a inovação pedagógica, agora está à frente de uma das mais conhecidas instituições de ensino brasileiras. A porta está sempre aberta, desde as 7h da manhã. Na mesa, livros e pilhas de papéis à espera de sua apreciação. Nas paredes, diplomas de instituições renomadas. Valdenice é uma educadora inquietada, que não para de estudar – tanto que recebeu a *Educatrix* no calor do final do semestre letivo e às vésperas de uma nova imersão, desta vez com o renomado autor Daniel Goleman, na Universidade de Harvard.

Mestre e doutora em Currículo e Novas Tecnologias pela PUC-SP, Valdenice contribuiu muito para tornar uma escola centenária em um polo de inovação pedagógica. No Dante Alighieri há 25 anos, a gestora passou pelo Colégio Hugo Sarmento e pela Prefeitura de São José dos Campos, antes de chegar à IBM, no projeto Horizonte – uma das primeiras iniciativas em larga escala para difundir computadores pessoais

para uso educativo. Mas foi principalmente no Dante que ela iniciou o percurso que marcou toda a sua vida profissional e onde aprendeu a liderar de forma compartilhada, em um diálogo permanente com suas equipes. Conheça sua visão sobre inovação e gestão, na entrevista a seguir.

EDUCATRIX Como foram seus primeiros contatos com a tecnologia educacional?

VALDENICE MINATEL Eu fiz Pedagogia na Unicamp, e tinha aulas com a pesquisadora Afira Rippert, que então estava voltando de um doutorado com o Seymour Pappert. Ela teve o privilégio de ser contemporânea da produção dele, e trouxe esse arcabouço para a Unicamp, introduzindo o olhar da tecnologia pelo viés educacional. Recebeu críticas por isso, mas também apoio, e eu fui uma das primeiras turmas que cursou a sua disciplina. Fiquei encantada com a linguagem Logo e me fascinava a ideia de ja- ➤



“

O desenvolvimento profissional mais pleno acontece no ambiente mais democrático, senão só gera rotatividade. Por isso, sempre quero criar equipes que se sintam mais do que partes, que se sintam autoras.

VALDENICE MINATEL
Diretora do colégio Dante Alighieri

» nela da mente, ou seja, de entender como a cabeça funciona enquanto programa, promovendo a aprendizagem com boas perguntas. Fiquei muito impactada.

EDUCATRIX **Como foi sua aproximação com a IBM e a chegada no Dante?**

VALDENICE MINATEL Nesse período, saindo da Unicamp, fui trabalhar em São José dos Campos (SP) e continuei a fazer leituras sobre o tema. Em 1992, passei pelo Colégio Hugo Sarmento, e, quando soube de uma vaga na IBM, não tive dúvidas e me candidatei. Já queria algo mais parrudo, algo que possibilitasse uma abordagem da tecnologia a partir da escola. Essa era a grande empresa com capilaridade que trouxe um viés educacional muito forte. Lá, fazíamos formação de professores, no Projeto Horizonte. Foi uma experiência muito importante na qual aprendi, por exemplo, a trabalhar de portas abertas, o que faço até hoje. Fiquei sabendo que o Dante estava montando um Departamento de Tecnologia, preparei meu currículo e me chamaram.

EDUCATRIX **Quando você chegou ao Dante, o que lecionava?**

VALDENICE MINATEL Cheguei para dar aulas de Informática, ensinando linguagens de programação e noções sobre a operação das máquinas. Esse era o básico de 30 anos atrás. Mas nessa época escolas e empresas começavam a se movimentar, construindo os protocolos de ação, construindo caminhos. Ainda havia a reserva de mercado dos computadores, que tinham custos abusivos, mas as grandes escolas já olhavam para isso, vendo sentido nesse caminho que se abria. Começavam a se integrar ao mundo digital, cada uma de um jeito. O Dante optou, em um primeiro momento, em dar aulas de Informática, em uma perspectiva mais técnica.

EDUCATRIX **Mas desde então você já atua diretamente com a inovação...**

VALDENICE MINATEL Sim, desde então minha vida tem sido pensar a inovação. Entrei para trabalhar em um time que estava começando, começamos o departamento juntos. No final de 1999, a antiga coordenadora se desligou e a gestão da época considerou que o coordenador de informática tinha de ser eleito pelos pares, como acontece na universidade, e não mais por indicação da diretoria. Então o grupo se reuniu e me elegeu. Já fui promovida por um ato muito democrático, que me marcou. Em 2000, eu começo a coordenação, com um voto de confiança de cada um deles, que eram 12. Mesmo quem não votou tinha clareza de porque eu estava lá.

EDUCATRIX **Imagino que essa experiência tenha também influenciado sua forma de trabalhar...**

VALDENICE MINATEL A partir daí, não havia outro caminho a não ser construir uma gestão baseada nas competências que cada um poderia entregar naquele momento. Foi um processo de reconstrução do departamento fundamentada em uma visão mais par-

ticipativa. Eram muitas reuniões, e eu sempre trazia decisões para serem tomadas de forma colegiada. Foi muito bacana. Mesmo as tensões eram resolvidas de forma cocriada. É um termo novo, mas já fazíamos isso que se chama hoje de cocriação. Começamos a trabalhar e era um pessoal muito bom. Foi muito fácil inovar. Era um time que queria isso e tinha portas e janelas abertas para ir em frente. Tinham todas as condições de temperatura e pressão que favoreciam a gestão democrática e a inovação. Fiquei de 2000 a 2012 nesse lugar de coordenadora de informática, mas com uma mudança de organograma, passei a ser coordenadora geral de tecnologia.

EDUCATRIX **Até hoje, é um desafio para as escolas integrar equipes de tecnologia e de educação. Como você lidou com isso no Dante?**

VALDENICE MINATEL As questões eram tratadas de forma integrada; por exemplo, o processo de matrícula. Sempre fui pedagógica, mas dava meus pitacos na área administrativa. No final de 2014, eles me dão o presente de assumir a TI também, e passo a ser coordenadora de tecnologia. Desde 2000, quando definimos o escopo de nossa ação, sempre partimos do princípio de que a tecnologia tinha que dialogar com todas as áreas. Era um trabalho de catequização mesmo. Em agosto de 2018, fui promovida a diretora de tecnologia e recebi o convite para ser diretora pedagógica logo em dezembro. A condição era de que a tecnologia não deixasse de trabalhar integrada à área pedagógica.

EDUCATRIX **Essa integração muitas vezes depende de mudanças culturais importantes. Como aconteceu no Dante, para que fosse possível tomar um rumo diferente?**

VALDENICE MINATEL Você tem razão. Nas escolas em geral, a tecnologia sempre é uma área que luta para fazer parte. Aqui não, eles são garotos privilegiados. Treinávamos para ir para as reuniões, fazíamos uma projeção de futuro, um *storytelling* de projeto. Era mais do que resolver problemas técnicos. Nós partíamos do princípio de que era preciso entender a escola. Não se tratava de um banco, mas de uma instituição educativa. Nosso papel era focar no que importava para o Dante, e o coração de tudo o que acontece aqui é o momento em que professores e alunos se reúnem. Esse momento é único. É um momento idílico. Se um aluno fica aqui oito horas de seu dia, esse tempo precisa ser muito bom, tanto para os alunos como para os professores. Médiamos o tempo de atendimento para tentar diminuir.

Chegamos a ter três minutos para a escola toda, e ainda assim sabíamos que estávamos fazendo nada menos do que se esperava. Temos que pensar sempre de forma prioritária em sala de aula. Investimos muito em coerência interna.

EDUCATRIX Como a construção dessa cultura aconteceu, na prática?

VALDENICE MINATEL Quando me tornei coordenadora, os garotos da TI estavam no porão, quase esquecidos. A primeira condição foi colocá-los juntos. Aprendi em minha jornada a trabalhar de portas abertas. Pensei no ambiente de trabalho dessa equipe, o que significa pensar nos móveis, nos aromas, nas cores, para trazer um conforto, uma boa lembrança. É preciso ter um interesse genuíno pelas pessoas. Tem as telas, o mouse ergonômico, pequenos detalhes que mostram como nos importamos com eles. Assim se criou um ambiente muito favorável. Hoje, aqueles garotos já estão aqui há dez anos. Entraram como estagiários, desenvolveram-se e percebem o trabalho e a inovação como se estivessem construindo suas próprias *startups*. O aluno tem de produzir tecnologia, não é consumidor. Levei essa lógica também para o time. Temos pouquíssimas soluções terceirizadas. Desenvolvemos muito aqui. Sentimos que tudo o que está rodando eles é que criaram. Assim, comecem a ser conhecidos por toda a comunidade escolar.

EDUCATRIX O resultado é uma escola de 108 anos dando um salto à frente no campo da inovação. Mas como isso se traduz na forma de liderar?

VALDENICE MINATEL A escuta foi um treino que fizemos muito. Nunca chegamos falando em uma reunião. Sempre ouvimos, vamos entendendo o que as pessoas querem, conectando com o que já existe. Há uma inter-relação muito grande. Vamos mostrando como é a tecitura, não ditando regras. Podemos ajudar muito, mas a partir do insumo que os professores dão. A escola bancou isso. Hoje temos um time de desenvolvimento com quatro pessoas, tão grande como a de suporte. São 16 profissionais de TI, contando estagiários e *trainee*, mais 18 da área de tecnologia educacional. Isso é raro em escolas.

EDUCATRIX E na direção geral, é possível reproduzir essa forma de gestão?

VALDENICE MINATEL Sim, exatamente. Escuto muito, faço muitas reuniões, nenhuma decisão sai apenas de minha caneta. Estou revisitando todos os processos, quero ouvir a todos. É um tempo que

estou investindo para sentar junto com cada um. Vou fazendo as perguntas e vou aprendendo. Faço isso também para que as pessoas reflitam sobre o que fazem. Sei que ainda existem aqueles que esperam que a decisão venha de mim, isso é cultural em muitos lugares. Mas eu pergunto sempre: o que você acha? Ainda tenho imagem de brava, mas, nas reuniões, quem trabalha comigo vê que eu dialogo. Estimulo ainda que as equipes se sentem e discutam sem que eu necessariamente esteja presente. Estou tentando dar essa autonomia.

EDUCATRIX Como se equilibra autoridade e autonomia em uma escola?

VALDENICE MINATEL Autoridade o organograma decide, mas autonomia se pode desenvolver. Jogo sempre com a ideia de que todos precisam pensar juntos. A descentralização não se dá da noite para o dia. A cultura organizacional tem poder grande. Temos de respeitar, e ir vendo para onde ela está se movendo e ver como se pode melhorar. O Dante Alighieri tem uma equipe muito boa, e isso ajuda. É uma equipe que gosta da escola, com ex-alunos trabalhando; assim, tudo fica mais fácil. Em todas as mudanças, sempre mantive esse modelo de decisão mais formativa: fazer parte dos meus valores pessoais. Isso é muito mais difícil quando não é mais uma maquiagem democrática. É mais fácil ser autoritário. O desenvolvimento profissional mais pleno acontece no ambiente mais democrático, senão só gera rotatividade, especialmente na área da tecnologia. Por isso, sempre quero criar equipes que se sintam mais do que partes, sintam-se autoras.

EDUCATRIX Nos dias de hoje, ter à frente da gestão profissionais de inovação é um privilégio raro, não é? Afinal, um dos maiores desafios colocados para as instituições é saber mudar...

VALDENICE MINATEL Sem dúvida, trazer alguém de tecnologia para gerir uma instituição centenária é arrojado. O desenho da gestão executiva no Dante é muito bom e trabalhar em uma instituição sem fins de lucrativos é o melhor dos mundos. Sinto-me em um lugar realmente privilegiado. É o propósito no seu estado mais bruto. Arranjei um propósito e de quebra tenho um trabalho.

EDUCATRIX Há também o aspecto da preparação contínua. Um líder não pode parar de aprender, em um mundo que muda continuamente.

VALDENICE MINATEL Eu acredito em liderança que estuda. Simplesmente adoro aprender. Vim de família muito simples, que via na educação a forma de fazer a virada. A escola me resgatou de um lugar que nem posso descrever. Vim de um mundo em que a educação era a única forma de ter acesso à informação. O estudo não é importante só porque prepara para a vida exterior. Ele permite que nós sigamos conquistando mundos internos cada vez mais interessantes. A jornada de conhecimento que transforma o mundo e as pessoas é sensacional. ■

GESTÃO ESCOLAR Na ERA Da BNCC

Da teoria à prática: como a proposta de currículo nacional está transformando a gestão das escolas

TEXTO *Ricardo Prado* ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*



“**A BNCC** não sai mais das nossas mãos. A cada 15 dias, a equipe gestora senta junto para estudar um pouco”. É dessa forma que Virene Alves de Souza, diretora há sete anos do Núcleo de Educação Infantil Benedito Faustino Malachias, escola municipal de Canaã dos Carajás, no Pará, refere-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O documento homologado no final de 2017 pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), concretizou, apesar das críticas ao longo do conturbado processo de discussão coletiva e aprovação do texto final, uma antiga reivindicação de educadores brasileiros: a proposta de um currículo mínimo, válido para todo o país, com expectativas de aprendizagem divididas por séries, capaz de nortear o trabalho pedagógico nas diferentes redes de maneira mais uniforme, sem perder de vista as especificidades regionais, como prevê a LDB (Lei de Diretrizes e Bases).

A BNCC não é um documento simples, por isso, faz sentido que a aguerrida equipe dirigida por Virene se debruce a cada quinzena sobre ela e discuta ideias e estratégias que colaborem com a formação dos cerca de 700 alunos que a escola atende. A BNCC estabelece dez competências gerais, que vão da aquisição de conhecimentos à participação cidadã na sociedade, do uso ético e responsável das tecnologias de informação e comunicação aos cuidados com o corpo e o meio ambiente, sob as quais se desdobram 117 objetivos de aprendizagem, distribuídos em 35 competências e habilidades específicas de áreas e 49 competências relativas aos componentes curriculares. Para deixar tudo ainda mais complexo, muitas vezes as competências se interpenetram entre as disciplinas. No total, a BNCC traz 1.514 enunciados sobre aprendizagem e desenvolvimento da criança e do jovem. Ou seja, muito trabalho para as escolas se prepararem e colocarem todas essas competências e habilidades em prática até 2020.

Um documento dessa dimensão, e com pretensões igualmente grandes de influir diretamente no cotidiano escolar, bem poderia se tornar um desses calhamaços produzidos em Brasília que terminam seus dias esquecidos nas prateleiras, com pouca ou nenhuma aderência nas redes, sempre às voltas com problemas urgentes de infraestrutura e condições de trabalho. Mas o caminho da BNCC não parece ser esse. Há muita gente disposta a implementar o que está ali, que, no fim das contas, resultou no consenso possível em termos de expectativas de aprendizagem. Houve uma grande mobilização no mercado editorial, com interpretações e guias de orientação que buscam oferecer chaves de interpretação para as dez competências a serem desenvolvidas ao longo da educação básica, e possíveis

caminhos didáticos para implementá-las.

A educadora Tereza Perez, da Comunidade Educativa CEDAC, organização não governamental de São Paulo que há 22 anos se dedica à formação de professores e divulgação de práticas educacionais inovadoras, é organizadora de um livro que surgiu dessa necessidade de auxílio para a reconstrução dos currículos de cada escola com base no currículo nacional. *A Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica* (Cedac/Moderna/Fundação Santillana), sugere, em cada uma das competências, diversas possibilidades de ação no âmbito da gestão escolar, no sentido de tornar mais efetivas as propostas de educação integral contidas no documento oficial.

CONTEXTO SOCIOCULTURAL

Dentre as ações que uma boa gestão escolar precisa realizar, a pesquisadora enfatiza a necessidade de se observar atentamente o histórico da comunidade na qual a escola está inserida. “Incluir o histórico da comunidade no planejamento escolar não é só dizer: ‘essa comunidade era assim, passou por isso e aquilo, agora ela é dessa forma’. Esse histórico envolve a caracterização cultural, social e étnica dessa comunidade. ‘Qual é a condição de vida que essas crianças têm?’; ‘Qual é a qualidade de vida que elas têm?’; ‘Costumam ter acesso a que tipo de equipamento cultural?’. Se esse contexto sociocultural e econômico é essencial, não basta ter esse conhecimento, é preciso engajar o projeto pedagógico da escola a partir dele”, explica Tereza. “Se na escola metade dos pais e mães são analfabetos, é preciso trabalhar de uma determinada maneira, pois será preciso ter menos expectativas em relação ao acompanhamento que essas famílias possam fazer da aprendizagem de seus filhos, se não sabem ler ou não têm acesso à internet. Por outro lado, pais menos alfabetizados podem se sentir encorajados a se envolver no que os seus filhos estão aprendendo na escola. Em todos os lugares, encontramos potenciais: de pessoas, de histórias de vida, de competências diversas, que podem ser desenvolvidas dentro das ações da escola”, avalia a educadora.

As famílias hoje se encontram muito solitárias no processo de educação de seus filhos. “A escola pode ter com esses pais um convívio tal que possa provê-los de posturas, de conhecimentos, de formas de relacionamento etc. Se eu tenho na escola não só o propósito de ensinar crianças e jovens, mas também de acolher essas famílias – e por acolhimento eu digo aceitação, conhecimento, compreensão do que vivem essas famílias – só há ganhos nesse sentido, como gestor”, analisa Tereza Perez. »

“

ESTAMOS VIVENDO UM MOMENTO EM QUE SE TORNA ESPECIALMENTE NECESSÁRIO USARMOS **‘ÓCULOS HUMANIZADORES’**, COM UMALENTE MAIS HUMANA PARA OLHARMOS A PESSOA AO LADO”.



» PAIS E ESCOLA: UMA RELAÇÃO BASEADA EM CONFIANÇA

“Sem os pais, eu não consigo fazer nada”, resume a diretora Sonia de Abreu Barga, gestora da EMEF Professora Hilda Weiss Drenche, de Itapetininga, no interior de São Paulo. Há 15 anos na direção da escola, e há 35 anos na rede municipal, ela atende 497 alunos no estabelecimento, localizado na periferia da cidade, quase na zona rural. Sem contar com vice-diretor nem com coordenador pedagógico, os dois cargos que compõem com a direção o núcleo-duro da gestão escolar, Sonia comanda uma equipe de 21 professores, cinco auxiliares de educação, quatro serventes, quatro merendeiras e uma secretária, atendendo a um público carente, em termos socioeconômicos.

Caso bastante raro na rede, Sonia está na direção da mesma escola há 15 anos, e viu muitas professoras se aposentarem, mantendo assim uma equipe estável. “Já temos clareza, e as análises indicam isso, que um diretor com mais estabilidade na escola, com mais de seis anos na instituição, com uma equipe também mais estável, funciona muito melhor, porque as relações e vínculos vão sendo criados”, observa Tereza Perez.

Sobre a questão da instabilidade na rede pública, é “extremamente prejudicial à aprendizagem dos alunos. Há impactos na gestão escolar porque, por exemplo, se tenho um professor que tem maior competência na alfabetização, ele deve ficar nas séries iniciais, e quando há instabilidade não se consegue formar uma equipe de acordo com as competências individuais”, exemplifica a pesquisadora da CEDAC.

Beneficiada pela longa gestão de uma única gestora à frente da escola, a unidade que Sonia dirige se tornou um polo de ações culturais e artísticas na Vila Belo Horizonte, com reflexos na cidade de Itapetininga. A fanfarra escolar, que existe há 11 anos, já formou mais de 300 instrumentistas de percussão, e as classes de flauta contam atualmente com cerca de 100 alunos matriculados. A diretora se orgulha e conta que se esmera desde o primeiro dia de aula em conquistar a parceria das famílias. “Preciso vender o peixe da escola para as cerca de 100 famílias que chegam a cada ano. É preciso saber seduzir esses pais, porque estou à mercê da comunidade, atendo a ela. Se os pais sentem confiança na equipe da escola, então se forma uma parceria muito produtiva”, frisa. Sonia explica como funciona esse encantamento. “Chamo todos os pais à escola, dou as boas-vindas e agradeço a confiança deles em colocarem os filhos conosco. Depois, apresento quem

“

AO LONGO DE TODO ANO ESTAMOS INDO E VINDO DO PLANEJAMENTO AO PLANO DE AÇÃO; DEPOIS DO PLANO DE AÇÃO PARA O PLANEJAMENTO, SUCESSIVAMENTE. AO FIM DE CADA BIMESTRE, AVALIAMOS O QUE DEU CERTO E O QUE PRECISA MELHORAR: UM MOVIMENTO CIRCULAR QUE QUALIFICA CONSTANTEMENTE O QUE FOI PLANEJADO.



são os funcionários, as merendeiras, as serventes, todo mundo... fazemos questão que todos sejam tratados aqui pelos seus nomes. Nesse dia, também acertamos com os pais os combinados de entrada e saída das crianças, e depois os pais entram nas salas de aula com seus filhos para uma apresentação do professor da turma. A escola enche de gente nesse dia, é muito legal”.

O dia da Feira de Ciências é outro momento em que a escola se torna o lugar mais agitado do bairro, e talvez da cidade. Trata-se de um projeto didático desenvolvido pela escola há dez anos, e que tem sua culminância no fim do ano, quando as famílias descobrem, espantadas e incrédulas, o que seus filhos aprenderam/inventaram: são experiências de física

e robótica, ou representações de questões ambientais, expostas pelos próprios alunos, que se postam diante de seus estantes e apresentam seus experimentos. Tornou-se um evento aguardado o ano inteiro e que, atualmente, conta com apoio científico do Instituto Federal de São Paulo, instituição de ensino superior que direciona alguns alunos para orientar os trabalhos e pesquisas dos estudantes da escola. Para gerir o projeto didático, Sonia escolhe anualmente um professor que assume a coordenação da feira, e um professor-gerente para cada série. Essa equipe faz reuniões periódicas para conferir se o que foi planejado está sendo cumprido.

O CÍRCULO VIRTUOSO DO PLANEJAMENTO

A atenção ao planejamento faz parte do cotidiano da gestora Virene em sua escola em Canaã dos Carajás. Tudo começa com uma avaliação diagnóstica das turmas no início do ano, tabulada sala por sala, período por período, até se chegar ao diagnóstico geral. “O quadro geral nos permite ver como as crianças da escola estão em termos de aprendizagem; o recorte por turnos permite um olhar mais minucioso; quando se chega à sala, aí se individualiza. Nosso planejamento anual sempre é feito a partir do diagnóstico inicial”.

O passo seguinte é montar um Plano de Metas e Ações, contemplando os campos de experiências nas quais se inserem as aprendizagens da Educação Infantil. “Ao longo de todo ano estamos indo e vindo do planejamento ao plano de ação; depois do plano de ação para o planejamento, sucessivamente. Ao fim de cada bimestre, avaliamos o que deu certo e o que precisa melhorar”, explica Virene sobre esse movimento circular que qualifica constantemente o que foi planejado, acrescentando que a cada quinzena há um tempo de formação com os professores.

“ÓCULOS HUMANIZADORES”

Delegar funções, como o caso de definir as responsabilidades de cada um no andamento de um projeto didático, propiciar um ambiente de trocas e aprendizagens entre o corpo docente e articular parcerias produtivas com diversos atores sociais ao alcance da escola estão entre as funções mais importantes de um gestor escolar. No caso da escola de Itapetininga, além do apoio dos universitários, Sonia usa e abusa dos psicólogos e assistentes sociais que a Prefeitura disponibiliza. Isso porque sua escola tornou-se uma das mais acolhedoras da cidade, e é para lá que o Conselho Tutelar gosta de mandar crianças que necessitam de alguma atenção especial. É para lá

que são encaminhados alguns casos de crianças que sofreram abusos, que não se adaptaram em outras escolas da rede ou que saíram por conta de *bullying*. Em relação a esse problema, os alunos chegam ao lugar certo. “O *bullying* é uma brincadeira que machuca, esse é o nosso slogan aqui. Fazemos campanhas, de janeiro a janeiro, com a participação dos alunos do 5º ano, que criam cartazes para se comunicar com os menores. Quando há uma situação concreta, nós chamamos as crianças para conversar, em alguns casos a família também. Se um pai vem reclamar comigo, procuro resolver de imediato”, assegura a diretora.

Para Tereza Perez, se a escola estiver bem atenta ao que está acontecendo com suas crianças, em termos de relacionamentos, a tendência do *bullying* é diminuir muito. “O maior problema é a idealização do aluno: deseja-se um aluno que seja atento, que faça tudo o que se pede, que seja crítico, colaborativo, todos os lindos adjetivos que temos para uma pessoa ideal. Mas só dois ou três na classe se encaixarão nesse modelo. O restante passa, então, a ser criticado, e culpabilizado, junto com suas famílias, por não ser daquele jeito idealizado. E, normalmente, os mais bagunceiros, que são os líderes da classe, costumam ser brilhantes. Eles têm inovações, conseguem conduzir um grupo, e têm competências de liderança que não estão sendo valorizadas. É preciso sempre olhar para o potencial mais positivo de cada aluno. A padronização e a expectativa única nos desqualificam enquanto educadores”, observa Tereza Perez.

No caso do gestor escolar, não é diferente. Existe uma projeção, uma espécie de espelho para os próprios educadores. “Nós também idealizamos o professor ideal, o gestor ideal. É preciso lidar com as pessoas reais, com aquele diretor que pode ter várias falhas, mas que tem aspectos legais, com um coordenador que tem suas falhas, mas também tem competências. Nós estamos vivendo um momento em que se torna especialmente necessário usarmos ‘óculos humanizadores’, com uma lente mais humana para olharmos a pessoa que está ao lado. Como diz um amigo, ‘errar é humano, e pôr a culpa nos outros nem se fala!’”, finaliza a educadora. ■

PARA SABER MAIS

- Comunidade Educativa CEDAC: mod.lk/cedac
- BNCC – Material de referência pedagógica: mod.lk/bncc
- BNCC na prática da gestão escolar: mod.lk/livrbncc

A proposta da Moderna que vai fazer a sua escola voar mais alto!

Recomendada para gestores escolares que
precisam inovar, contando com a consistência
e a segurança de parcerias sólidas no mercado.

LANÇAMENTO!

NOVO

Pitanguá

SOLUÇÃO EDUCACIONAL

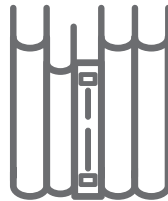




Pacotes para a Educação Infantil e o Fundamental 1:



LIVRO DIGITAL
INTERATIVO
PARA O
FUNDAMENTAL



MATERIAL DIDÁTICO
IMPRESSO E DIGITAL



IMPLEMENTAÇÃO
PEDAGÓGICA



CANAL DE VENDAS
EXCLUSIVO PARA
AS FAMÍLIAS



MARKETING
EDUCACIONAL

Faça da sua escola a referência educacional da sua região. Fale com a gente!



A cidade é currículo

A relação da criança com o lugar onde vive mudou. Como atualizar as noções de pertencimento dos jovens deste século?

TEXTO *Lourdes Atié*

HOJE ouvir aquela frase da minha infância é praticamente impossível: “- Vá para a rua brincar, menina!”. Quem ainda criança brincou na rua sabe do que estou falando. Muitos adultos de hoje cresceram brincando livres pelas ruas do bairro em que residiam. A rua era nosso universo para aprender sobre a vida. Nossos amigos não se limitavam aos que sentavam todos os dias na mesma sala de aula. Tínhamos amigos da escola, da rua, do bairro vizinho, da igreja, do clube. Enfim, nossa vida “rueira” era rica. Ali aprendíamos a fazer amigos, a nos proteger dos brigões, a ser valorizados pelo jogo que sabíamos jogar ou pelas histórias que sabíamos contar, mas também o lugar de aprender com quem sabia mais que nós. Tudo sem separação por idades. Na rua, inventávamos brincadeiras, colaborávamos nas lições da escola, além de

ajudar no comércio local. Eu amava, por exemplo, ajudar no armarinho do bairro, vendendo botões e linhas, e no armazém, pesando cereais a granel. Enfim, havia vida nas ruas. Todos se conheciam, os menores eram protegidos, os mais pobres ajudados e, claro, nós entendíamos que nos metíamos demais na vida alheia. Mas o prazer de pertencer a um lugar nos dava uma identidade verdadeira.

O tempo passou. Os parentes já não moram próximos. As famílias diminuíram o número de filhos e os responsáveis pelas crianças passaram a trabalhar mais. As casas ficaram vazias, as moradias diminuíram de tamanho e as crianças passaram a ficar mais tempo no condomínio ou na escola, por serem considerados os únicos lugares seguros e cuidados para crianças e jovens. Resultado: rua sem criança é rua perigosa. ➤



» AS CIDADES DA CONTEMPORANEIDADE

Mais da metade da população mundial reside em áreas urbanas e, segundo os estudos da OCDE, durante o século XXI, três quintos da população viverão nas cidades, o que nos dá base para afirmar que vivemos em um século urbano. No Brasil, de acordo com o Censo (IBGE), 84% da população mora em áreas urbanas – o que não significa, de forma alguma, qualidade de vida. Ao contrário, as cidades brasileiras, em sua maioria, são perigosas, marcadas por falta segurança pública e acentuam situações de discriminação e exclusão social, econômica, de gênero, étnica, religiosa ou em grupos mais vulneráveis como as crianças, os idosos e pessoas com deficiências. A cidade não é mais o lugar de ficar, reduzindo-se ao lugar de passar.

A cidade que historicamente era *polis*, lugar de vida coletiva, de civilização e cultura, tornou-se um cenário de diversas crises. Deixou de ser um lugar compartilhado e sistêmico, no qual cada parte se agrega a outra, para ser lugar de espaços definidos por funções e classes sociais diversas. Passou a se constituir por zonas privilegiadas e por zonas periféricas. As cidades ficaram barulhentas e perigosas. Assim, foram perdendo suas características originais.

Em um breve exercício de observação como caminhar pelas cidades brasileiras a pé, sem olhar para o celular, é possível verificar quem ou o quê elas privilegiam. Em termos de mobilidade, os veículos têm a prioridade. Para os pedestres, restam calçadas esburacadas, muitas até inclinadas para favorecer a entrada dos automóveis nas garagens. Os semáforos estão programados para privilegiar os veículos – o que resulta em menos tempo de espera para os carros e pedestres atravessando as ruas correndo. Se nos concentrarmos nos seres humanos, será fácil constatar que a cidade é para o cidadão adulto que tem pressa e está ocupado. Esse é um parâmetro de desenvolvimento.



←
É PRECISO VIVER
EM SOCIEDADE PARA
ENTENDER QUE A
CIDADE TAMBÉM
EDUCA E PODE
SER UM LUGAR DE
OPORTUNIDADES.

ONDE ESTÃO AS CRIANÇAS?

No Brasil, as crianças urbanas são as principais vítimas da segregação socioespacial: elas veem a vida pela janela de algum veículo. Não existem espaços públicos com segurança adequada, nas calçadas, nas praças nem nos jardins. As crianças brasileiras de classe média e alta têm marcada a crescente ausência de autonomia em relação à mobilidade nos meios urbanos. Já as crianças vindas de famílias de baixa renda exploram as ruas e espaços próximos de suas moradias, que se constituem em territórios infantis por onde elas exercem um significativo domínio – porém, somente nesses espaços mapeados, geralmente excludentes.

Se examinarmos o que é oferecido em termos de equipamentos públicos especialmente planejados para os pequenos, podemos concluir que são espaços que cerceiam e isolam a criança. Tais equipamentos estão em sua maioria nos shopping centers. Nas ruas, há alguns parquinhos infantis, planejados por adultos que privilegiam uma segurança que mais reprime do que estimula a livre expressão.

Sem esse espaço físico democrático que a cidade deveria representar, as crianças e jovens passaram a ficar mais tempo na escola. Essa, que era apenas um espaço de convivência entre vários outros, passou a ser o único. Essa questão se reflete também nas amizades, que acabam sendo definidas pelo espaço escolar, e os amigos acabam sendo sempre os mesmos. Assim, a vida ficou mais limitada no campo das experiências.

Com as crianças e jovens sem acesso às ruas, a escola passou a oferecer tudo que no passado era oferecido a demais instituições. Acabaram-se os deslocamentos, mudanças de espaços e a própria vida na rua. Restou a vida na escola, lugar que subiu o muro, aumentou a segurança e reforçou a fiscalização dos espaços coletivos. Assim, a instituição educativa ampliou seu controle, expandiu sua oferta, tornando a vida escolar estressante, cheia de obrigações e tarefas, sobrecarregando os estudantes, sob o pretexto de tranquilizar as famílias. Todos perderam.

No entanto, uma cidade educadora, que respeita todos os seus cidadãos, independente das suas idades, não precisa ter espaços infantis delimitados. Não é necessário que se criem espaços especiais para elas, pensados pela expectativa e perspectiva do adulto. As crianças têm o direito de ter suas próprias experiências em ambientes comuns a todos. Portanto, uma cidade sem crianças nas ruas é uma cidade pior.

A CIDADE PODE SER EDUCADORA

Os estudantes vivem imersos em sociedade e precisam entendê-la por toda a vida. Para isso, é preciso vivê-la para compreender que a cidade também educa e que pode ser o lugar de oportunidades. Por suas ruas, circulam modos de comportamento, valores cívicos e morais, estilos e modos de vida, práticas culturais elaboradas. Por isso, é uma grande fornecedora de conteúdos curriculares.

Mas engana-se quem acha que basta fazer da cidade um recurso educativo,

promovendo passeios ou visitas aos espaços culturais. A cidade não é apenas um recurso: ela é identificada em muitos países como um uma proposta pedagógica, em que cada agente (empresas, espaços culturais, associações, escolas, famílias) assume sua responsabilidade educativa, no contexto de um projeto coletivo. Esta é a proposta das **Cidades Educadoras** (www.educities.org), uma associação internacional que abrange 478 cidades, de 36 países de todos os continentes. Dezesesseis cidades compõem a Rede Brasileira. A ideia surgiu em Barcelona, com a conquista da democracia municipal, em 1979, ano em que se aprovou o Estatuto de Autonomia da Catalunha. A ideia inicial era criar um ambiente urbano de educação que respeitasse o passado, que projetasse a cidade para o futuro, que envolvesse as pessoas e que as fizesse sentir orgulhosas de pertencerem a esse lugar. Em 1994, foi criada a *Asociación Internacional de Ciudades Educadoras* (AICE), durante o III Congresso das Cidades Educadoras, em Bolonha, Itália. São 25 anos de um movimento mundial em busca da construção da cidade que educa, aquela que pode ser e deve ser simultaneamente marco e agente educador. Qualquer cidade do mundo pode se candidatar a ser uma Cidade Educadora, desde que atenda aos pré-requisitos estabelecidos pela AICE.

O QUE PODEMOS CONCLUIR BREVEMENTE

A escola não pode responder indiscriminadamente por todas as demandas sociais, porque quem tenta dar conta de tudo, não consegue dar conta de nada! Educação não se refere apenas à escola, pois o que acontece no seu interior é a educação escolar. A família educa e cidade também.

Se pensamos na cidade, é fundamental restituir às crianças uma autonomia que lhes permita sair de casa sozinhas, desfrutar da comunidade, encontrar amigos e escolher com eles

do que brincar. Erramos quando fazemos do contrário. Para justificar nosso excessivo cuidado, em função dos perigos das cidades, saímos das ruas e tiramos nossas crianças delas. Mas o movimento precisa ser o oposto. Ao invés de nos escondermos em casa, de ampliar ao tempo das crianças na escola, precisamos ganhar as ruas e assim tornar as cidades mais amigáveis.

Devemos lutar para que os espaços públicos sejam realmente educativos e que funcionem de verdade. A cidade é lugar de aprender e não apenas a escola. Porém, a sintonia para a construção de uma cidade educadora exige que a escola seja uma importante aliada.

Para construir uma cidade em que todos se comprometam com a educação, a escola pode dar um importante passo, assumindo tal desafio como uma proposta educativa, inserindo-a no projeto político pedagógico (PPP), e os professores atuando no sentido de trazer os pais para essa causa. O resto fica por conta das crianças, que saberão viver essa experiência.

É nesta perspectiva que se torna necessário um novo contrato socioeducativo, em que a responsabilidade de educar é compartilhada por um conjunto de atores sociais de instâncias diversificadas, não ficando apenas nas mãos dos educadores profissionais. É preciso reconhecer que a escola cumpriu ao longo do século XX um importantíssimo papel social e que, hoje, torna-se essencial evoluir no sentido de uma maior responsabilidade da sociedade, sem, contudo, diminuir o valor da escola. ▣

LOURDES ATIE

é socióloga com pós-graduação em Educação e diretora da Ideias Futuras, consultoria educacional, com foco na formação de professores. Coordena a equipe de selecionadores do Prêmio VIVALEITURA, criado pelo MEC e pelo antigo MinC, e é consultora pedagógica da FDE, no programa Cultura é Currículo, na TV Cultura.

Tecnologia e Educação:

o aluno aprende sozinho a usar, o professor garante segurança

Pesquisa TIC Educação 2018 destaca a importância do educador como mediador para uso de tecnologias, mas falta formação estruturada para isso.

TEXTO *Portal Porvir*





APRENDER sozinho é o principal caminho encontrado pelos alunos na hora de usar tecnologia. Apenas para 44% dos estudantes de escolas urbanas, os professores são considerados fonte de informação sobre o tema. Antes de recorrer ao apoio dos educadores, eles trocam informações com amigos, parentes ou até mesmo buscam vídeos e tutoriais disponíveis na internet. Os dados são da TIC Educação 2018, divulgada em julho pelo CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil), por meio do Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) do NIC.br (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR).

Para investigar o acesso, o uso e a apropriação das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) nas escolas públicas e particulares brasileiras de ensino fundamental e médio, a pesquisa entrevistou presencialmente, em escolas urbanas, 11.142 alunos de 5º e 9º ano do ensino fundamental e 2º ano do ensino médio, 1.807 professores de Língua Portuguesa, de Matemática e que lecionam múltiplas disciplinas (anos iniciais do ensino fundamental), 906 coordenadores pedagógicos e 979 diretores. Nas escolas rurais, foram ouvidos 1.433 diretores ou responsáveis pela escola.

“Mesmo não sendo a principal referência para os alunos (na busca por conhecimento em tecnologia), os professores são mediadores para o uso das tecnologias”, disse Daniela Costa, coordenadora da pesquisa TIC Educação. Segundo ela, os educadores já são reconhecidos pela maior parte dos alunos de escolas urbanas públicas e particulares como validadores do conteúdo encontrado na internet, seja na hora de comparar informações em sites diferentes, para indicar sites ou produzir trabalhos.

Diante dos riscos à privacidade e de perigos on-line, assumir papel de mediador não significa saber menos que o estudante. Para a consultora Maria da Graça Moreira da Silva, docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e consultora do Instituto Natura, os educadores devem trazer uma intenção pedagógica clara para

fazer o uso desses recursos digitais. “Os alunos normalmente sabem usar as tecnologias com os seus colegas para jogar, conversar ou acessar WhatsApp e Instagram, mas isso não significa que eles sabem aprender por meio de tecnologias”, disse a consultora.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TECNOLOGIA

Quando o assunto é tecnologia, a tendência de aprender sozinho também ganha força entre os educadores. De acordo com a pesquisa, 90% dos professores afirmaram que aprenderam sozinhos a usar as tecnologias. Nos últimos três meses anteriores à realização da pesquisa, 76% dos professores participaram de cursos sobre tecnologia, especialmen-

te sobre como melhorar sua prática e ajudar alunos a fazer uso seguro delas. Daniela Costa, do NIC.Br, ressaltou, no entanto, que ainda faltam maneiras mais estruturadas para formar professores, seja nas escolas públicas ou particulares.

Na formação inicial, o contato de tecnologia acontece de forma desigual dependendo da área de conhecimento do professor. Enquanto 58% dos professores de Matemática disseram ter cursado disciplina específica para tecnologia,





apenas 42% de Língua Portuguesa dizem ter passado pela mesma experiência.

“Existe uma tendência de a tecnologia estar mais presente nas áreas de ciências exatas, mas eu diria que as políticas públicas enfrentam um grande desafio, porque a tecnologia é aliada em todos os campos do conhecimento. Não obstante as escolas já estejam conectadas e alunos em posse de tecnologias, os professores ainda trazem essa falha na formação”, disse Alexandre Barbosa.

A TIC Educação revela que, em 2018, 64% dos professores até 30 anos tiveram a oportunidade de participar, durante a graduação, de cursos, debates e palestras sobre o uso de tecnologias e aprendizagem promovidos pela faculdade, assim como 59% realizaram projetos e atividades para o seu curso sobre o tema.

Por mais que tenham buscado aprimorar seus conhecimentos na internet ou com colegas, apenas 30% dos professores realizaram algum curso de formação continuada. No momento da realização da entrevista 30% das escolas particulares participaram de alguma iniciativa do tipo, enquanto que, entre as públicas, esse número era menor: 21%.

“O papel do gestor escolar é muito importante. Não basta ter infraestrutura

e vontade do professor se os responsáveis pelos programas de formação não estimularem e criarem as condições necessárias para que esse processo de formação continuada se estabeleça”, afirmou Leila Iannone, coordenadora da pesquisa.

CIDADANIA DIGITAL E USO SEGURO DOS DADOS

Além de apoiar os alunos na apropriação das ferramentas, a formação também é fundamental no que diz respeito ao uso seguro e consciente da tecnologia. Entre os educadores, 38% afirmam terem apoiado algum aluno a enfrentar situações como *bullying*, discriminação, assédio ou disseminação de imagens sem consentimento na internet.

A proteção de dados também é um assunto que ganha destaque na comunidade escolar. Entre os coordenadores pedagógicos entrevistados, 59% deles afirmaram que buscaram cursos, palestras e fontes de informação sobre a disseminação de dados dos alunos e da escola na internet.

Quando o assunto é segurança, os alunos reconhecem que recorreram aos professores para buscar auxílio sobre uso seguro da internet (48%) e receberam orientações para comparar informações em diferentes sites (51%).


CONECTIVIDADE

Assim como nos levantamentos anteriores, quase que a totalidade das escolas urbanas (98%) conta com um computador conectado à internet. Em 2018, apenas 12% das escolas públicas tinham uma conexão de banda larga de 11 Mbps ou mais rápida, enquanto que esse cenário já era percebido em 42% das escolas privadas. O acesso ao wi-fi também continua baixo entre os estudantes. Apenas 16% dos alunos de escolas urbanas afirmaram ter permissão para uso da rede sem fio. □

PARA SABER MAIS

● TIC Educação 2018: mod.ik/ticedu18

● Especial Tecnologia na Educação (Porvir): mod.ik/porvirt



PREPARE
SEUS ALUNOS
PARA TODOS OS
DESAFIOS
DA VIDA

Tenha ao seu lado a experiência
de um sistema de ensino que cria
líderes na escola e fora dela.

Saiba mais em:

www.sistema.fb.com.br





32 VEZES
EM 1º LUGAR

TRICAMPEÃO
NO ENEM
2016 | 2017 | 2018

1º NO IME

1º NA UNICAMP

SFB
SISTEMA FARIAS BRITO DE ENSINO

LIDERANÇA MUITO ALÉM DO 1º LUGAR



Um projeto educacional completo

Somos um projeto educacional completo, solidamente construído com base em uma matriz de competências e habilidades que conecta em rede todos os atores do processo (alunos, professores, escolas, famílias) por meio de recursos de aprendizagem, ambientes, serviços educacionais e avaliações.

 /unoieducacao

 @unoieducacao

 /unoieducacao

www.unoieducacao.com

Conteúdo: de volta para o futuro



A hand holding a tablet. The tablet screen displays a cityscape with a globe and a network overlay. The globe is on the left, and the cityscape is on the right. The network overlay consists of white lines connecting various points on the globe and city. The background is a light blue gradient.

Design universal, voz,
inteligência artificial,
big data: conheça
algumas das tendências
que prometem
revolucionar o livro
na próxima década.

TEXTO Gabriela Dias
e Ivonete Lucrío

O LIVRO é uma das tecnologias humanas mais duradouras: já se vão cerca de quatro milênios desde que surgiram as primeiras publicações em rolo. Ao longo desse tempo, o livro foi perseguido, proibido e até destruído, mas sempre achou um jeito de se reinventar. No século 21, não tem sido diferente.

A transformação digital do livro começou, de maneira tímida, na década passada. Os *e-books* surgiram imitando seus primos de papel, e assim continuaram por alguns anos, até que a tecnologia e os novos dispositivos de leitura — como *e-readers*, *smartphones* e *tablets* — permitissem sua evolução.

Segundo Reinaldo Ferraz, coordenador do NIC.br na área de publicações digitais e internet das coisas (IoT), esse desenvolvimento tecnológico vem modificando a forma como consumimos conteúdo. “Hoje é possível ler um livro digital em um aparelho e continuar em outro, seja ele um celular, computador ou *e-reader*. Imagino que no futuro teremos experiências cada vez mais ricas, com conteúdos *web* interagindo com livros, com outros leitores e com outros dispositivos”, diz ele.

FLEXIBILIDADE, UMA CARACTERÍSTICA FUNDAMENTAL

Parte desse caminho deve passar por uma maior adequação do livro a cada leitor. A flexibilidade é uma das tendências para a próxima década apontadas por André Matos, engenheiro de computação e CEO na Lumis. “O material didático do futuro será adaptável, fluido. No novo Ensino Médio, por exemplo, estudantes com diferentes itinerários formativos terão materiais distintos. Já se o objetivo for passar em determinado vestibular ou no Enem, o livro de cada aluno se adaptará a isso”, comenta.

Isso não quer dizer, porém, que o professor ficará sem saber o que sua turma está fazendo. Para André, um dos grandes erros dos últimos anos foram as tecnologias adaptativas, em geral voltadas para a autoinstrução. “Devemos tirar proveito da inteligência artificial e do *big data* para ajudar o educador, direcionando a forma como ele trabalha com esse ou com aquele aluno”, aconselha Matos.

Para André, tal futuro nem está tão distante. Em sua plataforma, chamada Essia, os dados resultantes das interações entre livros e leitores já permitem gerar relatórios para a escola e para os professores. “É possível ter informações sobre uso, participação e desempenho”, garante o CEO. “A diferença é que nos próximos anos essa tendência deve evoluir muito. O potencial dos dados para promover a eficácia da aprendizagem é muito grande”.

Hoje, a Essia possibilita um certo nível de customização. “A escola pode adaptar o material didático ao projeto dela, fazendo o sequenciamento de capítulos que desejar e inserindo conteúdos próprios”. Esse livro digital sob medida pode inclusive ser reordenado ao longo do ano letivo, contanto que não haja um equivalente em papel. “O pré-requisito para adotar a Essia é abrir mão do livro físico. É uma solução voltada para escolas que desejam 100% de transformação digital”.

TODOS PELA INCLUSÃO

O consultor em acessibilidade Pedro Milliet concorda que o futuro pressupõe uma customização do livro com base nas necessidades dos usuários — especialmente as de inclusão. “O conceito de design universal surgiu na década de 1970, mas desde 2015 vem sendo experimentado pela Unicef no livro didático. A intenção no início era chegar em um modelo de livro digital utilizável por todas as crianças, inclusive aquelas com deficiência motora, visual ou auditiva”.

Um dos desafios agora é desenvolver um padrão que funcione também para quem tem dificuldades de aprendizagem. Nessa categoria se encaixam desde alunos com déficit de atenção até casos mais específicos, como deficiência intelectual (síndrome de Down) ou psicossocial (autismo, por exemplo). “A partir de 2018 iniciamos pilotos no Quênia, Paraguai e Uruguai. É preciso desenvolver primeiro para países com menos recursos para que seja viável universalmente”, alerta Pedro.

O consultor acredita que a década seguinte verá o nascimento de um livro universal que “beneficiará todas as crianças, não apenas aquelas com deficiências. Podemos esperar que em dez anos o livro com design universal esteja implantado”. Ele espera que esse novo modelo empodere também os pais e professores, os quais vão precisar de formação específica. “É preciso treino para trabalhar com um formato e conteúdo tão diferentes daqueles com os quais se está acostumado”, explica.

Pedro ressalta que, segundo um relatório global da Unicef, crianças com deficiência têm mais chance de não completar a educação básica. Em países pobres ou em desenvolvimento, por exemplo, apenas de 1% a 2% dos alunos surdos são alfabetizados em língua de sinais. Para ele, o design universal e o treinamento de professores são medidas essenciais para reverter esse quadro de exclusão.

INTEGRAR PARA SOBREVIVER

Há outro ponto em que os especialistas concordam: a importância do áudio para o livro do futuro. Eles lembram que, na verdade, os audiolivros já são um

UMA GERAÇÃO MOVIDA PELA VOZ



JÁ VIROU lugar comum falar que os estudantes de hoje são *digital first*, ou seja, nativos digitais – crianças e adolescentes para quem celulares e redes sociais são tão naturais quanto a televisão era para gerações anteriores. Mas agora há mais uma interface a ser considerada, especialmente no caso dos mais jovens: a voz.

Bem-vindo à era das crianças acostumadas a perguntar para assistentes de voz como a Siri (da Apple) ou o Google Assistente qual a distância da Terra à Lua ou como resolver uma equação. Não há dúvida de que, em breve, o conteúdo didático precisará se adaptar a esse novo cenário. “No início dos anos 2010, vimos os primeiros vídeos de bebês da geração *touch*, que tentavam interagir pelo toque também com materiais impressos”, lembra a especialista Tara Marsh. “As crianças que estão crescendo hoje com assistentes de voz serão parte de uma nova geração, os *voice natives*”.

Na verdade, a importância do áudio para o mercado editorial já é tanta que a Feira do Livro de Frankfurt, um dos maiores eventos do setor, passará a ter uma área totalmente dedicada a audiolivros, *podcasts* e assistentes de voz. Em 2019, a feira terá ainda uma área temática, um espaço para exposições e uma conferência relacionados ao áudio.

Mas será que, no caso da educação, ouvir uma informação seria tão eficiente quanto ler? Ao menos para adultos, parece que sim. Um estudo feito em 2016 na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, avaliou 121 pessoas entre 25 e 40 anos, divididas em três grupos: o primeiro leu trechos de um livro não ficcional sobre a Segunda Guerra Mundial; o segundo ouviu o mesmo trecho; o terceiro leu e ouviu. Segundo os pesquisadores, não foi registrada diferença significativa entre os três grupos na compreensão e retenção das informações.

fenômeno (ver quadro). “Na Essia já temos escolas perguntando se os alunos também podem ouvir os livros”, relata André. Para Pedro, a importância desse recurso tem a ver, de novo, com a inclusão. “É fundamental para deficientes visuais. Mesmo no design universal, o áudio pode ajudar a integrar melhor o conteúdo interativo”.

Nos próximos dez anos a tendência se aprofundará, dizem eles. “Precisamos trabalhar em modelos de livro em que você possa usar a voz como forma de interação, como interface”, defende André. Para Reinaldo, do NIC.br, a tecnologia vai possibilitar “a imersão cada vez maior do usuário” e deve abranger não só o livro digital, mas também “diversos tipos de publicações na rede”.

Essa amplitude maior deverá marcar a década de 2020. Com a entrada do W3C (consórcio que regula a internet) na padronização técnica dos *e-books*, a partir de 2017, diversos grupos se formaram para repensar o formato — e eles têm até o ano que vem para anunciar suas recomendações. “Hoje já podemos acessar uma página no computador, no celular, no *tablet* e em outros dispositivos. Isso deve se expandir para outros tipos de *hardware* e *software*”, acredita ele.

O coordenador do NIC.br vê como “natural” a integração entre tecnologias: “A grande vantagem é que assim podemos dar o poder de decisão ao usuário. Ele vai poder escolher se quer consumir um conteúdo nos óculos de realidade virtual, no *e-reader* ou no telefone”. Já André lembra que, para evoluir, é preciso ficar atento aos modelos de interação das plataformas mais populares, pois elas tendem a influenciar as expectativas dos usuários. “Na Essia, por exemplo, tiramos proveito do modelo das redes sociais, que é o que as pessoas usam para se comunicar. Em cinco anos, é provável que esse modelo mude, e aí as plataformas de educação terão de se adaptar também”.

PARA SABER MAIS

- MARSH, Tara. *Growing up with Alexa: "voice natives", the new digital natives*. LinkedIn, fev. 2018. Disponível em: mod.lk/tmars. Acesso em 16 jul. 2019.
- ROGOWSKY, Beth A.; CALHOUN, Barbara M.; TALLAL, Paula. *Does Modality Matter? The Effects of Reading, Listening, and Dual Modality on Comprehension*. SAGE Open, set. 2016. Disponível em: mod.lk/educ1743. Acesso em 17 jul. 2019.
- Unicef. *Libros de texto digitales accesibles en diseño universal para estudiantes con y sin discapacidad*. Jan. 2019. Disponível em: mod.lk/unicef43. Acesso em 17 jul. 2019.

**SUA ESCOLA
PREPARADA**

PARA O

**FU
TU
RO**



A ESSIA É UMA PLATAFORMA DE CONTEÚDO QUE OFERECE UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE ESTUDO 100% DIGITAL COM PERSONALIZAÇÃO TOTAL PARA A ESCOLA.

As escolas montam livros customizados com os conteúdos da Moderna para o Fundamental 2 e Ensino Médio, conforme o perfil de seus alunos e as necessidades do professor.

Benefícios de ser 100% digital

1



Conteúdos customizados de acordo com o perfil da escola

2



Mais interatividade entre professores e alunos dentro do livro digital

3



Estudo personalizado com qualidade editorial

4



Relatórios de resultados para acompanhamento do aprendizado

AGENDE UMA VISITA

0800 17 2002 • moderna@moderna.com.br

 /editoramoderna

 @editoramoderna



A Educação bilíngue no Brasil: o que está acontecendo, afinal?

Diretrizes, fundamentos e tendências para escolas que querem oferecer educação bilíngue de qualidade.

TEXTO *Antonieta Megale*

PARA QUEM trabalha com educação básica no Brasil, há uma nova palavra em circulação: BILÍNGUE. Enfrentamos um novo discurso que nos leva a crer que a escola bilíngue oferece as oportunidades necessárias para formar alunos hábeis o suficiente para enfrentar as demandas da contemporaneidade. Com isso, vivenciamos a abertura de muitas escolas bilíngues brasileiras e a implementação dos denominados programas bilíngues em escolas já em funcionamento. Embora todas essas escolas estejam alocadas sob a égide do termo bilíngue, elas diferem muito entre si em relação ao entendimento conceitual do que é educação bilíngue, à estruturação do currículo e ao modelo de educação bilíngue adotado. Desse modo, é fundamental que não cometamos o equívoco de uma associação direta ao relacionarmos sem uma investigação criteriosa a denominação bilíngue a uma educação necessariamente de qua-

lidade. Para começarmos essa reflexão, é pertinente mapearmos o contexto sociolinguístico brasileiro. Isso porque não podemos pensar em qualquer iniciativa educacional dissociada das demandas do contexto no qual estamos inseridos. Podemos partir então da pergunta a seguir.

O PORTUGUÊS É MESMO A ÚNICA LÍNGUA DO BRASIL?

O mito do monolinguismo, fortemente enraizado no Brasil, está na base do “apagamento” da existência das minorias linguísticas do país, compostas por membros de nações indígenas, de comunidades surdas e de imigrantes que representam uma parcela considerável da população brasileira. »





» O Brasil é um país marcadamente constituído por uma grande diversidade cultural e linguística. Conforme Maher (2013, p.117), além do português, “são faladas, hoje, em nosso país, mais de 222 línguas”. Como enfatizado pela autora, esse número se refere não a línguas estrangeiras em uso no país, mas sim ao número de línguas maternas “de cidadãos brasileiros natos” utilizadas no dia a dia, em várias comunidades do território nacional. Entretanto, existe um imaginário de que o Brasil, além de ser uniforme culturalmente, é uma nação onde se fala única e exclusivamente o português.

A esse respeito, Oliveira (2009) explica que o “conhecimento” de que no Brasil se fala o português, e o “desconhecimento” de que muitas outras línguas foram e são igualmente faladas foram produzidos com o propósito de silenciar e interditar muitos brasileiros que não têm o português como língua de nascimento. Com isso, a capacidade desses grupos de se fazer representar nos âmbitos nacionais institucionalizados de gestão das políticas que lhes dizem respeito é substancialmente enfraquecida.

De modo geral, é possível constatarmos que a construção do Brasil foi marcada por políticas de repressão linguística implementadas ao longo de sua história. Essa constatação, nos leva a uma segunda pergunta.

EM UM PAÍS QUE HISTORICAMENTE NEGLIGENCIOU SUAS LÍNGUAS, POR QUE O INGLÊS PASSOU A TER UMA POSIÇÃO DE DESTAQUE?

Línguas ou modos de falar são formas de capital simbólico que estão desigualmente distribuídos na sociedade (BOURDIEU, 1977). Nessa perspectiva, as línguas se tornaram mercadorias, mais ou menos valorizadas. Sob essas condições, em que ideologias e práticas linguísticas são tensionadas, a língua inglesa foi alçada, por motivos políticos e econômicos, à posição de bem essencial também no Brasil.

Há que se considerar, ademais, que o aumento das trocas comunicativas entre pessoas de diferentes origens tem colocado em evidência a importância da língua inglesa, hoje considerada por muitos a língua de comunicação mundial por excelência (RAJAGOPALAN, 2009).

Observamos, assim, o aumento do interesse e uma certa preocupação pela aprendizagem do inglês no Brasil. Como uma das decorrências, observamos o notável crescimento das escolas bilíngues por todo o território brasileiro, que têm como línguas de instrução o inglês e o português.

Ao refletir sobre a gênese e natureza desse tipo de escola, Marcelino (2009) esclarece que, tradicionalmente, os pais brasileiros escolhiam os colégios para seus filhos com base na proposta geral de ensino da instituição e a aprendizagem de uma outra língua era “delegada” aos institutos de idiomas, ainda que os currículos das escolas nas quais seus filhos estavam matriculados contemplasse o ensino de uma língua adicional. Com o tempo, as escolas regulares passaram a terceirizar o ensino de línguas adicionais. Porém, a terceirização, também, mostrou-se ineficiente, uma vez que pressupõe a entrada de uma instituição – os institutos de idiomas

– com seus próprios princípios e diretrizes, dentro de uma escola regular que funciona e entende os processos de ensino-aprendizagem de modos, muitas vezes, distintos dos observados por esses institutos. É nesse momento, então, que as escolas bilíngues brasileiras ganham destaque. Essas escolas têm grande adesão das famílias brasileiras, que passaram a percebê-las como uma oportunidade cômoda para “conseguir duas funções tão importantes e necessárias na educação de seus filhos: uma educação de qualidade e o ensino de um idioma” (MARCELINO, 2009, p.2).

MAS, AFINAL, O QUE É UMA ESCOLA BILÍNGUE?

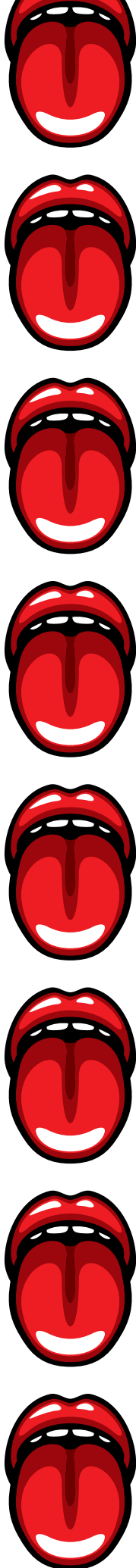
De forma geral, a educação bilíngue está relacionada à instrução que ocorre na escola em pelo menos duas línguas. As escolas bilíngues têm como foco oferecer aos alunos altos níveis de proficiência nas duas línguas utilizadas na escola, por meio de uma abordagem baseada na aprendizagem de conteúdos.

Em escolas bilíngues português-inglês, por exemplo, ao invés de somente aulas de inglês, nas quais a finalidade única é o aprendizado da língua-alvo, são ministradas aulas em inglês, que possuem finalidade dupla: o ensino da língua e o ensino do conteúdo. Isso quer dizer que uma escola bilíngue tem, por exemplo, aulas de ciências em inglês e, com isso, as expectativas de aprendizagem dessas aulas se relacionam com fenômenos científicos e com a construção de um repertório linguístico que permita ao aluno discorrer em inglês sobre o objeto de aprendizagem.

O QUE UMA ESCOLA BILÍNGUE PROMOVE (OU DEVERIA PROMOVER)?

A escola bilíngue opera por meio de duas línguas e, dessa forma, um de seus objetivos centrais é o de que seus alunos possam interagir em práticas sociais diversas por meio dessas línguas. Além disso, a escola bilíngue deve se preocupar com o aprendizado, por parte de seus alunos, de linguagem acadêmica referente às áreas que são ministradas em cada uma dessas línguas. É fundamental o entendimento de que não basta que o aluno, em uma aula de ciências ministrada em inglês, compreenda o conteúdo relacionado, por exemplo, ao aquecimento global. O aluno precisa, também, construir conhecimento linguístico-discursivo para que possa discorrer oralmente e por escrito sobre o tema, utilizando vocabulário e estrutura adequados a essa área de conhecimento.

Mas será que a preocupação central de uma escola bilíngue deve estar circunscrita às línguas que circulam em seu território? Embora saibamos da



importância de fazer uso adequado do inglês e do português de acordo com as situações de interação, a escola bilíngue deve centrar seus esforços para promover uma educação de qualidade. Nessa direção, o professor de ciências, que ministra aulas em inglês, não pode ser apenas um exímio falante dessa língua. É fundamental que ele seja um grande conhecedor dos pressupostos teóricos e metodológicos que perpassam seu objeto de trabalho: as ciências.

Somando-se a isso, uma escola bilíngue deveria ter como um de seus objetivos centrais o desenvolvimento de competências interculturais. Muitas vezes, erroneamente, é assumido que uma escola bilíngue promove um trabalho consistente com cultura de forma automática apenas porque há duas línguas que circulam em seu ambiente. No entanto, essas competências não serão desenvolvidas sem um trabalho sistematicamente planejado que perpassa todos os componentes curriculares.

Um primeiro problema que se coloca com esse trabalho nessas instituições é o próprio conceito de cultura que circula entre o corpo docente. É muito reducionista, em pleno século 21, o entendimento de cultura como espaços estáveis e imutáveis que são, na maioria das vezes, analisados por meio da comparação de características culturais e atributos que variam de nação para nação. Hoje em dia, a noção de cultura está relacionada a ideologias, atitudes e crenças que são manipuladas por meio dos discursos da mídia, da internet, da indústria de marketing ou por outros grupos dominantes. Cultura pode ser, então, compreendida como “subjetividade e historicidade, e é construída e mantida pelas histórias que contamos e os vários discursos que dão sentido às nossas vidas” (KRAMSCH, 2011, p.356).

Nessa direção, por meio de uma língua adicional como o inglês, podemos nos confrontar com visões de mundo distintas. Assim, o educando tem a possibilidade de ampliar seu repertório e decidir o que desses novos saberes importa para sua vida, ao lidar com textos orais e escritos nessa língua adicional e valer-se dela para agir, pode-se conhecer cada vez mais e, desse modo, formar sua própria visão mais atuante e informada acerca dos fatos. Portanto, o aluno se torna capaz de agir mais assertivamente em sua comunidade.

Podemos, então, afirmar que a escola bilíngue deve ter por propósito geral a formação de um cidadão capaz de atuar em cenários superdiversos como o que nos deparamos na atualidade. Isso ocorre quando o educando se torna cada vez mais capaz de avaliar seu lugar no mundo social e compreender como as diferenças foram produzidas ao

ter a possibilidade de acessar uma multiplicidade de discursos que circulam em nossa sociedade e ampliar seu repertório e sua visão de mundo.

COMO FINALIZAR TÃO BREVEMENTE ESSA DISCUSSÃO?

É preciso, portanto, refletir sobre que tipo de educação bilíngue queremos promover. Para a promoção de uma educação bilíngue de qualidade, é essencial o investimento na formação dos professores. Como se trata de um fenômeno relativamente recente no Brasil, a contratação de educadores se tornou uma problemática difícil de ser solucionada. É necessário o investimento em formação continuada e em serviço dos docentes de nossas escolas para que possamos assim oportunizar aos nossos estudantes formação consistente e, de fato, adequada às demandas da sociedade contemporânea.

COMO SABER MAIS SOBRE O TEMA?

A Richmond lançou um livro sobre educação bilíngue, escrito por professores e pesquisadores brasileiros, sobre o cenário nacional. O livro *Educação Bilíngue no Brasil* é o resultado de uma atividade coletiva de sete educadores-pesquisadores que atuam na formação de professores para escolas bilíngues brasileiras e que também ocupam, em seus fazeres diários, a posição de professores, coordenadores e assessores dessas instituições. Desse modo, a função primordial da obra foi atribuir sentidos ao cotidiano, revendo e significando teorias, práticas e demandas que nos deparamos. ■

PARA SABER MAIS

- BOURDIEU, P. *A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. *Afrânio (Orgs). Escritos de educação*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- KRAMSCH, C. *The symbolic dimensions of the intercultural. Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. v. 44. p. 354-367. Disponível em: mod.lk/cambridg. Acesso em: 18 jul. 2019.
- MAHER, T. M. *Ecos de Resistência: políticas linguísticas e as línguas minoritárias brasileiras*. In: NICOLAIDES et al. (Orgs.). *Políticas e Políticas Linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013. p. 117-134.
- OLIVEIRA, G. *Plurilinguismo no Brasil repressão e resistência linguística*. *Synergies Brésil*, n.7, p. 19-16, 2009. Disponível em: mod.lk/gilvan. Acesso em: 18 jul. 2019.
- RAJAGOPALAN, K. *The Identity of "World English"*. *New Challenges in Language and Literature*, FALE/UFMG, p. 97-107, 2009.

ANTONIETA MEGALE

é doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp. Bacharel em Comunicação Social. Coordenadora e Professora do curso de Pós-graduação do Instituto Singularidades. Tem experiência como coordenadora pedagógica da área de Língua Inglesa na educação básica, como assessora pedagógica de escolas bilíngues e regulares e na área de elaboração e revisão de materiais didáticos de Língua Inglesa.

Richmond Solution

DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO FUNDAMENTAL

Vamos construir **juntos** a trilha ideal para a sua escola percorrer o caminho da

transformação bilíngue



Nossa **missão** é potencializar a atuação dos docentes por meio de práticas e recursos que levem os estudantes a conquistar a excelência na língua inglesa.

RICHMOND SOLUTION
É SUA NOVA SOLUÇÃO
EDUCACIONAL DE INGLÊS.

Faça parte da **Richmond Solution** e garanta um curso de inglês certificado no currículo de seus alunos!

Parcerias
estratégicas:



Uma jornada 360°

1. DIAGNÓSTICO PERSONALIZADO

2. Consultoria curricular

3. Apoio ao desenvolvimento do plano de ensino

4. Recursos integrados

5. Implantação

6. Acompanhamento ativo

7. Correção de rotas

8. Avaliação

Richmond
Solution



Desenvolvido para carga horária de inglês de **2 a 3 horas semanais** para escolas que querem iniciar o caminho da transformação.

Richmond
Solution



Desenvolvido para carga horária de inglês de **4 a 5 horas semanais** para escolas que querem ir além.

ENSINO QUE CRIA CONEXÕES COM O MUNDO.

O **Educate Bilingual Program** é uma proposta educacional abrangente e inovadora. Oferecemos um programa completo com **certificação internacional** para alunos e professores, acompanhamento pedagógico contínuo e progressivo, envolvendo suporte na seleção de professores, treinamentos presenciais e à distância e comunicação com a comunidade escolar, além de materiais didáticos com a força e a liderança da marca **Richmond**.



Parcerias estratégicas:



Com nosso programa bilíngue, sua escola
contará com uma proposta gradual desde a

Educação **Infantil**

(a partir dos 2 anos)



até o
**Ensino
Fundamental**
(9º ano)

DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL PROGRESSIVO

CERTIFICAÇÃO

Ecosistema
Educate

ASSESSORIA
DE MARKETING

EXPERIÊNCIA DE
APRENDIZAGEM COMPLETA

0800-772-1040
www.educate.global

educate
by **Richmond**

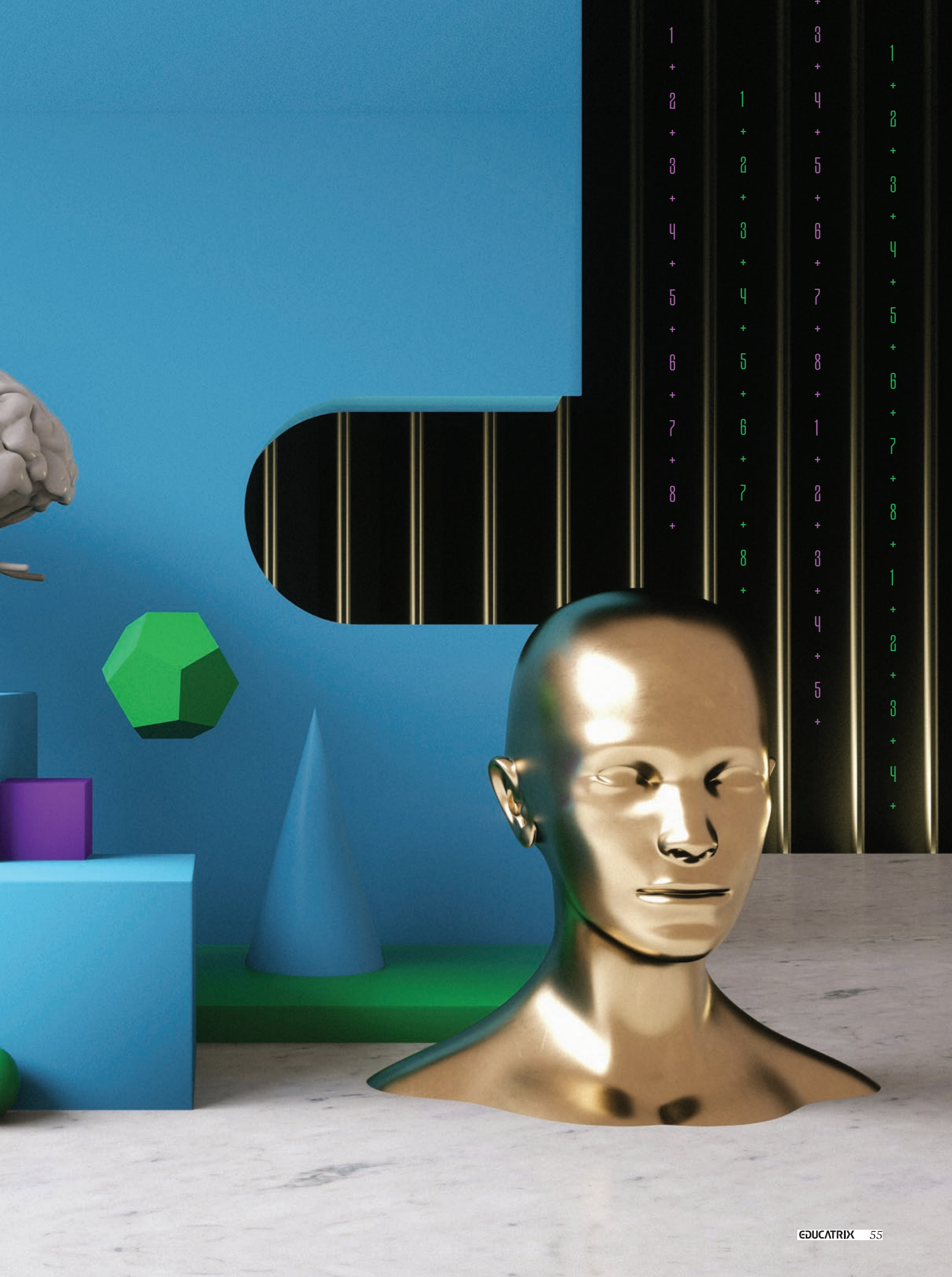
A neurociência a favor da educação matemática

Abordagens e metodologias para transformar os erros e as narrativas em caminhos para aprender sempre e de forma eficiente.

TEXTO *Fabio Martins de Leonardo e Romenig da Silva Ribeiro*

EM MEIO aos incontáveis desafios enfrentados pelos educadores brasileiros, a educação está mudando e exige novas adequações. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta as aprendizagens que devem ser garantidas a todo estudante da Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. O documento tem o intuito de nortear o currículo das escolas públicas e privadas do Brasil e determina, para cada etapa escolar, conhecimentos essenciais, competências, habilidades e objetivos de aprendizagem. Em sua essência, a BNCC visa ao preparo e ao desenvolvimento dos estudantes para a vivência, a convivência e a participação plena na sociedade. »





1
+
2
+
3
+
4
+
5
+
6
+
7
+
8
+

1
+
2
+
3
+
4
+
5
+
6
+
7
+
8
+

3
+
4
+
5
+
6
+
7
+
8
+
1
+
2
+
3
+
4
+
5
+

1
+
2
+
3
+
4
+
5
+
6
+
7
+
8
+
1
+
2
+
3
+
4
+



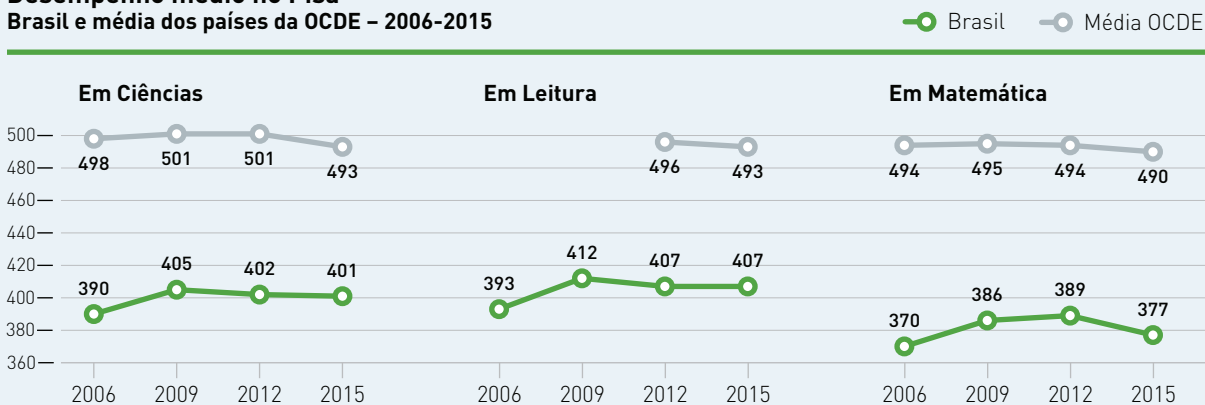
» Algumas competências gerais previstas pela BNCC abordam a relação dos alunos com o mundo do trabalho, a resolução de problemas e o uso de tecnologias como meio de resolvê-los. A Matemática ganha, então, espaço nas discussões e reflexões docentes, considerando-se sua relevância para o desenvolvimento dessas competências.

Há um longo caminho para atingir o objetivo maior de formar cidadãos críticos, atuantes e colaborativos, capazes de enfrentar os desafios do século 21. Esse caminho requer a adequação dos currículos, a formação inicial e contínua dos professores, a adequação, elaboração e o desenvolvimento de materiais didáticos e a criação de soluções educacionais eficientes. Essas propostas já contam com estudos recentes da área da Neurociência, como os trabalhos desenvolvidos por Jo Boaler ou David Dockterman. A aplicação das ideias desenvolvidas nesses estudos pode representar o início do processo para minimizar as desigualdades na Educação Matemática, que levam a um baixo desempenho nos exames nacionais e internacionais.

ALGUNS NÚMEROS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Há algum tempo, observamos o fraco desempenho dos estudantes brasileiros em avaliações de larga escala, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). Os resultados divulgados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com base na última edição do Pisa, de 2015, mostram estagnação no desempenho em Leitura e Ciências e queda no desempenho em Matemática. Se compararmos nosso resultado com o dos países-membros da OCDE, percebemos o quanto estamos atrasados e o grande desafio que temos pela frente. Em Leitura, a média desses países foi de 493 pontos, enquanto a média do Brasil foi de 407 pontos. Em Ciências, obtivemos 401 pontos contra 493 dos outros países. Em Matemática, que teve a primeira queda desde 2003, os estudantes brasileiros obtiveram 377 pontos, um resultado bem abaixo dos 490 pontos obtidos pelos países-membros da OCDE. Dos 72 participantes avaliados, o Brasil ficou na 65ª posição.

Desempenho médio no Pisa Brasil e média dos países da OCDE - 2006-2015

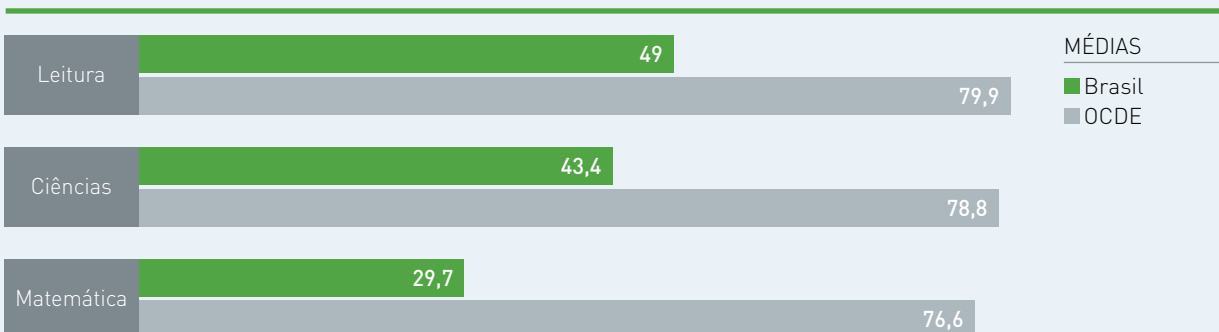


Fonte: MEC/Inep/DEED - PISA - OCDE.

De acordo com a OCDE, o nível 2 de proficiência é considerado o mínimo adequado para a plena participação na vida social,

econômica e civil. O cenário nacional é, portanto, trágico, já que 70,3% dos estudantes brasileiros estão abaixo desse indicador.

Porcentagem de estudantes acima do nível 2 Brasil e média dos países da OCDE - 2015 (Em %)



Fontes: Relatório Nacional Pisa 2015. Resultados Brasileiros.

Diante desses resultados, fica evidente a necessidade de investir em mudanças. Como educadores, é preciso refletir sobre o nosso papel docente e participar ativamente das discussões sobre a reforma do ensino brasileiro em todas as esferas, revendo a infraestrutura, a adequação do currículo à realidade e às necessidades dos alunos e a importância da formação profissional contínua.

A MATEMÁTICA E A BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

Grande parte das escolas brasileiras ainda ensina matemática de forma segmentada e conteudista, carente de formação específica de professores e vulnerável à inconsistência do sistema educacional. Essa prática influencia diretamente os resultados abaixo da média nas avaliações de larga escala. Ao refletir sobre os resultados do Pisa, o físico e estatístico alemão Andreas Schleicher, coordenador desse sistema de avaliação, disse que “conteúdo em excesso é sinônimo de aprendizado superficial”. Ele analisou o currículo de Matemática de diferentes países e concluiu que o currículo brasileiro contém o triplo de conteúdo do currículo de Singapura, país que está no topo nos índices de desempenho. Schleicher falou sobre a importância de “ater-se aos conceitos essenciais e às ferramentas que permitem ao aluno raciocinar melhor”.

Em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, o filósofo francês Edgar Morin afirma que “ao examinarmos as crenças do passado, concluímos que a maioria delas contém erros e ilusões, mesmo quando pensamos há vinte anos atrás e constatamos como erramos e nos iludimos sobre o mundo e a realidade. E por que isso é tão importante? Porque o conhecimento nunca é um reflexo ou espelho da realidade. O conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução”. Nesse sentido, o olhar crítico e reflexivo sobre as práticas didático-metodológicas brasileiras talvez seja uma estratégia mais adequada para nos manter abertos a outras linhas de pensamento e a abordagens capazes de enriquecer nosso repertório, ampliar nossa visão e possibilitar mudanças eficazes.

Diversos caminhos podem ser trilhados para atender às necessidades da educação nos dias de hoje:

➡ **Analisar sistemas educacionais de outros países** ou provenientes de realidades e contextos diferentes promove reflexões e enriquece as discussões sobre nossa realidade.

➡ **Conhecer instituições, pesquisas acadêmicas** e educadores diversos para buscar modelos que possam ser usados ou adaptados para o nosso contexto.

➡ **Investir em tecnologia** (aprendizagem móvel, ensino adaptativo e *big data*) com o intuito de uma educação personalizada, que viabilize a coleta de

informações de forma rápida e eficiente sobre o desempenho e a evolução desse aluno ao longo do aprendizado e em relação ao sistema educacional no qual está inserido.

A NEUROCIÊNCIA A FAVOR DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

De Santiago Ramón y Cajal, considerado o fundador da Neurociência, até os dias de hoje, a neurociência avançou consideravelmente e adentra várias áreas; entre elas, a educação. O estudo sobre como funciona o cérebro nos momentos de aprendizagem pode contribuir para as práticas pedagógicas de maneira bastante assertiva.

MENTALIDADES E CULTURA SOBRE O ERRO

A Matemática habitualmente é vista como assustadora para crianças e adultos. É considerada difícil, complicada e desinteressante. É associada ao cálculo puro e simples, acreditando-se que, quanto mais exercícios forem resolvidos no menor tempo possível, mais eficiente será seu aprendizado. Esse pensamento a reduz a uma disciplina de desempenho, o que pode causar ansiedade nos estudantes e afastá-los ainda mais do interesse em conhecê-la.

Carol Dweck, professora na Universidade de Stanford e autora do bestseller *Mindset: a nova psicologia do sucesso*, em que disserta a respeito de *mindsets* (“mentalidades”, em tradução literal), afirma que a maneira como as pessoas enxergam a própria relação com a aprendizagem pode influenciar diretamente a qualidade e o nível dessa aprendizagem. Dweck define como “de mentalidade fixa” as pessoas que acreditam na possibilidade de aprender, mas não são capazes de mudar o próprio nível de inteligência, limitando-se inconscientemente. Isso significa que, se uma pessoa acredita que não consegue aprender Matemática, por exemplo, ela terá dificuldades em seu processo de aprendizagem. Em contrapartida, há a “mentalidade de crescimento”, que se refere às pessoas que acreditam que, com trabalho árduo, a inteligência se transforma e elas podem atingir o mais alto grau de compreensão e domínio do conhecimento. Então, na mesma medida em que uma mentalidade pode prejudicar a aprendizagem, ela também pode potencializar.

Sabemos que o erro faz parte do processo de aprendizagem. Mas a Neurociência trouxe à luz a relevância dos erros. Jason Moser, psicólogo da Universidade de Michigan, documentou em suas pesquisas o que acontece com o cérebro humano ao errar: sinapses! Quando uma pessoa erra, são disparadas sinapses, e seu cérebro reage mais intensamente do que quando ela acerta. Segundo Moser, as pessoas sequer precisam estar conscientes do erro, o que pode parecer confuso, mas faz sentido se pensarmos em como um erro genuíno acontece. Se um problema suficientemente complexo é apresentado a um aluno e ele não desiste, persiste, buscando a solução, mesmo ao errar, o cérebro está trabalhando. A sinapse é ainda mais intensa em pessoas com a mentalidade de crescimento. O efeito dessas reações é o “crescimento” do cérebro. ➤



» É interessante perceber como alguns fatos e pesquisas convergem para bons resultados. Muitos países orientais apresentam bons desempenhos no Pisa. Dentre eles, podemos citar a China e o Japão. Segundo Jo Boaler, em seu livro *O que a Matemática tem a ver com isso? Como professores e pais podem transformar a aprendizagem da Matemática e inspirar sucesso*, nesses países, a cultura em relação aos erros é bem diferente da nossa. Enquanto no Ocidente (e no Brasil), o erro em Matemática pode ser interpretado negativamente, nas aulas que Boaler documentou, os erros são vistos como descobertas ou oportunidades. Em Xangai, os alunos ficaram animados em compartilhar as estratégias que não funcionavam, dividindo-as com toda a turma para que todos pudessem aprender. Esse fato também é documentado no artigo *Matemática para todos*, publicado pela revista *Cálculo*, em que se analisa a postura de professores em sala de aula no Japão, comparando-a com a postura de professores em salas de aula nos Estados Unidos. No Japão, o erro é visto como descoberta – uma maneira que não funciona para resolver um problema –, enquanto nos Estados Unidos, o erro é visto como um problema, algo a ser corrigido ou remediado.

Ao levar em consideração essas e outras descobertas, podemos criar ferramentas e meios de intervenção no processo de ensino-aprendizagem. Um exemplo disso é a plataforma AXIOS, cujo foco é o diagnóstico dos erros mais cometidos por uma turma em determinado assunto. A plataforma trata os erros como estratégias equivocadas, justamente para que o peso de errar seja reduzido. A ideia é identificar essas estratégias, discuti-las com a turma, para então, retomar o assunto de outras maneiras, com foco no conceito no lugar dos algoritmos decorados. A “fotografia” da turma possibilita um processo de engenharia didática ao professor, por meio do qual poderá propor intervenções pedagógicas o mais rápido possível, evitando que uma estratégia equivocada ou a compreensão equivocada de um conceito perdure e siga adiante na formação escolar.

AS NARRATIVAS E A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMO ESTRATÉGIAS PARA ENGAJAR E MOTIVAR OS ALUNOS

A falta de atenção e a desmotivação dos alunos são recorrentes nas salas de aula e afetam diretamente sua aprendizagem. É fundamental buscar estratégias e recursos para despertar o interesse pelos estudos e engajar a turma na rotina escolar. As narrativas são uma poderosa ferramenta para trabalhar a empatia e envolver os estudantes ao longo de seu aprendizado.

Pesquisas recentes de David Dockterman, professor catedrático de Educação Matemática na Universidade de Harvard, mostram que as experiências e o conhecimento acumulados de cada pessoa influenciam seu compromisso com a busca de informação. Todos nós somos atraídos por descobrir, mas nem todos queremos descobrir as mesmas coisas. Segundo Dockterman, a narrativa e a busca de informação têm papel especial na maneira como nosso cérebro aprende e se relaciona com o mundo. As histórias, por exemplo, nos ajudam a recordar. Antes de criar a escrita, as pessoas usavam outras

ferramentas para ajudá-las a recordar e transmitir regras sociais, hierarquias e rituais culturais. Os bons narradores aproveitam essas características cognitivas para captar nossa atenção, injetando incerteza no conhecido. Convidam-nos a conhecer mundos em que nosso cérebro opera próximo a uma zona de busca de informação. Sabemos o suficiente para tentar adivinhar o que acontecerá, mas acontecerá e como uma pessoa poderá se sentir, mas sem termos certeza.

“As narrativas mais poderosas também nos afetam emocionalmente. Não importam apenas nossas previsões, mas também os personagens. As histórias nos levam mais além de uma simples busca de informação: conectam e desenvolvem empatia e habilidade de ver o mundo através dos olhos de alguém. Os pesquisadores chamam esta habilidade de Teoria da Mente”, afirma David Dockterman no artigo *Conectar as emoções para a aprendizagem matemática: o poder de uma boa história*. A conexão emocional com os personagens pode influenciar o comportamento das pessoas. Dockterman complementa dizendo que “a mescla entre drama e personagens provoca uma mudança química em nosso cérebro. Os neurocientistas têm observado a ativação de áreas associadas com a Teoria da Mente e com a empatia durante a exposição a este tipo de narrativa”.

Tradicionalmente, no ensino da Matemática, as respostas exatas são resultados importantes, principalmente no campo da Aritmética. Problemas como “qual é o resultado da operação $8 + 3$?” são recorrentes, mas não captam o impulso motivador de busca da informação. Refletindo sobre isso, David Dockterman fala sobre a “incerteza de baixo risco”, que pode ser introduzida nas aulas e incentivar os alunos à reflexão. “Em vez de enfatizar o resultado, por exemplo, pode-se centrar a atenção no processo. De quantas formas distintas podemos obter $8 + 3$? Duas? Três? Cinco? Pode-se contar $8 + 1 + 1 + 1$. Ou podemos simplesmente recordar uma soma memorizada. Outra opção é decompor 3 em $2 + 1$ e usar a estratégia de obter 10 : $(8 + 2) + 1$ ”. Assim, a ação de averiguar é satisfatória e os alunos podem refletir sobre as possibilidades para a obtenção do resultado. Dockterman amplia a ideia para problemas mais complexos. “A incerteza também pode ser introduzida de maneira produtiva na definição de um problema. Há vários exemplos que apresentam tentativas de se obter as possibilidades de busca de informação dos estudantes desta maneira. Um método é apresentar uma situação sem uma pergunta. Sofia tem 50% mais seguidores em redes sociais que Hector. Hector tem 112 seguidores. Com isso se pode desafiar os estudantes com questões como: quantos problemas matemáticos podemos criar com essas informações? ou “o que será pedido para resolver com essa informação? Ambas as perguntas ativam o pensa-



QUEM É JO BOALER?

Jo Boaler é professora de Educação Matemática na Universidade de Stanford (EUA) e cofundadora do YouCubed, site criado para oferecer a professores e pais recursos e ideias para que eles inspirem e incentivem os estudantes para conhecer a Matemática. Boaler é analista para testagem do Pisa na OCDE e autora do primeiro Curso On-line Aberto e Massivo (MOOC) de ensino e aprendizado de Matemática.

mento matemático e a curiosidade pela busca de informação”.

Seguindo as linhas de pesquisa de Jo Boaler sobre o erro e as recentes publicações de David Dockterman sobre as narrativas e a resolução de problemas, a obra *Compartilha Matemática*, destinada aos Anos iniciais do Ensino Fundamental, foi estruturada e concebida para promover experiências de aprendizagem e para, através de histórias, conectar emocionalmente os estudantes com a Matemática. No material, destaca-se a resolução de problemas de forma que os alunos não se limitem à aplicação de conceitos e procedimentos. Propõe-se a criação de enunciados, identificação e representação de variáveis, identificação de perguntas importantes e outros elementos necessários para desenvolver o raciocínio e preparar os alunos para enfrentar situações do mundo real. Os estudantes criam argumentos, interagem com os colegas e mobilizam diferentes recursos cognitivos no processo de aprendizagem. É uma construção ambiciosa que reúne o ponto de vista da Educação Matemática e da Neurociência. O currículo foi organizado com base na estrutura em espiral de Bruner, na qual o aluno passa por um assunto em mais de um momento no processo de formação. Essas passagens têm diferentes graus de abstração, pois empregam um dos recursos do método Singapura – metodologia de Concreto-Pictórico-Abstrato (CPA). Os alunos, nos momentos adequados, devem lidar com os conceitos nesses três níveis de abstração em pontos diferentes da aprendizagem. Isso permite que o foco seja dado ao conceito, na medida em que se manipula o objeto de conhecimento.

A MUDANÇA E A BUSCA DE MELHORES RESULTADOS

Uma vez que os resultados em testes padronizados nos dão indícios de que mudanças nos processos de ensino e aprendizagem são necessárias, essas mudanças devem ser feitas de forma embasada e abranger todos os envolvidos: gestores públicos, gestores escolares, professores, pais e os próprios estudantes. Como pudemos ver nos trabalhos de Jo Boaler, Carol Dweck e David Dockterman, é preciso mais do que novos materiais didáticos ou plataformas educacionais, é imprescindível uma mudança de cultura dos envolvidos.

Esperamos que a postura de reflexão contínua sobre o trabalho realizado, a busca de novos caminhos, embasados em pesquisas acadêmicas e a renovação dos materiais didáticos e de soluções educacionais possam contribuir para alcançarmos melhores resultados nas avaliações e para formar cidadãos capazes de enfrentar os desafios do século 21. □

PARA SABER MAIS

© YouCubed: www.youcubed.org/pt-br

FABIO MARTINS DE LEONARDO

é licenciado em Matemática pela USP e editor executivo de Matemática na Moderna.

ROMENIG DA SILVA RIBEIRO

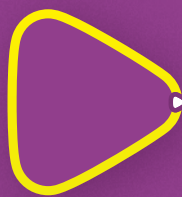
é mestre em Ciência da Computação pela USP e editor de Matemática na Moderna.



MODERNA

compartilha

A educação 4.0 chegou!



O **Moderna Compartilha** empodera sua **escola** por meio de um **projeto vivo** que valoriza o trabalho por competências, a experiência plena da cultura digital, além de oferecer conteúdo de qualidade, formação e desenvolvimento contínuo aos educadores. Tudo para **ressignificar a relação do conhecimento** nessa nova era educacional.

Formação integral do aluno

Big Data com segmentação de informações que auxiliam o processo de aprendizagem

Metodologias ativas que colocam o aluno como protagonista

Competências socioemocionais que promovem atitudes de cidadania mais assertivas

Desenvolvimento docente para que os professores estejam em constante evolução

Cultura maker que auxilia o agir com um aprendizado ativo e experimental

Gamificação com desafios tecnológicos e maior engajamento dos alunos

Gestão da aprendizagem em que o professor orienta e personaliza a maneira de estudar

UM PROJETO GLOBAL

+ de **250 mil** alunos no Brasil

+ de **1,1 milhão** de alunos no mundo

Conheça mais em:
modernacompartilha.com.br

 /Moderna.Compartilha

Território educativo: como se tornar uma escola transformadora?

Planejamento coletivo e gestão democrática são caminhos de ampliação da escola para a transformação da comunidade.

TEXTO *Helena Singer*

JÁ SE TORNOU corriqueiro nos debates sobre educação lembrar que o mundo vem mudando rapidamente nas últimas décadas e que este campo social, especialmente no que se refere à sua principal instituição — a escola e o sistema escolar —, precisa se reinventar para a nova realidade. Vamos avançar um pouco mais nessa reflexão. »





» A revolução tecnológica possibilitou a coordenação eficiente de grande número de fornecedores independentes, demolindo o gigantismo burocrático que dominava a organização interna das empresas, marcadas por fortes hierarquias e departamentalização dos conhecimentos. Na mesma direção, possibilitou a multiplicação de micro, pequenas e médias empresas na indústria, na agricultura e nos serviços, que passaram a se organizar em rede, não mais nas estruturas hierárquicas anteriores. Nos ambientes de trabalho, valoriza-se cada vez menos a alta especialização e cada vez mais a participação e criação.

A produção de conhecimento científico e de bens culturais passou a se organizar também de modo descentralizado, com base em novas e sofisticadas formas de trabalho em equipe e em rede, e a catalisação de oportunidades e recursos.

Estão dadas as condições tecnológicas para que pessoas e coletivos sejam agentes econômicos e sociais produtivos e, mais importante, agentes de mudanças sociais positivas. Para que isso se torne realidade, é urgente um projeto nacional de desenvolvimento sustentável, que valorize a diversidade ambiental e cultural do país para a superação da sua inaceitável desigualdade econômica. Um projeto dessa natureza permite reconhecer o papel estratégico que as escolas podem desempenhar. Como a principal instituição formadora das novas gerações e produtora de conhecimento, a escola pode catalisar processos e projetos que favoreçam o desenvolvimento local.

Hoje no Brasil, assim como em muitos outros países, a escola é o equipamento público mais bem distribuído pelo território nacional. Tal equipamento possui um corpo multidisciplinar de profissionais, proximidade cotidiana com as famílias e a maior de todas as potências nacionais: as crianças e os jovens. Essas pessoas que, não tendo sido formadas no mundo da repetição, das hierarquias e especializações, não têm nada a desaprender e possuem todas as condições para se desenvolverem como agentes de transformação positiva.

ESCOLA TRANSFORMADORA

A transformação da escola em um centro local de produção de conhecimento e cultura começa pela construção coletiva do seu projeto político pedagógico (PPP). Gestores, professores, colaboradores,

estudantes, famílias e agentes da comunidade são convidados a refletir juntos sobre o contexto em que se encontram. Considerando o contexto social, a origem e a cultura das pessoas do lugar, os desafios econômicos, sociais e ambientais e as potências locais, qual o papel que a escola deve desempenhar para que as crianças e jovens daqui tenham condições de se realizar pessoal e profissionalmente?

Ao responder a tal pergunta coletivamente, o projeto pedagógico da escola definirá sua visão, seus valores e sua forma de organização. A partir disso, a cada ano o currículo será desenhado de modo a engajar estudantes e professores em processos de pesquisa e projetos de intervenção que possibilitem a realização do objetivo maior da escola. Partindo do levantamento da história, da paisagem, das expressões e tradições culturais e dos desafios socioambientais, cada instituição define seu plano anual, considerando as potências locais, os objetivos comunitários e os interesses dos estudantes, para o desenvolvimento de projetos coletivos que, ao mesmo tempo e tomam o lugar um território educativo, possibilitam que os estudantes aprendam a manejar e interpretar as informações, criando novas soluções e oportunidades.

A base metodológica da escola transformadora busca garantir o desenvolvimento de quatro habilidades fundamentais para o mundo em constante transformação. A primeira é a empatia: já não é possível realizar o bem comum seguindo estritamente as regras, por isso dependemos cada vez mais da capacidade de compreender as diferentes formas de conexão entre pessoas, seres vivos, coletivos e instituições, e como as mudanças constantes afetam tais conexões para, assim, encontrar as soluções que priorizam o todo. A empatia só pode se desenvolver no coletivo. O primeiro coletivo é a própria escola, na qual os estudantes devem ser convocados a participar da elaboração e da implementação das regras de convivência, da mediação de conflitos e dos cuidados com o outro e com o que é de todos. O segundo coletivo é a comunidade em que o estudante deve se engajar e a comunidade em que está inserida a escola. É no contexto comunitário que o estudante deve ser participante ativo nos processos de investigação, reflexão e intervenção sempre pautados pelo bem comum.

Neste mundo em constante transformação, as

institucionalidades, os departamentos e as hierarquias têm cada vez menos relevância. As pessoas estão frequentemente atuando em grupos diversos, novas equipes se formam em torno de objetivos comuns e depois se dissolvem. Ser capaz de assumir papéis diferentes e complementares em equipes diferentes, ora liderando processos, ora sendo liderado, é condição básica para a realização profissional e social. Chegamos aqui à segunda habilidade a ser desenvolvida na escola transformadora: trabalhar em equipes fluidas, com pessoas de competências, culturas e interesses diversos, construindo projetos conjuntos.

Cada vez mais, há uma urgência pela atitude. É um momento histórico em que não há tempo para soluções que colocam em risco a própria existência de futuro. O imediatismo e as emergências exigem indivíduos com uma atitude ao mesmo tempo prudente e criativa, que sejam capazes de formular novas soluções para problemas socioambientais ur-

gentes. Soluções que criadas com base no domínio das diferentes linguagens, ciências e saberes, mas que sejam capazes de reinventá-las. A criatividade é, portanto, outra habilidade a ser desenvolvida.

A síntese de tudo isso pode ser o tão falado protagonismo do estudante. Esse pode ser um termo que expresse o movimento de o estudante se sensibilizar em relação a alguma questão, engajar outras pessoas no processo de criar ideias para enfrentá-la e colocar tais ideias em prática. O estudante transforma seu meio ao mesmo tempo que se transforma.

TERRITÓRIO EDUCATIVO

A escola que forma indivíduos capazes de se reconhecer como agentes de mudança e que conhecem sua potência para melhorar o mundo, catalisa processos que transformam seus contextos em territórios orientados para o pleno desenvolvimento de todos. »

←
QUANDO A ESCOLA
SE RECONHECE
COMO **AGENTE**
DA COMUNIDADE,
TRANSFORMA
SEU CURRÍCULO
PARA ATENDER
AOS PROBLEMAS
LOCAIS.





» Quando a escola mobiliza sua equipe e seus estudantes para investigar o lugar o em que está e os convida a pensar como o ambiente pode ser melhorado, invariavelmente induz a conhecer outros agentes do território que também têm potencial para transformá-lo e estão disponíveis para isso.

Normalmente há em um mesmo território, outros estabelecimentos do sistema educacional, creches ou escolas, voltadas para outros níveis de ensino ou pertencentes a outras redes de ensino. Em alguns casos, há também instituições de nível superior. É comum que a maior parte de crianças de uma determinada creche siga para a mesma escola da Educação Infantil, dessa para a de Ensino Fundamental e, às vezes, até para a escola de Ensino Médio. Acontece com frequência de a mesma família ter filhos em diferentes estabelecimentos de ensino do mesmo bairro. No entanto, apesar de todas essas conexões, é raro que esses estabelecimentos se encontrem. A escola que se identifica como um agente da comunidade vai, muitas vezes, buscar conhecer, trocar experiências e unir forças com as outras escolas, criando, em alguns casos, até mesmo um plano educativo local. Esse plano parte do compartilhamento de experiências, visões e desafios das instituições do lugar, da definição de objetivos comuns e da eleição de prioridades.

No compartilhamento dos desafios enfrentados pelas escolas do mesmo território, certamente elas se deparam com questões que não são capazes de solucionar sem o engajamento de agentes de outros setores: alunos que faltam muito porque as famílias estão passando por situação de vulnerabilidade, estudantes que sofrem violência doméstica, jovens que precisam sair mais cedo porque não há transporte público no horário necessário, episódios recorrentes de assalto no entorno da escola. Para enfrentar problemas desse tipo, as escolas precisam buscar outros agentes do território: assistência social, saúde, transporte, segurança, entre outros. Juntos, criam estratégias que fazem funcionar o sistema de garantia de direitos e são capazes de mobilizar a comunidade local para reivindicar seus direitos. Por isso, as associações de moradores e outras organizações comunitárias são agentes estratégicos do território educativo.

O diagnóstico feito pelas escolas pode apontar desafios ambientais, ausências de espaços de lazer

e oportunidades culturais. Nesse caso, os parceiros a serem procurados são os da cultura, esporte, comunicação, meio ambiente, entre outros. Tanto os equipamentos públicos quanto os agentes comunitários e mesmo os equipamentos privados.

Um bom exemplo é o Bairro Educador de Heliópolis, na cidade de São Paulo, em que a catalisação de todo o processo foi feita pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Campos Salles, em aliança com a União de Núcleos e Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS). Concentrando-se inicialmente na transformação de uma área degradada no entorno da escola em uma área de lazer que comportasse mais escolas para atender à alta demanda local, a aliança iniciada no final dos anos 90 segue até hoje, incluindo cada vez mais agentes para atender aos 125 mil moradores da região.

Com mais de mil estudantes, na Campos Salles, não há aulas. Nem salas de aula. Em um ambiente que valoriza a convivência democrática, a estrutura é de amplos salões, com mesas em que grupos de estudantes trabalham juntos, com base em roteiros de pesquisas escolhidos por eles. Quando precisam de ajuda, recorrem aos três professores que estão no espaço no momento. Os professores trabalham em parceria, rompendo com a estrutura do isolamento da sala de aula. A gestão da convivência escolar é feita pela República de Alunos, em que há um prefeito e vereadores eleitos pelo conjunto de estudantes, secretários nomeados pelo prefeito e comissões mediadoras.

Da aliança entre a Campos Salles e a UNAS, nasceu a Caminhada da Paz, que há 20 anos leva milhares de pessoas às ruas do bairro, com bandeiras e cartazes, resultantes de pesquisas que envolvem estudantes e educadores ao longo do ano. A organização anual da Caminhada é feita pelo Movimento Sol da Paz, que une escolas, associações de moradores, organizações da assistência social, da cultura e do esporte.

Há uma dimensão quantitativa dos resultados alcançados. Além da Campos Salles, a comunidade conquistou uma escola de Educação Infantil, uma escola técnica e uma universidade aberta. Na escola técnica, são oferecidos cursos de escolha da comunidade - nutrição, edificações e *webdesign*. O Bairro Educador de Heliópolis conquistou também onze Centros de Educação Infantil (CEI), oito

Centros da Criança e do Adolescente (CCAs), dois núcleos do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, o Serviço de Atendimento Social a Família (SASF) e sete núcleos do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), todos geridos pela UNAS. Além dos equipamentos educativos, o Bairro Educador conta com uma biblioteca, um teatro/cinema, uma escola de música que sedia a Orquestra Sinfônica de Heliópolis, um centro poliesportivo, um Ponto de Cultura, uma rádio comunitária e um laboratório de fabricação digital. Todos esses equipamentos conquistados pela comunidade foram integrados pela gestão municipal constituindo um Centro Educacional Unificado (CEU). Na moradia, a conquista se revela em um condomínio com prédios redondos projetados em parceria entre a comunidade e o arquiteto, com área de lazer e comunitária.

JOVENS AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO

Quando a escola se reconhece como agente da comunidade, possibilita que seu currículo seja construído na interface entre os desafios locais e os interesses dos estudantes. Os estudantes, motivados pela leitura compartilhada dos desafios locais, muitas vezes, são os catalisadores dos processos que podem transformar o lugar em um território educativo.

Em Araguatins, região do Bico do Papagaio, no Tocantins, Rhenan Cauê, de 13 anos, foi motivado pelo Colégio Estadual Osvaldo Franco a desenvolver uma iniciativa para enfrentar os desafios ambientais que o sensibilizavam. Na escola, Rhenan compreendeu que a sujeira do Rio Brejinho, o afluente do Araguaia em sua cidade, era a responsável pelas doenças tropicais como a dengue e a lepra, que vitimavam os moradores locais. Para enfrentar a questão, Rhenan e os colegas vão às escolas para falar da prevenção das doenças tropicais, além de liderarem ações de conscientização em relação à mudança climática. Mas, foi com o projeto para limpar o rio, que Rhenan foi indicado como representante de sua escola na Conferência Estadual Escolar de Meio Ambiente e, depois, na Nacional. A partir disso, adquiriu as ferramentas para colocar o projeto em pé. Junto com os colegas, primeiro engajaram as outras escolas e organizações da sociedade civil para o mutirão de lim-

peza do rio. No processo, mobilizaram Prefeitura, Polícia Militar, Ambiental, Corpo de Bombeiros, Órgãos ambientais, universidades, Promotoria de Justiça. Rio limpo, partiram para a construção de alianças com Governo do estado e demais agentes do território, em busca das sementes para o plantio de árvores que dará origem à construção de um parque ecológico.

São muitos os exemplos de escolas que estimulam jovens a desenvolverem projetos para a transformação positiva de seus contextos. Escolas de Ensino Médio e técnico em áreas rurais que integram os saberes comunitários com os saberes científicos de manejo agroecológico, possibilitando aos jovens as condições para permanecer no campo, realizando-se pessoal, profissional e socialmente. Escolas em territórios indígenas que sediam os planos de manejo anuais da comunidade, tendo os estudantes como seus protagonistas. Escolas que se tornam polos culturais da comunidade, sediando eventos, mostras, festivais e outras iniciativas que valorizam as expressões locais, inclusive criando novas oportunidades econômicas. Todas essas experiências revelam é que o território educativo se constitui exatamente como resultado da ação articulada e catalisadora de escolas e estudantes que integram e potencializam as oportunidades locais. □

HELENA SINGER

é vice-presidente da Ashoka para a América Latina, colunista da revista *Nova Escola*, membro do Conselho Municipal de Educação de São Paulo (CME-SP) e do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP). Doutora em Sociologia pela USP, com pós-doutorado pela Unicamp.

PARA SABER MAIS

- LOVATO, A.; FRANZIM, R. E-book: *O ser e o agir transformador para mudar a conversa sobre educação*. São Paulo: Ashoka e Alana, 2017. Disponível em mod.lk/etransf. Acesso em 26 jun 2019.
- SINGER, Helena (org.). *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola* – volume 1. São Paulo: Moderna, 2015.
- SINGER, Helena (org.). *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola* – volume 2. São Paulo: Moderna, 2015.
- SARDENBERG, A; Ribeiro, R (orgs.). *Territórios educativos: trilhas da cidadania, educação e refúgio na cidade*, Vol. 3. São Paulo: Moderna, 2016. Disponível em mod.lk/cidapren. Acesso em 30 jun 2019.
- Movimento Inovação na Educação: mod.lk/movinov

FAÇA DA SUA ESCOLA UM TERRITÓRIO DA LEITURA

Sua escola vai mergulhar no universo da literatura para construir uma comunidade de leitores.



ALUNOS engajados, cidadãos que constroem e contam sua própria história.



ESCOLAS de resultados + gestores comprometidos com a formação + professores que ensinam e aprendem.



FAMÍLIAS que colaboram com o trabalho em sala de aula.



COMUNIDADE que cultiva valores e respira cultura.





UM PROJETO FOCADO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Recursos que incentivam a construção do repertório literário e cultural do aluno.

MATERIAIS PARA O ALUNO

- ★ Obras literárias selecionadas pela escola
- ★ Diário do Contador de Histórias e Diário Literário da Família
- ★ Acesso ao aplicativo Contadores de Histórias
- ★ Brinde exclusivo



Imagem ilustrativa

MATERIAIS PARA A ESCOLA

- ★ Materiais de ambientação
- ★ Materiais para dinâmica em sala de aula
- ★ Vídeos com contações de histórias
- ★ Videoaulas para formação de professores e bibliotecários
- ★ Manual do Professor
- ★ Projetos de Leitura
- ★ Acompanhamento pedagógico



Imagem ilustrativa

Como nasce um escritor?

Foi preciso que uma garotinha atrevida acuasse Ilan Brennan para que a roda da criatividade se movesse e nascesse um novo escritor.

TEXTO *Ricardo Prado* ILUSTRAÇÃO *Pedro Corrêa*

SE É POSSÍVEL traçar a trajetória feita por um escritor a partir dos livros que ele leu, antes mesmo que eu entrasse no apartamento de Ilan Brennan, localizado em um condomínio no bairro do Morumbi, em São Paulo, para a primeira de uma série de três longas entrevistas, algumas pistas já se apresentavam ali mesmo, no *hall* que separa o espaço público da intimidade do lar. Em vez de um quadro ou algum enfeite tipo *welcome*, as paredes do corredor estão forradas de livros. Muitos. Enquanto o escritor buscava a chave, foi possível identificar, arrumados com algum critério de temas, diversas coletâneas de

contos populares, um dicionário etimológico, autores consagrados, como José Saramago, lado a lado com desconhecidos, como um certo Roald Dahl, que depois descobriria ser uma das principais influências de Brennan, alguns volumes de filosofia... e a porta se abre. Surge o escritor, com um sorriso caloroso. Veste uma camiseta preta e calça jeans. Já fez sua caminhada diária pelas trilhas internas do condomínio e está pronto para conversar, durante algumas horas naquela manhã, e nos outros encontros, sobre o que mais gosta de falar: livros e histórias, histórias e livros, e o ir e vir de um ao outro. ➤



» Leitor onívoro e inveterado, Ilan conta que há pouco se desfez de mais de mil volumes, especialmente livros infantis, mas não exclusivamente, doando-os a uma das escolas públicas que visita regularmente. Mesmo assim, os volumes ocupam toda a parede da sala e avançam pelo escritório. Meu objetivo com essa série de conversas é escrever um livro que o apresentará a professores e professoras como o mais recente autor exclusivo da Moderna. Ilan Brennan fará companhia a um quarteto de autores ilustres: Pedro Bandeira, Eva Furnari, Walcyr Carrasco e Ruth Rocha. Deve estar orgulhoso com a companhia, ele, o psicólogo que, em um determinado dia, viu nascer dentro dele o escritor. Um parto quase à fórceps, como ele contou em nossa primeira conversa.

A MATERNIDADE DO ESCRITOR

O local de nascimento do escritor Ilan Brennan é o clube A Hebraica, ligado à comunidade judaica paulistana e localizado na zona sul de São Paulo. A data do parto se situa em algum dia de outubro de 1992 e a parteira do escritor, que hoje deve estar na casa dos 30 anos, tinha na época não mais do que cinco. Aos 18 anos, Ilan era estudante de Psicologia da PUC-SP em seu primeiro estágio como monitor em um novo projeto de educação não formal. Até então, ele nunca havia tentado contar uma história para qualquer criança. Em um dia do estágio, Ilan foi deixado ali, junto às crianças pequenas, pela coordenadora do projeto, quando viu uma garotinha se aproximar, junto com outras duas. Em pânico, ouviu o pedido: “Tio, conta uma história pra gente?”. “Mas eu não sei nenhuma história”, gaguejou o jovem estudante, em apuros. “Não sabe? Então inventa!” – retrucou a garotinha, sem se dar por vencida diante das negativas. Acuado nas cordas como um boxeador imaturo, Ilan resolveu improvisar uma história ali mesmo, para as três crianças. “Como que alguém vem cuidar de crianças sem saber contar histórias?! Deve ser o mesmo que um professor de natação dizer para os seus alunos que não sabe nadar, deve ter pensado essa menina”, refletiria o autor, décadas mais tarde, sobre esse episódio.

Apesar do susto, Ilan descobriu ali que sabia contar histórias para entreter crianças pequenas. Em pouco tempo já não eram as três meninas, mas um

grupo que se juntou ali para ouvir a narrativa de um menino muito pobre chamado André, que salvou uma tartaruga que servia como bola de futebol de uns garotos e, graças a isso, ganhou um mágico “pó do crescimento”. Bastava colocá-lo em algo que se queria ter um “pé-daquela-coisa”, plantar e pronto: ali surgiria uma árvore daquele objeto!

A mágica deu certo. A história improvisada veio da memória de uma tartaruga perdida nos tempos de infância, junto com a paixão que sempre teve por futebol. Nasceu ali, sob pressão, um escritor. Essa primeira história, *O pó do crescimento*, só seria publicada anos mais tarde, mas esse dia ficaria marcado na memória de Ilan. Ao perceber que era capaz de criar uma história no puro improviso, viu abrir diante de si uma trilha que, em poucos anos, tornaria-se uma estrada onde encontraria vazão para tudo o que havia acumulado dentro de si: as histórias, centenas, milhares delas...

TEMPOS DE FORMAÇÃO

Ilan Brennan vem de um caldeirão multicultural: filho de pais argentinos, nasceu em Kfar Saba no dia 1º de março de 1973. Foram tempos difíceis para o casal Mario e Berta, já que seis meses após o nascimento do segundo filho (já tinham Gabriela, nascida em Buenos Aires) seria deflagrado mais um conflito na região, a Guerra do Yom Kippur, que afetaria diretamente a vida dos Brennans. Mario, mesmo sendo bancário e com mais de 30 anos, seria levado ao *front* por algumas vezes, tornando-se depois reservista. “Tenho lembranças do meu pai voltando magro do exército, eu devia ter 3 ou 4 anos”, recorda o escritor, resgatando uma das poucas imagens de seus tempos de primeira infância.

Quando Ilan tinha seis anos, os Brennans deixaram Israel para regressar à América do Sul – mas, desta vez, em vez da Argentina, escolheram morar no Brasil. Aqui havia a possibilidade de emprego, já que um cunhado de Mario acenava com a chance de o casal trabalhar em uma joalheria em São Paulo.

Assim, em 1979, uma assustada criança que só falava espanhol e hebraico chegaria ao Colégio Bialik, uma instituição educacional de origem judaica paulistana, onde Ilan foi alfabetizado em português. O encontro das três línguas resultaria em uma confusão linguística que se prolongaria ao longo daquele



“

Aos poucos, vou tirando, junto com o público, os tecidos que encobrem seu corpo. O que tem por debaixo dos véus, nem o contador de histórias sabe. Às vezes, pode ser uma bela princesa, outras, um orangotango. O prazer reside nessa surpresa: o desvelar juntos os véus das mais diferentes narrativas”.

ILAN BRENMAN

primeiro ano. “Minha mãe conta que passei um ano inteiro chorando”, revela Ilan sobre a adaptação.

Descoberta a língua portuguesa, vieram os primeiros autores, já que a casa dos Brenman sempre foi lugar de muitos livros. De um deles ele se lembraria de maneira muito especial: *Zero Zero Alpiste*, de Mirna Pinsky, que foi o primeiro livro infantil que se lembra de ter lido em português. Décadas mais tarde, para sua alegria, conheceria e se tornaria amigo da autora, de quem arrancaria uma dedicatória no livro já com páginas amareladas, que conserva como relíquia dos tempos de leitor iniciante. Depois viriam Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marcos Rey, Monteiro Lobato, Machado de Assis, a literatura francesa da estante materna, os existencialistas, os livros de psicologia que tanto interessavam Berta e Mario e que acabariam por sinalizar ao jovem Ilan, aos 17 anos, uma carreira à vista: prestaria vestibular para a Faculdade de Psicologia. Entrou na PUC-SP e, buscando alguma renda para ajudar os pais a pagar a mensalidade, entraria naquele primeiro emprego no clube A Hebraica... onde se revelaria seu gosto por criar histórias.

A Hebraica foi decisiva na vida de Ilan por outro motivo, além da sua “maternidade literária”. Ali, conheceu Tali, psicóloga recém-formada, que primeiro integrou sua equipe e, meses depois, tornaria-se sua namorada. Formado, Ilan se casou com Tali e conseguiu emprego como contador de histórias em um projeto voltado ao incentivo à leitura chamado “Biblioteca Viva”, na Fundação Abrinq. Seria a oportunidade para viajar pelo país todo, montando acervos de literatura infantil, fazendo formação com os educadores e tendo contato diário com as melhores obras da literatura infantil – que naqueles anos 1990 vivia um *boom*, com uma série de lançamentos e editoras voltadas a esse público.

UM SALTO PARA A ESCRITA

Em 2004, Ilan decidiu largar o trabalho de contador de histórias no projeto “Biblioteca Viva”, da Fundação Abrinq, para se tornar escritor em tempo integral. Contou para isso com o apoio de Tali, com quem fez um acerto doméstico: cuidaria da pequena Lis, a primeira filha do casal, enquanto a mulher trabalhava em uma multinacional para, em troca, ter o ➤

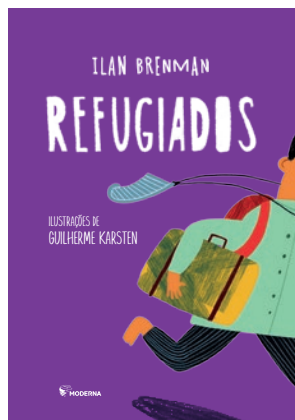
» tempo livre para criar seus livros. Desse acordo nasceria, em poucos anos, um dos autores mais prolíficos e bem-sucedidos do país, com mais de 70 livros publicados, em 14 idiomas e com mais de três milhões de exemplares vendidos no Brasil e no mundo.

O escritor identifica três caminhos diferentes nos quais gosta de transitar e alternar: o primeiro são os livros que trazem recontos da tradição oral de diversos países, uma paixão que surgiu dos tempos de contador de histórias e em apresentações que Ilan passou a fazer em livrarias, hospitais e até em casamentos. Aqui se alinham livros como a série “14 Pérolas”, com seletas de contos da sabedoria judaica, hindu, grega, sufi, budista etc.; as seleções de histórias do continente africano, como *Contador de histórias de bolso: África* (Moderna, 2008) e *Amizade eterna e outras vozes da África* (Moderna, 2016); ou uma cuidadosa, e delicada, seleta de contos sobre a morte (*Silêncio: doze histórias universais sobre a morte*), entre dezenas de obras enfileiradas nessa categoria de reconto. Na apresentação de *As narrativas preferidas de um contador de histórias*, Ilan compararia o ato de contar uma história com o de apresentar uma noiva repleta de véus, com o rosto todo escondido. “Aos poucos, vou tirando, junto com o público, os tecidos que encobrem seu corpo. O que tem por debaixo dos véus, nem o contador de histórias sabe. Às vezes, pode ser uma bela princesa, outras, um orangotango. O prazer reside nessa surpresa: o desvelar juntos os véus das mais diferentes narrativas”.

O *alvo*, um de seus livros mais premiados, é um irônico reconto da tradição judaica sobre a arte de contar histórias ilustrado por Renato Moriconi. A obra chama a atenção pela inventividade da narrativa e pela engenhosidade da parceria desenvolvida com o ilustrador, já que todas as imagens precisavam absorver, como se fosse a coisa mais natural do mundo, um buraco no meio do próprio livro. Renato encontrou uma saída criativa a cada página, tornando o livro um marco da indústria gráfica brasileira.

O OBSERVADOR DO COTIDIANO

Uma segunda linha de criação do escritor são as histórias do cotidiano. Para isso, a matéria-prima principal vem do convívio com as filhas Lis e Iris, como, por exemplo em *Papai é meu, Pai cabide* e



Capas de alguns dos livros de Ilan Brenman, lançados pela Moderna em 2019.





Pai, não fui eu!. A história dessa última obra ilustra bem o processo criativo do escritor. Ele conta que, em um determinado dia, sua filha mais nova, Iris, estava na biblioteca, que fica ao lado do escritório onde ele trabalhava. A porta estava fechada. De repente, ouviu o som de algo pesado que caiu no chão. Antes que pudesse abrir a porta para conferir se a filha estava machucada, ouviu a voz dela, do outro lado da porta, já se defendendo: “Pai, não fui eu!”. Sem girar a maçaneta, o escritor começou um diálogo com a filha, querendo saber o que havia acontecido. Do outro lado da porta, ela explicou que aquele livro italiano, muito antigo, pesado e raro, que os dois adoravam ler, havia despencado da prateleira. Mas a culpa era do leopardo...

A edição de *Pai, não fui eu!* teve ilustrações da italiana Anna Laura Cantone, reflexo das idas regulares que Ilan faz à Feira Literária de Bolonha. Nesses eventos, no intervalo entre reuniões com editoras e trabalhando em parceria com sua agente literária (ele já foi traduzido em 14 idiomas), Ilan gostava de flunar pelos estandes em busca de traços que pudessem, de alguma forma, criar novas parcerias texto-imagem. Anna Laura é uma dessas artistas “importadas” pelo escritor, que tem trabalhos em parceria, verdadeiras co-criações, com diversos ilustradores, como Fê (a série de livros *Com-Fusão*, nos quais escritor e desenhista trabalharam juntos na criação de monstros resultantes de misturas estapafúrdias), Renato Moriconi (além do já citado *O Alvo*, o ilustrador foi parceiro de Ilan na trilogia de livros-imagem que estão rodando o mundo: *Telefone sem fio*, *Bocejo* e *Caras animais*) e Guilherme Karsten (ilustrador de *Enganos*, na qual a sugestão por meio do efeito-sombra cria desfechos inesperados, além dos inéditos *Refugiados* e *Famílias*, lançados pela Moderna).

ATENÇÃO AO MUNDO DAS FORMIGAS

Por fim, a terceira vertente criativa é aquela que nasce da sua própria imaginação. Como naquele dia em que, logo após a chegada em casa da primeira filha, Lis, Ilan se viu na casa onde os livros ocuparam todos os espaços possíveis. Nesse ambiente entulhado de histórias, o jovem pai se pôs a imaginar quanta novidade na sua vida aquele pequeno ser traria. Ao olhar as estantes à sua volta,

a mesma reflexão sobre quantas descobertas estariam vindo junto com a nova habitante da casa se formou em sua cabeça: “O que cabe num livro? Um mundo todo. Vários mundos...”. Como os vários mundos que iria descobrir agora, com tempo e disposição para acompanhar de perto o crescimento de sua filha, nasceria o curioso *O que cabe num livro?*.

Essa vertente se alimenta da observação atenta do mundo miúdo que cerca o universo infantil. É o que chama de “observar formigas, em vez de elefantes”, um olhar que faz com que consiga captar eventos comuns na relação pais e filhos, como em *A festa de aniversário*, de 2007, que retrata uma situação já vivida por qualquer pai ou mãe: lidar com a ansiedade dos filhos diante do tempo que demora a passar até a hora tão esperada da festa.

Às vezes, a atenção ao mundo das pequenas ocorrências pode se tornar grandiosa. Foi o que aconteceu na gênese dos arrasa-quarteirões *Até as princesas soltam pum*, *O livro secreto das princesas e Pai, todos os animais soltam pum?*, que levariam Ilan Brenman ao raro posto de escritor profissional. A trilogia sobre flatulências de princesas, minhocas e dinossauros, que conquistaria a simpatia de leitores de todas as idades e culturas, nasceu de um fato: sua filha mais velha, então uma garotinha que adorava se vestir de Branca de Neve, soltou um pum tão forte que ele e Tali caíram no riso. A filha caiu no choro, no que seria prontamente acolhida pela mãe, que carinhosamente disse a ela: “Não chora, querida, até as princesas soltam pum...”. O escritor conta que, ao ouvir aquela frase, viu uma história maravilhosa se formando e correu para o escritório registrar a ideia.

O que Ilan ainda não sabia é que essa história mudaria a sua vida e o levaria a um lugar raro, o de autor *best-seller*. Um escritor que, enfim, pode viver do que escreve. Neste local privilegiado, ele se orgulha de ser um escritor que forma os primeiros leitores, de ser uma porta de entrada para o mundo maravilhoso das histórias inventadas. Um mundo que ele próprio só entrou porque foi empurrado por uma menina que não se conformou em ver um monitor infantil que dizia não saber contar histórias. “Não sabe? Então, inventa!”. E tudo se fez a partir desse empurrão. □



Biblioteca
**ILAN
BRENMAN**

A partir de 2019, a obra completa de **Ilan Brenman** virá para o mundo **Moderna**.

Cada livro será lapidado pelo autor, organizado em coleções infantis e juvenis e passará por nossa excelência editorial para encantar leitores, famílias e escolas.

Um mundo de histórias está chegando...



www.bibliotecailanbrenman.com.br

 @editoramoderna

 /editoramoderna

 MODERNA

Tudo é inovação?

Usada à exaustão no âmbito educacional nos últimos anos, a palavra precisará buscar origens e caminhos para tentar não se tornar um termo vazio.

TEXTO Cauê Cardoso Polla

UM DISCURSO que exalta a inovação parece ter invadido o cenário educativo. Hoje, é praticamente impossível não nos depararmos com a palavra nos mais diversos contextos: educação inovadora, escola inovadora, inovação digital, método inovador, gestão inovadora... A repetição incessante desses termos acaba, muitas vezes, por esvaziar o seu sentido. Expressões como “educação inovadora” e “método inovador” acabam se tornando slogans acrílicos. Refletir sobre o significado da inovação nos ajuda a compreender os sentidos possíveis de uma educação inovadora.

Como podemos pensar o significado da palavra inovação? Para tal, é preciso pensar o que significa “novo”. Em uma perspectiva atual, utilizamos a palavra “novo” quando nos referimos a moderno, algo que nunca foi usado, algo que apareceu agora e que não havia antes, recente. Na história, a ideia de novo ou novidade costumava ser usada para demarcar um distanciamento em relação a uma época passada. Outra perspectiva para compreendermos o significado é buscar a origem da palavra, seu sentido etimológico. Em latim, *novus* significava novo, jovem, *res novae* era uma expressão para dizer coisas novas, principalmente no campo político. Por sua vez, este termo deriva do verbo grego *neao*, e este sentido primeiro se refere ao trabalho que o agricultor fazia no terreno para torná-lo mais fértil, técnica que hoje se chama alqueive. Ou seja: para renovar a sua plantação, primeiro o solo era deixado em repouso e, depois de um tempo trabalhado para receber uma nova cultura, há algo que permanece e algo que se modifica. »



» Assim, não há nada que seja absolutamente novo ou inovador, pois há sempre algo anterior que originou o novo. Do mesmo modo, na educação não há nada que não tenha sua origem na tradição, seja como um desenvolvimento, um desdobramento ou uma contestação.

AS INOVAÇÕES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UMA CONSTANTE

A história da educação, das práticas educativas, é marcada por uma série de inovações. Para nós, nada é mais simples do que “abrir o caderno e anotar”. Mas o próprio uso do caderno só foi possível por conta de uma série de inovações. Para fazer suas anotações, os estudantes da região mesopotâmica, por volta do século VII a. C., utilizavam tabuinhas de cerâmica; segue-se, na Grécia e Roma antigas, o uso da tabuinha de cera, que pode ser reutilizada (a cerâmica, depois de seca, não pode ser modificada). Hoje temos os mais diversos tipos de cadernos e também *tablets* e *laptops* que estudantes podem usar em sala para “anotar”. O surgimento da lousa, algo tão comum como a conhecemos hoje, para ser escrita com giz ou caneta, ou mesmo a lousa digital, só foi aparecer no século XVIII. Como era antes?

Não só o mundo material da educação passou por inovações. Também os discursos pedagógicos e sobre educação, em suas diferentes formas, mostram como é uma constante na história o conflito entre o ‘tradicional’ e o ‘novo’. Tomemos o exemplo da Atenas clássica no século V a.C.. A educação aristocrática, herdeira da educação guerreira antiga, era o grande paradigma pedagógico. Com o progressivo surgimento da democracia e da democratização da educação, houve uma forte reação contra a forma antiga de educar, que era vista como ruim e decadente. O grande comediógrafo grego Aristófanes, em uma de suas comédias, *As Nuvens*, descreve esse conflito de modo magistral. Por um lado, há aqueles que defendem os “valores antigos”, que se posicionam a favor dos valores aristocráticos da excelência moral tradicional, do aprendizado de um conhecimento transmitido por gerações, das práticas esportivas nobres; por outro, os que defendem os “novos valores”, pautados por ideias democráticas e de um tipo de filosofia que se inicia com Sócrates. Toda mudança gera uma reação, mas isso não significa que toda mudança seja naturalmente boa. É fundamental que paremos para refletir sobre aquilo que já é muito óbvio e que consideramos natural. O que hoje podemos chamar de tradicional já foi um dia “produto de uma inovação”.

O PROBLEMA DO NOVO

Os processos educativos são quase tão antigos quanto o surgimento dos primeiros indivíduos. A necessidade de sobre-

viver impulsionava a transmissão de alguns saberes, por mais elementares que pudessem ser. Podemos imaginar que os primeiros caçadores, quando geravam descendentes, ensinavam a eles a caçar e providenciar comida para sua sobrevivência. Mais tarde, quando a humanidade começou a cultivar os campos e a criar animais para sua alimentação, outros saberes foram criados e transmitidos. Do mesmo modo, com o avanço de formas de civilização que se desprendiam da necessidade de sobrevivência, com o surgimento de linguagens simbólicas e de culturas, outros saberes foram sendo criados e transmitidos. Nesse movimento de passar adiante ou transmitir, diversas questões surgem. O que transmitir? E como? Se eu transmito um saber novo, distinto do que havia antes, eu o faço do mesmo modo, seguindo o mesmo procedimento? Ou novos saberes demandam novos modos de transmissão?

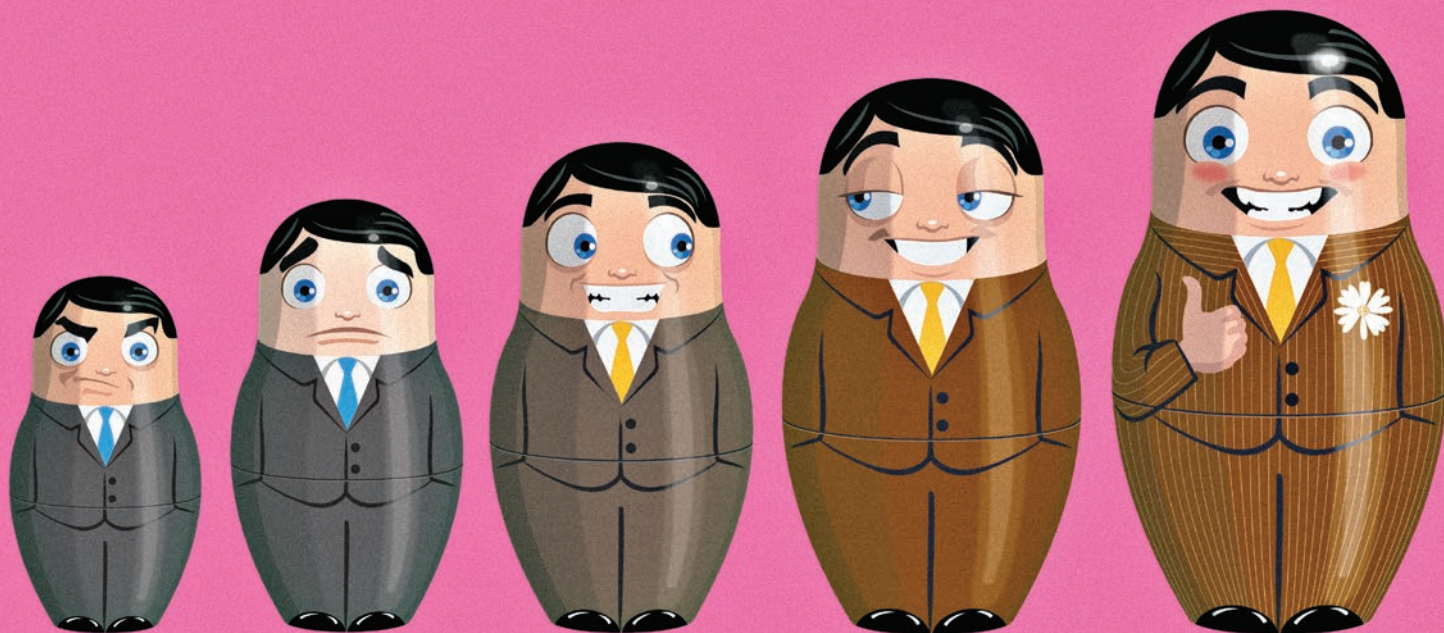
Quando dizemos aqui transmissão, não queremos reduzir o processo educativo a um simples “passar adiante”. O elemento de construção e elaboração por partes daqueles que aprendem algo novo é fundamental, e é a mola propulsora de novas mudanças para novos saberes. Mas é também inegável que muitos saberes aumentam, justapõem-se, interpõem-se, por vezes se agregam a outros, por vezes negam outros. É importante notar, contudo, que neste processo – e aqui as divergências de como ele ocorre são inúmeras – sempre há um algo, um saber, uma técnica, um determinado tipo de conhecimento (aquilo que tão costumeiramente se chama de “conteúdo” de uma disciplina escolar, por exemplo – embora essa expressão seja muito inadequada) que é recuperado ou mantido vivo do passado, e então colocado adiante, ensinado (mostrado) aos novos indivíduos. »

“

A EDUCAÇÃO É
FUNDAMENTAL, POIS
HÁ SEMPRE **NOVAS
GERAÇÕES QUE SURGEM**,
QUE DEMANDAM INOVAÇÕES
NO PROCESSO EDUCATIVO
QUE PARECEM, MUITAS
VEZES, INEVITÁVEIS”.

HANNAH ARENDT





» Para Hannah Arendt, importante filósofa do século XX, a educação é fundamental, pois há sempre novas gerações que surgem, que demandam inovações no processo educativo que parecem, muitas vezes, inevitáveis. Esse processo vive sob o signo de uma contradição constante: há um mundo já constituído (embora, é claro, ele nunca esteja “terminado”), mundo este de valores, normas, saberes, uma cultura estabelecida. É nesse mundo que nasce a criança... ora, o que fazemos então? Como preservar a liberdade de existir da criança e suas escolhas em um mundo já constituído? O surgimento de novas gerações é o grande desafio para o processo educativo, e é nessa constante “mudança” que a inovação tem papel fundamental.

AS INOVAÇÕES NO SÉCULO XX

Não há propriamente “inovação”. Mais correto seria falar em inovações, pois cada novo modo de fazer algo, cada nova concepção, tem suas características próprias, isto é, não se inova do mesmo modo. No campo educacional, as inovações podem ser levadas a cabo em diversas dimensões. Há inovações no campo da teoria educacional, das práticas (desde a gestão escolar até a prática docente individual), inovações no campo legal. Aquele discurso que nos referimos acima, de que “é preciso inovar”, parte de uma falsa ideia. Muito se diz que a educação é ainda muito lenta e está atrasada. Este é um preconceito tolo e superficial, pois não considera o verdadeiro caráter da educação. Educar leva tempo. Buscar modos de encurtar esse tempo é muito mais ceder a pressões sociais de modelos econômicos que devem antes ser desconstruídos do que obedecidos cegamente. A constante aceleração das mudanças sociais pa-

rece demandar modos de educar que se adequem a estas mudanças. Mas a questão de fundo é: essas mudanças são boas?

Mudanças não são “inevitáveis”, mas acontecem. Frente a elas, buscam-se novas formas de agir. Na educação não é diferente, ainda mais por se tratar de um campo em constante mutação. Muito se fala hoje do protagonismo do estudante, e se costuma acreditar que isto é algo novo. Também se enfatiza o papel ativo do aluno na construção do seu próprio conhecimento. Formas didáticas como o estudo do meio estão em alta. Certamente, durante o século XX estas inovações teórico-práticas ganharam corpo. Mas basta olharmos para a história da educação e encontramos, por exemplo, em um autor do século XVI, Michel de Montaigne – que é uma referência explícita de Edgar Morin, um dos apóstolos dos novos modos de pensar a educação – proposições muito similares ao que vemos hoje. Em um pequeno ensaio intitulado *Sobre a educação das crianças*, Montaigne elabora colocações como esta:

Os professores não param de gritar aos nossos ouvidos, como quem derramasse o conhecimento num

*funil: nossa tarefa seria apenas re-
petir o que nos disseram. Gostaria
que ele corrigisse essa prática e que
desde o início, segundo a capaci-
dade do espírito que tem em mãos, co-
meçasse a pô-lo na raia, fazendo-o
provar, escolher e discernir as coi-
sas por si mesmo. Ora abrindo-lhe o
caminho, ora deixando-o abrir. Não
quero que só o professor fale: que-
ro que, quando chegar a vez de seu
discípulo, o escute falar.*

É certo que as considerações de Mon-
taigne eram muito sofisticadas e que a
prática da época estava longe de ser as-
sim, mas o que fala sobre o conhecimen-
to, o professor e o estudante são muito
contemporâneos. Se o conhecimento
não é algo que pode ser “derramado”
(o que era já uma ideia presente em Pla-
tão!), é porque não se trata de encher
algo vazio. Ora, não é esta toda a crítica
que faz Paulo Freire ao esquema da edu-
cação bancária, aquela que considera
os alunos como recipientes vazios que
apenas recebem passivamente “conteú-
dos”? Já a relação professor-discípulo
não deve ser autoritária, e o professor
se mostra muito mais como um guia ou
facilitador do que como uma enciclo-
pédia: ele deve levar o aluno a descobrir
por si mesmo, a conhecer por si mesmo,
a abrir o seu caminho sempre que possí-
vel. Além disso, o professor deve escu-
tar o aluno. Ao lermos esse pequeno en-
saio, somos levados a reconhecer que, se
a prática da época não era “inovadora”,
muito do que foi pensado era.

Considerado algo novo no século XX,
o “estudo de campo” era já uma práti-
ca corrente no século XVIII. Jean-Jac-
ques Rousseau, na sua revolucionária
obra *Emílio*, aposta em uma educação
que é primordialmente baseada na ex-
periência do aluno, por exemplo, no seu
contato constante com a natureza. Era
essa uma prática corrente em diversas
escolas no século XVIII, mas é certo que
tal contrato ficava restrito às escolas de
caráter mais inovador, enquanto uma

boa parte se mantinha fechada em si mesma. Diversos autores
dos séculos XVI, XVII e XVIII propuseram teorias muito sofis-
ticadas que abordavam muito do que hoje é tão falado.

O que é característico do século XX é o surgimento da in-
formática, dos primeiros computadores até os dias correntes.
Qualquer inovação nessa área dificilmente encontrará um
precedente em épocas anteriores. As novas tecnologias são,
certamente, um desafio para a educação. Com o surgimento da
internet, o cenário se torna mais e mais complexo. Contudo,
algumas considerações são necessárias. Primeiramente, quan-
to ao caráter de inevitabilidade: “não há volta”, “agora essa
é a realidade”, “não há como fugir disso” são frases comuns
que ouvimos em relação à tecnologia digital. Embora ela tenha
“vindo para ficar”, é fundamental que não esqueçamos que as
formas atuais são transitórias, e que novas formas surgirão.
Assim, se o ensino for direcionado apenas para as tecnologias
de hoje “porque elas são fundamentais para o mercado de tra-
balho”, corre-se o risco de tornar obsoleta a educação, assim
como se tornam obsoletas essas formas tecnológicas.

Por que não nos preocupávamos tanto em fazer os estudan-
tes entenderem o funcionamento da televisão, da linguagem
televisiva, das operações editoriais por trás das imagens que
vemos, e hoje a “linguagem da computação” é fundamental
e não se pode viver sem conhecê-la, e por isso os estudantes
deveriam aprender desde cedo a “programar”? Advogar o uso
de computadores e da linguagem computacional na educação
sem uma reflexão crítica é um erro. Não se pode ensinar algo
só porque aparentemente este algo é “inevitável”, pois daí se
perde toda a riqueza de possibilidades que pode se apresentar.

OLHAR PARA TRÁS, OLHAR PARA FRENTE

A educação é um processo multidimensional. Se ela não acon-
tece apenas na escola, é nela que tem seu espaço privilegiado, e
seu maior potencial. Pensar novas formas, propor novos pro-
blemas, contestar o que é dado como natural e óbvio é funda-
mental no processo pedagógico. Quando novas gerações são
educadas no conflito crítico com gerações anteriores, o novo
acontece. Uma educação com perspectiva de futuro só pode
ocorrer se não se apagar todo o passado que não deve pesar
como tradição morta, mas como um passado rico de lugares
para pensar. Para educar inovando, é fundamental que bus-
quemos em discursos e experiências passadas o solo a partir do
qual pensamos e experienciamos o presente. ■

CAUÊ CARDOSO POLLA

é professor da Faculdade de Educação, no Departamento de
Filosofia e Ciências da Educação, da Universidade de São Paulo.

Até onde vai o impacto da inovação na educação



SEARCH ▶ TR \ 01 ▶ 03



RS \ 011



RS \ 0511TR \ 01

03 ▶



Novo estudo da OCDE mapeia o impacto de novas tecnologias e práticas na melhoria do aprendizado em diferentes países

TEXTO Marina Lopes e Vinicius de Oliveira,
do Portal Porvir

QUANDO se discute a necessidade de inovar em sala de aula para desenvolver com os estudantes de hoje as habilidades que eles vão precisar no futuro, uma das grandes dificuldades que se encontra é saber onde, como e qual a efetividade das inovações educacionais. A inovação na educação pode ser vista como indutora de mudanças nos sistemas educacionais pelo mundo? Qual o papel da tecnologia nesse processo? Para responder essas e outras questões, a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) divulgou o relatório *Measuring Innovation in Education 2019* (“Medindo a Inovação na Educação”, em livre tradução).

De acordo com a publicação, que examinou 139 práticas de ensino fundamental e médio em bancos de dados como o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), TIMMS (Tendências Internacionais nos Estudos de Matemática e Ciência) e o PIRLS (Estudo Internacional sobre o Progresso do Letramento em Leitura), mensurar a inovação e entender como ela funciona é essencial para melhorar a qualidade dos sistemas. Mesmo sem ter informações sobre o Brasil, com o estudo em mãos formuladores de políticas públicas podem saber o que está dando certo no exterior para ter um melhor respaldo na hora de realizar intervenções e direcionar os recursos.

Para avaliar inovações na educação, o documento parte de três perspectivas: comparação da educação com outros setores, identificação de mudanças significativas nos sistemas educacionais e construção de métricas para verificar a relação entre a inovação e as mudanças nos resultados educacionais.

Antes de descrever os resultados, primeiro é importante determinar o que é inovação em educação, segundo a OCDE. “Inovação está relacionada à adoção de novos serviços, tecnologias, processos e competências por instituições de ensino que levem à melhora de aprendizagem, equidade e eficiência”, diz o documento.

Apesar das inovações serem moderadas, alunos de sistemas dentro da média da OCDE têm experimentando diferentes práticas de ensino e aprendizagem em comparação aos seus pares nos últimos dez anos. Entre uma das maiores mudanças, está a aquisição de conhecimento independente, já que mais estudantes usam computadores e podem buscar informações para ampliar as discussões em sala de aula.

Ainda que as inovações não estejam necessariamente relacionadas ao uso de tecnologia, o documento destaca que as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) têm se apresentado como um importante motor de mudança.

Entre os professores, o relatório também apresentou mudanças práticas. A proporção de docentes que participaram nas últimas décadas de atividades de aprendizagem entre pares aumentou, enquanto o treinamento formal permaneceu estável.

O documento aponta que a inovação não deve ser vista como um fim, mas como um meio de melhorar resultados educacionais. Em média, os países avaliados que mudaram suas práticas pedagógicas conseguiram melhorar os resultados acadêmicos dos estudantes e aumentaram o nível de satisfação e diversão na escola.

Na hora de indicar o que impulsiona a inovação, o documento aponta seis fatores de destaque:

- 1 RECURSOS HUMANOS:** habilidades e abertura para inovação por parte de atores do setor educacional;
- 2 ORGANIZAÇÃO DE APRENDIZAGEM:** organização e capacidade das instituições para gerar conhecimento e aprimorar práticas.

“**INOVAÇÃO ESTÁ RELACIONADA À ADOÇÃO DE NOVOS SERVIÇOS, TECNOLOGIAS, PROCESSOS E COMPETÊNCIAS POR INSTITUIÇÕES DE ENSINO QUE LEVEM À MELHORA DE APRENDIZAGEM, EQUIDADE E EFICIÊNCIA**”



3 TECNOLOGIA: aplicação de tecnologias na educação, particularmente de *big data*.

4 REGULAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA: a inovação só ganha força em ambientes onde boas ideias podem ser implementadas e não são encobertas por diretrizes com muita aversão ao risco para currículos ou processos de avaliação.

5 DESQUISA EDUCACIONAL: o investimento em pesquisa e avaliação é considerado um elemento chave para o ecossistema de inovação.

6 DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL: como acontece em outros setores, a educação também deve buscar desenvolver ferramentas inovadoras, organizações e processos para melhorar e mudar suas práticas.

A seguir, selecionamos algumas conclusões do estudo a partir da associação entre inovação e resultados acadêmicos, além do peso do investimento financeiro. Trata-se de uma maneira de ajudar atores em diferentes níveis do processo educativo a entender se as mudanças estão se traduzindo em melhoria nas escolas e salas de aula, bem como se estão em linha com o que foi planejado inicialmente.

RESULTADOS ACADÊMICOS

Fundamental 1: No ensino fundamental, o mesmo professor geralmente ensina todas as áreas do conhecimento, o que sugere que a inovação pode ter um efeito interdisciplinar e estar vinculada a todos os resultados da aprendizagem. Isso acontece positivamente tanto em letramento, quanto em matemática e ciências.

Fundamental 2 e Médio: Existe uma pequena associação positiva entre a inovação nas práticas de ensino e a mudança média nos resultados da aprendizagem em matemática e ciências. Como existe um professor para cada área, há menos chance de fertilização cruzada entre inovação em matemática e educação em ciências.

A inovação no ensino de ciências tem sido positivamente associada com a melhoria dos resultados da aprendizagem na última década, enquanto que com a inovação na educação matemática isso não acontece. Isso nos lembra que a inovação não leva necessariamente a uma melhoria nos resultados desejados, exatamente como as reformas políticas às vezes falham. Por outro lado, também reforça o tempo necessário para que a inovação produza seus efeitos.

INVESTIMENTOS FINANCEIROS

A inovação na educação pode ser feita com poucos ou muitos recursos. A conectividade e o uso pedagógico de TICs durante as aulas pode depender de um determinado nível de equipamento e infraestrutura, além da formação de equipes técnicas. Dada a estabilidade e até mesmo a pequena diminuição no acesso às TICs, não se deve esperar investimento em larga escala. Algumas inovações podem requerer formação de professores, mas também demandar a participação em cursos informais, que também envolvem algum custo (como o tempo da equipe).

Mudar as práticas de ensino e aprendizagem pode demandar novos conhecimentos, crenças ou atitudes, e isso pode exigir algum investimento para: produção de novos conhecimentos, comunicação, facilitação da aprendizagem entre pares, por meio de posts no blog da escola ou revisões sistemáticas de evidências existentes, ou ainda reuniões internas da escola e a participação em conferências promovidas por outras organizações.



MODERNA

compartilha

Professor, empodere sua forma de ensinar!

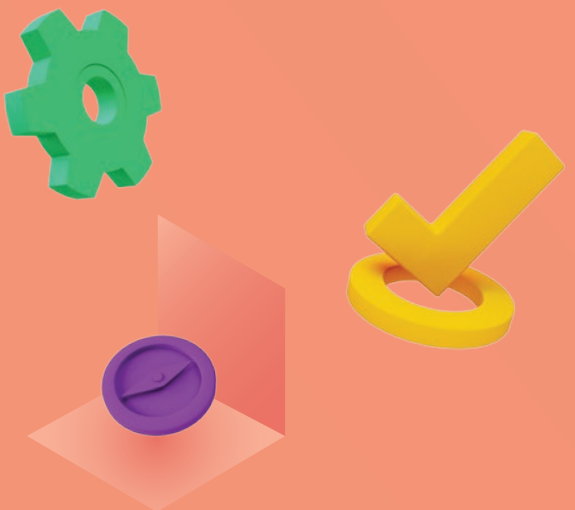
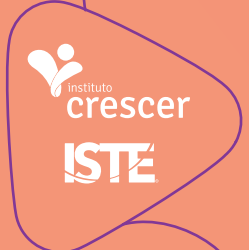
Com o nosso **Programa de Desenvolvimento Docente**, você professor, recebe orientações e acompanhamento em sua trajetória de aprimoramento, desde os primeiros passos.

Com flexibilidade, autonomia e no seu ritmo, o programa pode ser feito de qualquer lugar, pelo seu *smartphone*. Tudo isso com muita credibilidade, sempre seguindo os padrões internacionais do **nosso parceiro global ISTE** (International Society for Technology in Education).

Quem usa aprova!

Estou aprendendo bastante no curso que a Moderna disponibilizou. Sem dúvidas, facilita abordar em sala de aula diversos assuntos que estão em alta hoje em dia com os jovens. Isso possibilita muito o meu trabalho com eles nesse envolvimento com as tecnologias digitais.

Prof. José Alex Bueno Moch, Colégio Kennedy



Certificação e reconhecimento

Aplicativo para *smartphone*

Flexibilidade no processo

Percurso formativo para o educador

Acompanhamento do progresso da equipe pela coordenação



mod.lk/pdd

Assista ao vídeo sobre nosso Programa e entenda como ele irá te ajudar!

Para saber mais, solicite uma visita.

 modernacompartilha.com.br

 /Moderna.Compartilha

PROJETOS MULTIPLATAFORMA PARA A APRENDIZAGEM DOS NOVOS TEMPOS



Testados e aprovados por professores de todo o Brasil, o **Buriti Plus** e o **Araribá Plus** focam no desenvolvimento de competências socioemocionais para formar alunos cidadãos e atuantes.



A coleção que você já conhece em nova versão, com foco na formação integral dos alunos.



www.moderna.com.br/buritiplus



ARARIBÁ PLUS

Segurança e autonomia para formar cidadãos conscientes e preparados.



www.moderna.com.br/araribaplus

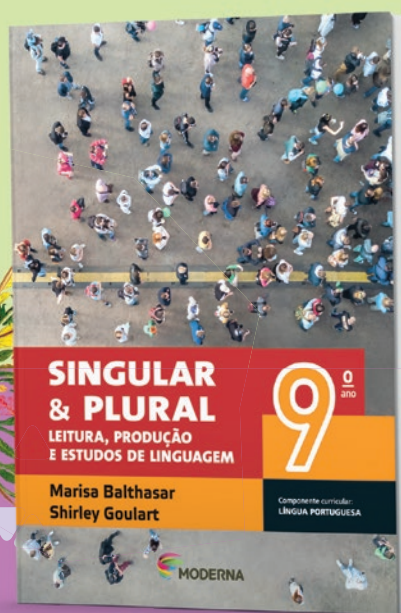


 @editoramoderna

 /editoramoderna

UM TIME DE AUTORES CONSAGRADOS COM COLEÇÕES E CONTEÚDOS

TOTALMENTE ATUALIZADOS.



CONHEÇA TAMBÉM
Livro digital interativo





Novas edições conectadas com os novos rumos da educação consolidam as exigências da **BNCC** e as metodologias de autores reconhecidos por escolas de todo o Brasil.



Os itinerários formativos e o novo Ensino Médio

Como algumas escolas privadas estão aproveitando a Reforma do Ensino Médio para inovar metodologias e tornar a escola mais moderna e atraente aos jovens

TEXTO *Ricardo Prado*

“**HISTÓRIA E CINEMA**”. “Astronomia”. “Culinária, arte e nutrição”. “Anos 60: a contracultura”. “China e Rússia: aspectos geopolíticos”. “Probabilidade estatística: tomada de decisões”. “Corpo, cultura e movimento”. “Nanociência e nanotecnologia”. “Produção de vídeo para mídias digitais”. Que jovem de 15 ou 16 anos não adoraria ter algumas dessas experiências ao longo de sua passagem pelo Ensino Médio? »



CORPO, CULTURA E MOVIMENTO

ANOS 60: A CONTRACULTURA

HISTÓRIA E CINEMA

CULINÁRIA, ARTE E NUTRIÇÃO

PRECISAMOS
CRIAR ANTICORPOS
SIMBÓLICOS QUE
AJUDEM A CRIANÇA
A COMBATER E
COMPREENDER
A COMPLEXIDADE
DA VIDA.

» A partir da aprovação da Reforma do Ensino Médio, que deve ser implementada nas redes públicas e privadas até 2022, uma parte do currículo – até 40% da carga horária – passou a ser composta por disciplinas optativas: os chamados itinerários formativos. A despeito da crítica de diversos educadores ao fato da Reforma ter reduzido a Base Comum obrigatória para 1.800 horas, e das dificuldades de sua adoção pela rede pública, principalmente em relação à oferta diversificada de itinerários formativos, nas escolas privadas esse formato flexível vem permitindo que apareçam, na grade curricular, cursos que, de fato, têm o poder de deixar a escola mais atraente para os jovens.

Cursando uma disciplina de duração breve, em um formato diferente, muita coisa pode acontecer em termos pedagógicos. Vocações podem aflorar a partir dessa experiência, futuras decepções profissionais podem ser evitadas. Uma infinidade de novas possibilidades passa a compor a formação do estudante, que ganha um controle maior sobre sua formação. A seguir, mostraremos como algumas escolas estão ajudando a desenhar um novo currículo para um novo Ensino Médio.

DE ELETIVAS DISCIPLINARES AO PROJETO AUTORAL

“O nosso currículo continua bastante exigente naquilo que entendemos como os direitos de aprendizagem dos estudantes. Esse foi o primeiro nó a ser resolvido porque era necessária alguma redução no currículo clássico para incluir os itinerários”, explica Débora Vaz, diretora do Colégio Santa Cruz. “O que aconteceu foi uma negociação entre a equipe docente no sentido de uma reorganização curricular que permitisse a mudança de alguns conteúdos escolares de ano para ano, e também nas sequências didáticas, para abrir espaço para as disciplinas eletivas, que respondem à seguinte pergunta: Como o currículo reconhece a importância de que os alunos escolham, por afinidade, alguns percursos dentro de sua formação?”

No Colégio Santa Cruz, cada aluno escolhe quatro disciplinas eletivas por semestre. Neste leque, há aquelas que deixam bem claro o DNA de origem,



mas propõem recortes novos: “África nos séculos XX e XXI”; “Filosofia: mais de vinte séculos de amizade”; “Midiologia: leitura crítica da mídia”; “Fisiologia e anatomia”. Há também disciplinas temáticas, como “Mitologia”, “Inteligência artificial” ou “História do cinema”, que trazem embutida nelas uma proposta de interdisciplinaridade. Há a Pesquisa Autoral, que tem um formato diferente. São formados grupos de até 20 alunos atraídos por um dos 12 temas gerais, que podem ir de “Centro de São Paulo”, “Comida, arte e nutrição” e “Design” à “Experiência matemática”, “Filosofia e cultura” ou “Neurociência”. Sob o guarda-chuva temático, cada aluno escolherá uma forma de estudar aquele tema sob uma perspectiva autoral. O resultado, explica Marina Nunes, diretora do Ensino Médio do Santa Cruz, “pode ser algo mais acadêmico, como um artigo de divulgação, um protótipo, curta-metragem ou uma entrevista em vídeo”. No fim do ano, a escola faz um grande seminário e cada aluno/grupo tem 20 minutos para apresentar sua visão daquele tema para os colegas.

“Os alunos têm reagido bem ao novo formato”, comenta Marina, que está à frente do Ensino Médio desde 2012 e acompanhou esse processo desde a gestação, em 2015. Na hora de escolher os itinerários, vê-se de tudo. “Alguns querem só fazer eletivas da área de Exatas porque é isso o que querem fazer como faculdade. Outros pensam justamente o contrário: já que eu gosto de Exatas, vou estudar Filosofia agora porque depois não vou ter mais essa chance. Outros escolhem um curso por afinidade ao estilo de aula de algum professor. Muitos gostam mesmo é do hibridismo, de experimentar várias coisas”, analisa. “É interessante observar que estamos começando a flexibilizar os projetos de futuro dos alunos, que não precisam mais ser tão pautados por carreiras tradicionalmente reconhecidas”, conclui a diretora da instituição, Débora Vaz.

ELETIVAS BREVES FAZEM SUCESSO

O Colégio Albert Sabin optou por um formato um pouco diferente, igualmente sem abrir mão das disciplinas tradicionais que compõem o núcleo duro do ensino médio. Ou seja, tanto do Sabin quanto no Santa Cruz, as disciplinas de Sociologia e Filosofia permanecem na grade curricular. “Estamos oferecendo um modelo que acrescenta disciplinas eletivas à matriz curricular num modelo de trajetória livre”, explica a diretora pedagógica Giselle Magalhães. “O aluno pode se inscrever em até quatro disciplinas eletivas por semana, de 1h30 cada, o que propicia até seis horas suplementares de estudo”.

O Colégio Albert Sabin trabalha com disciplinas

eletivas de curta duração, oferecidas a cada mês. Em 2019, já houve a oferta de temas como “Biologia no cinema: Disney, Pixar e Marvel”, “Métodos físicos e químicos para a análise de aromas”, “Introdução ao design: modelagem e prototipação”, “História social da música no Brasil”, “Tragédias ambientais e naturais do Brasil”, “Da detecção de planetas aos buracos negros”, entre outras opções. Como não é possível saber antecipadamente quais serão os temas com maior procura, a direção optou por repetir aqueles cursos mais bem avaliados ou com mais procura. “Estamos no segundo ano de implementação e bastante satisfeitos com a adesão dos alunos. Temos percebido que os alunos estão apreciando tanto a possibilidade da escolha de temas mais próximos de seus interesses e afinidades, como a duração das temporadas, que permite que eles possam se manter motivados por meio da adesão a novos temas”, conclui Giselle.

NOVAS DISCIPLINAS PARA UM NOVO ENSINO MÉDIO

Um vôo panorâmico por outras escolas privadas revela que ao menos esse aspecto da Reforma do Ensino Médio vem encontrando eco entre educadores e estudantes. Vale lembrar que muitas instituições da vanguarda pedagógica já haviam começado uma reforma, ainda que tímida, nesta que tem se revelado a faixa com maiores índices de evasão escolar, e também de questionamentos quanto à sua pertinência e sentido, em toda a Educação Básica. Com um caldo de cultura já fermentado de inquietações, tanto por parte de educadores quanto de educandos, o novo formato permitiu que se abrisse um baú de ousadias didáticas.

Assim, nesse ano os alunos do Lourenço Castanho podem escolher entre aulas de Astronomia, Teatro ou ingressarem no Clube de Química. Ou terem todas essas vivências ao longo do ensino médio. Dentre as eletivas oferecidas pelo Colégio Equipe, além de Astronomia, estão presentes no cardápio “História e cinema”, “Juventude e identidade”, “São Paulo: centro e periferia”, “Filosofia e religião” e “Arte contemporânea”. Mesmo instituições de menor porte e tradição, como o Colégio Pinheiro, localizado na zona sul da capital, já se mobilizam para se manterem antenadas aos novos tempos educacionais, que pedem olhos atentos ao que se passa dentro e fora das escolas. “Desvendando a Biologia através dos experimentos”, “Edição de vídeo” ou “Mídias digitais em inglês” são exemplos de algumas das disciplinas eletivas oferecidas neste ano pela escola. Já para os alunos do Santa Maria há disciplinas optativas como “Produção em mídias digitais”, “Direito internacional” e “Astrofísica” – essa última parece estar se tornando uma das queridinhas dos alunos nesse novo formato, às vezes atendendo pelo nome de “Astronomia”. De uma forma ou de outra, trata-se de embalar o conhecimento em uma nova roupagem, mais moderna e atraente. E, principalmente, criar condições para que surjam habilidades e competências que façam sentido na vida de cada aluno, que passa a ter, ao menos em tese, algum poder de escolha na formação que levará para o resto de sua vida. ▣

PROPOSTAS INOVADORAS RUMO AO ENEM E À UNIVERSIDADE

Conteúdos didáticos de alta performance
e pioneirismo em tecnologia educacional.



Partindo de uma proposta **multiplataforma** e integrada, o **Moderna Plus** dialoga com as demandas do Ensino Médio, preparando o adolescente para ser bem-sucedido em sua trajetória pessoal e profissional.



Conheça mais em
www.moderna.com.br/modernaplus



A coleção Vereda Digital traz uma proposta pedagógica **multiplataforma** e flexível para o desenvolvimento dos programas das disciplinas do Ensino Médio e dos conteúdos avaliados no Enem e nos principais vestibulares do país.



Conheça mais em
www.moderna.com.br/veredadigital

 @editoramoderna

 /editoramoderna

 MODERNA

AMPLIE SUAS CONEXÕES COM O MELHOR DA EDUCAÇÃO.

CONHEÇA O KEPLER,
A PLATAFORMA DIGITAL
QUE INTERLIGA ALUNOS,
PROFESSORES, FAMÍLIA
E COMUNIDADE SEM
COMPLICAÇÃO.

- POTENCIALIZAÇÃO DO ENSINO NA EI E NOS PRIMEIROS ANOS DO EF.
- MEDIÇÃO DO APRENDIZADO AULA A AULA.
- IMPLANTAÇÃO DESCOMPLICADA ATÉ PARA ESCOLAS QUE NUNCA TRABALHARAM COM O DIGITAL.
- PARCERIA COM UMA ONG INTERNACIONAL EM PROJETOS SOCIAIS QUE TRANSFORMAM O ENTORNO DO ALUNO.
- E A QUALIDADE DA EDITORA MODERNA, LÍDER NO BRASIL, E DO GRUPO SANTILLANA, LÍDER MUNDIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM PORTUGUÊS E ESPANHOL.



SAIBA MAIS EM:
PLATAFORMAKEPLER.COM.BR

OU MANDE UM E-MAIL PARA:
CONTATO@PLATAFORMAKEPLER.COM

KEPLER

EDUCAÇÃO
QUE MOVE
O MUNDO

A fome e a vontade de aprender

Conheça dois projetos didáticos que unem criatividade e dedicação em prol da sustentabilidade e da alimentação saudável.

TEXTO *Ricardo Prado*

“**A GENTE** não vai esquecer nunca esse dia!”. A professora de Geografia Tânia Maria Uehara Alves ouviria essa frase algumas vezes, com pequenas variações, durante o trajeto de uma hora e meia entre o Instituto Tomie Ohtake, na zona oeste da capital paulista, e o CEU Paulo Gonçalves dos Santos, próximo à represa Billings, na zona sul. Para muitos adolescentes naquele ônibus, envoltos na algazarra tão comum às excursões escolares, aquela viagem era especial porque nunca haviam passado dos limites do bairro da Pedreira, muito menos ido a um museu “cujo próprio prédio já é uma obra de arte”, destacaria mais tarde Tânia, ao recordar o dia de glória para as turmas do 6º ano da escola. Afinal, aquele foi um dia de premiação.

Mais que um prêmio, aqueles jovens conseguiram um feito: transformaram a realidade escolar com o projeto interdisciplinar “Sementes dos So-

nhos”. O projeto, vencedor do Prêmio Territórios 2018, nasceu da iniciativa de Tânia e da professora Ana Rita de Carvalho de Jesus, que ensina Ciências para as mesmas turmas. As duas perceberam a indignação dos alunos com a iminente aprovação de um Projeto de Lei que deve liberar o uso de agrotóxicos em uma escala nunca vista no país. Da indignação coletiva, surgiu um projeto interdisciplinar que envolveu toda a escola e que despertou o desejo de estudar mais sobre a ocupação do solo da região onde fica a escola e onde moravam os alunos.

O projeto cresceu e foi mais longe: gerou um movimento em defesa de uma alimentação mais saudável nas escolas que já produziu um abaixo-assinado e ainda promete muitas ações para impedir que o projeto de lei que libera os agrotóxicos vá adiante e seja um risco para a saúde. »



Valorização da comunidade. Alunos do 6º ano conheceram plantações no entorno da escola.



» DO TERRITÓRIO ÀS HISTÓRIAS DE VIDA

Concedido pelo Instituto Tomie Ohtake e pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para reconhecer projetos educacionais que desenvolvam o protagonismo juvenil, a interdisciplinaridade e a participação coletiva “em interação com as diversas potencialidades da cidade”, o Prêmio Territórios 2018 coroou o trabalho dos alunos do CEU Paulo Gonçalves dos Santos, que atuaram em dois problemas graves: os riscos para a saúde do uso indiscriminado de agrotóxicos e a ameaça que pairava sobre os últimos agricultores familiares da cidade, que vêm sofrendo com o fim das compras de alimentos orgânicos pela Prefeitura para incrementar a merenda escolar.

Tudo começou com o resgate da história da origem das famílias da turma, quase todas originárias de zonas rurais de Minas Gerais ou de estados do Nordeste, que migraram para São Paulo em busca de melhores condições de vida. “Fizemos o mapeamento da origem das famílias em Geografia, e as crianças produziram um livro, com gráficos e relatos, recuperando essa história”, relata Tânia, referindo-se ao início do projeto, no primeiro semestre de 2018. “A partir da memória das famílias, estudamos a situação dos trabalhadores rurais, os conflitos agrários e a migração para o Sudeste”, explica.

Até que, por meio da pesquisa feita pelos próprios alunos, surgiu, nos acalorados debates que se travavam em classe, a tramitação no Congresso Nacional, em regime acelerado, do Projeto de Lei 6299/02 que, se aprovado, permitirá o uso de novos pesticidas mesmo sem testes conclusivos dos órgãos ambientais (Ibama) e de saúde (Anvisa). “Eles foram entender o caminho que aquele projeto tinha seguido, por que transitou lentamente desde 2002 e foi acelerado a partir do governo Temer, e também estudaram o impacto que essa aprovação pode ter na saúde das pessoas e no meio ambiente”, conta a professora.

O passo seguinte, decidido coletivamente, foi preparar apresentações para as famílias. Aquela turma do 6º ano queria contar o que descobriu para seus pais, a maioria formada por ex-agricultores. “Eles fizeram peças audiovisuais e apresentaram primeiro para os alunos das outras turmas e, depois, para os pais. Foram feitos três seminários à noite e um no sábado. Houve uma adesão bacana dos pais, que também trouxeram contribuições”, conta Tânia.

As descobertas foram se sucedendo, quanto mais a turma investigava. Os alunos descobriram que desde 2015 há uma legislação na cidade de São Paulo que obriga a inclusão de produtos orgânicos na com-

posição de parte da merenda escolar. Infelizmente, os jovens constataram que aquele era mais um caso de lei bem-intencionada com dificuldade em ser aplicada. Em 2016, foram investidos apenas 30% dos R\$ 8 milhões previstos pela Prefeitura para a compra de alimentos orgânicos para a merenda escolar; em 2017, o desempenho foi pior ainda: apenas 0,7% da verba foi de fato para os produtores rurais e, depois, para o prato dos estudantes da rede pública municipal, como prevê a Lei 16.140/2015.

Tendo como pano de fundo as características especiais do território onde se situa a escola, junto à represa Billings e próximo de duas grandes áreas de proteção ambiental, as APAs de Bororé-Colônia e Capivari-Monos, a questão ambiental dessa discussão em torno dos alimentos também emergiu nos debates do 6º ano. “Cerca de 30% do território paulistano é zona rural, embora a gente não se dê conta disso. Boa parte da produção agrícola que abastece a cidade é proveniente dessa região do extremo sul do município. Só que as atividades econômicas aqui precisam ser compatíveis com a sustentabilidade dessa região, de proteção de mananciais. Como o atual Plano Diretor reconhece a existência de uma zona rural na cidade, abriu-se a possibilidade de os pequenos produtores rurais terem acesso ao crédito para suas plantações”, explica a professora Tânia, resumindo as pesquisas colhidas pela turma.

Com essas informações em mãos, o passo seguinte foi buscar quem plantava ali perto da escola. Não foi difícil chegar à Cooperapas, uma cooperativa de agricultura orgânica formada por 37 produtores familiares da região de Parelheiros. “A Lia Góes, vice-presidente da cooperativa, veio até a escola fazer oficina de horta orgânica com as crianças. A partir daí, a escola passou a ter uma horta. Fizemos também oficinas com garrafas PET para os alunos levarem mudas para suas casas”, relata a professora Bianca Alexandre, responsável por alunos do Fundamental 1 que passaram a integrar o projeto, colaborando com a manutenção da horta e da pequena compostagem, criada mais para motivos didáticos.

Nessa altura, os outros professores do 6º ano já se mobilizavam para aproveitar aquele envolvimento tão cativante da turma com a temática do território e das histórias familiares, que se entrelaçavam cada vez mais ao próprio trabalho escolar. Assim, em Língua Portuguesa os alunos encenaram trechos de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, romance sobre a famosa seca de 1915, além de *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, e *Triste partida*, de Patativa do Assaré. Em Artes, houve uma releitura de quadros que mostravam o processo de imigração, como a série *Os retirantes* de

Alunos da Escola
Estilo de Aprender,
durante os encontros
do Projeto
Comida e Cultura



Cândido Portinari; a disciplina de História trouxe a contextualização da migração interna no Brasil. Em Língua Inglesa, uma maquete do entorno da escola, devidamente legendada em língua estrangeira, avançava um pouco mais o (re)conhecimento da turma diante de um território que, se era velho conhecido, ganharia novos contornos com a visita ao Sítio do Vovô Joaquim, o cooperado incumbido de receber os quase 100 alunos do 6º ano com um estimulante café da manhã, para em seguida mostrar a eles como é a vida de um dos últimos agricultores na maior metrópole do país.

O Prêmio Territórios 2018, além do reconhecimento, trouxe uma verba de dois mil reais para o projeto. Isso deu um novo gás para a antiga turma do 5º ano, que herdou o projeto em curso e, também, a luta iniciada pela turma antecessora. Assim, na festa caipira realizada em junho teve início a coleta de assinaturas para um abaixo-assinado dirigido à Prefeitura, para que essa volte a comprar merenda orgânica para as escolas, conforme prevê a lei. “O plano é envolver as outras escolas da região para que a merenda possa se tornar até 100% orgânica. Lutar por uma merenda orgânica não é apenas lutar por uma alimentação mais saudável para os próprios alunos, mas também lutar pela preservação das áreas ambientais e pela sustentabilidade econômica dos agricultores familiares da cidade”, finaliza Tânia, feliz com o resultado de um projeto que vem ensinando a todos, sejam alunos, pais ou professores; e, certamente, também feliz com sua decisão de voltar para a docência depois de se aposentar na rede privada. Afinal, escola sempre é lugar de aprender.

COZINHA É LUGAR DE CRIANÇA

O desejo de voltar a trabalhar em escolas moveu outra professora que andava inconformada de não ter mais alunos por perto. Formada em Pedagogia pela PUC-SP, Priscila Vieira havia deixado para trás o trabalho na Educação Infantil da Escola da Vila depois que seus filhos nasceram e que, juntamente com seu marido, passou a cuidar do restaurante Empório Sagarana, na zona oeste de São Paulo. Boa cozinheira, Priscila pilotou a cozinha do restaurante até que os filhos crescessem, o negócio fosse vendido e surgisse nela a vontade de juntar sua paixão pela culinária com outra paixão: a de ensinar.

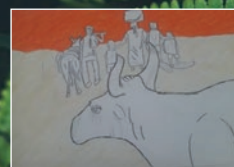
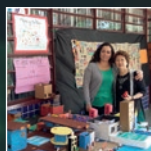
Como ponto de partida, uma percepção incômoda atormentava a chef Priscila. “Criou-se uma visão de que a comida vem do supermercado e da indústria, não da natureza”. A isso se juntou uma informação que a deixou chocada e mobilizada como educadora: cerca de um terço das crianças »

► brasileiras estão obesas ou acima do peso. Muitas também estão subnutridas, já que o consumo de produtos ultraprocessados, extremamente pobres em termos nutricionais, alimenta esse fenômeno mundial. A Organização Mundial de Saúde (OMS) já trata a obesidade infantil como uma pandemia desde 2017.

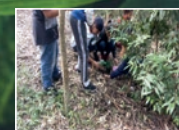
A chef-educadora Priscila propôs, então, um projeto para a Escola Estilo de Aprender, onde estudavam seus dois filhos. A ideia era oferecer aulas de culinária para as turmas da Educação Infantil e do Fundamental 1 para que, pela prática e pelo sabor, as crianças aprendessem a valorizar a alimentação saudável. A proposta foi bem recebida pela direção, que sugeriu envolver outra mãe, Ariana Doctors, ex-proprietária de um restaurante de comida marroquina. As duas já se conheciam de reuniões de pais e juntaram suas afinidades culinárias e percepções sobre a importância de se falar sobre comida com crianças. Mais do que isso, sobre a importância de cozinhar junto com elas, fazê-las manipular os alimentos, provar, cheirar, e concluíram que tudo aquilo poderia ser objeto de estudo na escola. Foi dessa conversa que nasceu o “Projeto Comida e Cultura”.

Inserido na grade curricular desde 2017 com uma aula de 45 minutos por semana, primeiro como projeto-piloto para oito turmas e depois, com a propaganda boca a boca da criançada, estendido para todos os anos, o “Comida e Cultura” ganhou um espaço próprio: uma cozinha construída nos moldes de uma casa na árvore, aconchegante e bem aparelhada, com três mesas redondas para acomodar as turmas de até 20 crianças.

Quem aparece por lá de surpresa pode encontrar crianças de três anos manipulando facas para cortar tomates, sob a supervisão de Priscila ou Ariela, cada uma responsável por um período. É possível vê-las entretidas com livros de fotos que mostram as frutas, plantas, bichos e toda a riqueza da biodiversidade brasileira – nesse caso, seria a etapa de aquecimento para uma receita nova e divertida, já que a biodiversidade é o fio condutor do projeto. Um brigadeiro de tucumã, com castanha-do-pará granulada de cobertura, pode ser o desfecho da aula sobre a Amazônia. Ou açaí de palmito juçara, típico do bioma da Mata Atlântica. “Já fizemos uma brusqueta com cambuci, uma fruta típica do Sudeste, que não se encontra nos supermercados”, exemplifica Priscila, explicando que se trata de uma fruta importante para se manter a floresta em pé porque é abundante na região da Mata Atlântica, e quem faz essa coleta são os povos tradicionais, como os quilombolas, os caiçaras e quem pratica a agricul-



Fotos de ações e visitas dos alunos do CEU Paulo Gonçalo dos Santos na região da escola.





Os alunos visitam as hortas e plantações de agricultores que vivem na região da escola.



tura familiar. “Comprar esses alimentos de produtores locais ajuda a fortalecer um projeto chamado Rota do Cambuci”, explica Priscila, acrescentando que, além de todas essas qualidades, a fruta ainda é rica em vitamina C. E deliciosa. “Por sinal, já provou formiga?”, oferece. Incrível: tem gosto de cidreira! “Nossa ideia é ver toda criança sair daqui sabendo fazer arroz, feijão e ovo”, comenta Priscila, detalhando que esses produtos são trabalhados por módulos. “No módulo de arroz, trouxemos vários tipos de produto e fizemos algumas receitas. Depois, fizemos o mesmo com o feijão: trouxemos vários tipos de leguminosas para eles conhecerem; depois com o ovo também, eles conheceram e experimentaram vários tipos.”

Preocupadas em deixar claro para as crianças que um pé de couve não nasce no supermercado, Priscila e Ariela reforçam sempre a questão da origem do alimento que será manipulado pela turma. Se quando estudaram a Mata Atlântica havia os coletores de cambuci, no Cerrado estudaram o mesocarpo do coco de babaçu, que vem de uma comunidade quilombola kalunga da Chapada dos Veadeiros. “Nós trabalhamos muito com os produtos que o Instituto Ata cataliza [criado pelo chef Alex Atala, conta com um ponto de venda no Mercado Municipal de Pinheiros, em São Paulo]. São produzidos por comunidades quilombolas, indígenas e pela agricultura familiar. É importante, para nós, não desvincular os projetos da natureza e das comunidades que vivem ali”, explica. Espetinho de frutas com farinha de jatobá, uma farinha supernutritiva comprada da Cooperativa Central do Cerrado, e pratos feitos com castanha de baru também integraram o módulo Cerrado – bioma devidamente apresentado às crianças por um belo livro de fotografias.

Se elas gostam das aulas? “Elas amam!”, relata Priscila. “A gente tira esse receio que muitas têm da cozinha. A cozinha é um lugar em que se entra com atenção, onde seu corpo precisa estar presente, seu pé precisa estar no chão. A gente mostra como cortar o tomate ensinando como usar a faca; explica como quebrar o ovo, e cada criança tem a oportunidade de quebrar um. E vamos tirando as dúvidas individualmente, com a ajuda das professoras de cada turma”, detalha. Assim, desde pequenas vão descobrindo as maravilhas da biodiversidade brasileira, tão pouco valorizada até agora, mas que pode ter uma nova chance quando crianças que cresceram estimuladas a brincar com a fome e a vontade de aprender estiverem decidindo o que comprar para cozinhar para seus filhos. □

Sem dúvidas
Você ♥ papel



Two Sides é uma organização global, sem fins lucrativos, criada em 2008 por membros das indústrias de celulose, papel e comunicação impressa. Two Sides promove a produção e o uso consciente da impressão e do papel, bem como esclarece equívocos comuns sobre os impactos ambientais da utilização desse recurso. O papel, proveniente de florestas certificadas e gerenciadas de forma sustentável, é um meio de comunicação excepcionalmente poderoso, de fonte renovável, reciclável e biodegradável.

O papel é sustentável, reciclável, biodegradável.
No Brasil, 100% do papel fabricado vem de
árvores plantadas para esse fim.

IBÁ, 2018



Acesse www.twosides.org.br e
descubra porque **imprimir é sustentável!**

Há ótimas razões para
você **#AmarPapel**
Descubra mais em
twosides.org.br





HOUAISS

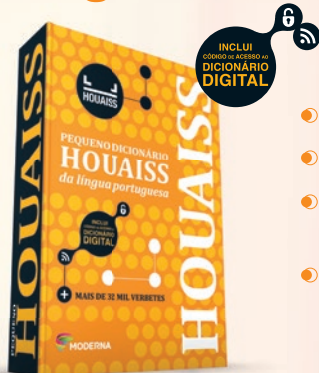
O DICIONÁRIO DO SÉCULO XXI para todas as idades

Os dicionários **Houaiss** foram pensados para estar sempre ao lado do **aluno**, na **escola** e na **vida**. Respeitando as características de cada faixa etária, cada obra preza pela segurança, clareza e precisão das definições. Assim, crianças e adolescentes podem contar com um apoio sólido para conceituar o mundo ao seu redor.



INCLUI
CÓDIGO DE ACESSO AO
DICIONÁRIO
DIGITAL

Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa



- Mais de 32.000 verbetes de palavras e locuções.
- Vocabulário técnico e científico classificados por áreas como biologia, matemática etc.
- Dedicar uma parte do seu conteúdo à gramática: estrutura das orações, classes de palavras, crase, pontuação, modelos de conjugação verbal.
- Além disso, oferece uma pequena enciclopédia com mais de 2.200 entradas de informações sobre personalidades, cenas da história, dados geográficos e de cultura em geral.

Indicação: Ensino Fundamental II e Médio • **Medidas:** 21 x 14,4 cm • **1ª edição**

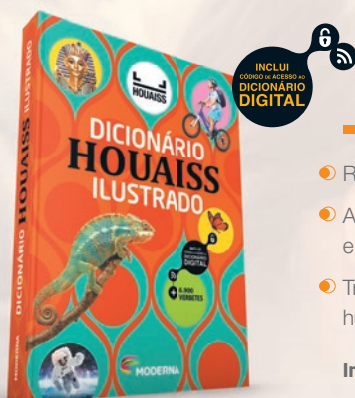
Brincando de Ler - Dicionário Ilustrado Houaiss de Alfabetização



- Definições em frases completas, adequadas para a faixa etária das crianças mostram como as palavras devem ser utilizadas.
- Auxilia no processo de alfabetização de maneira lúdica e simples.
- Ilustrações de dinossauros e outros animais, partes do corpo, localização espacial, formas geométricas, cores, divisão do tempo, sinais de pontuação, mapa do Brasil etc.

Indicação: Primeiros anos do Ensino Fundamental I • **Medidas:** 21 x 27,5 cm • **1ª edição**

Dicionário Houaiss Ilustrado

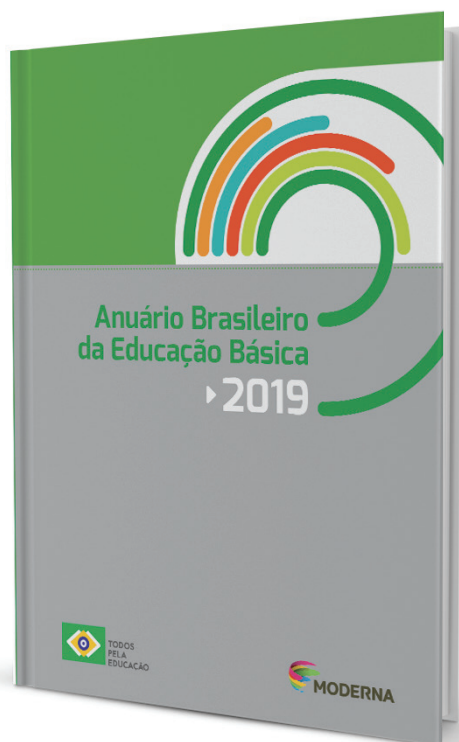


- Reúne em suas definições frases usadas pelas próprias crianças!
- Apresenta 6.682 entradas, 379 locuções, 860 palavras cognatas, 174 origens das palavras e 169 informações curiosas e sugestões de pesquisa na internet!
- Trabalha páginas temáticas sobre espaço urbano, espaço rural, biomas brasileiros, corpo humano, instrumentos musicais etc.

Indicação: Ensino Fundamental I • **Medidas:** 17 x 23,5 cm • **2ª edição**



LIVROS

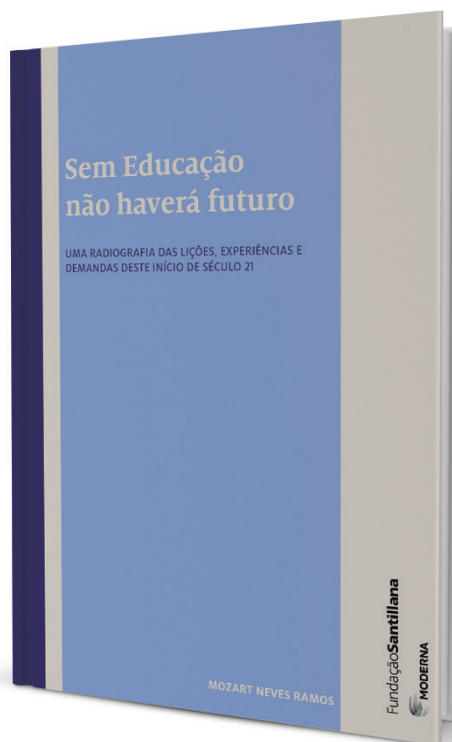


ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA 2019

POR Todos Pela Educação e Fundação Santillana

Um panorama completo com dados e informações sobre o ensino no Brasil que, em sua 8ª edição, mantém o compromisso de reunir indicadores e de oferecer bases sólidas para o debate sobre o futuro do ensino. A partir das 20 metas do Plano Nacional da Educação (PNE), o Anuário Brasileiro da Educação Básica traz análises das etapas e modalidades de Ensino e considera elementos importantes como a valorização dos professores e o financiamento da educação. Um material de referência para jornalistas, pesquisadores, gestores e profissionais da educação.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/favsocio.



SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ FUTURO

POR Mozart Neves Ramos

Um dos profissionais mais influentes da educação brasileira, Mozart Neves Ramos, atualiza e amplia nesse livro 21 artigos publicados entre 2016 e 2018. Em cada artigo, uma radiografia das lições, experiências e demandas nas áreas de Educação Básica e da Educação Superior sobretudo no Brasil, mas incluindo dados relevantes sobre algumas nações se destacam em avaliações internacionais. Um material essencial para o aprofundamento do debate sobre diversos temas com análises bem fundamentadas e rigor na interpretação de evidências.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/mozart.



CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR



DIÁLOGO: FAMÍLIA-ESCOLA

ORGANIZADO POR Tereza Perez

Um guia pensado para auxiliar gestores escolares a promover o diálogo com as famílias dos alunos, visando o desenvolvimento e a aprendizagem plenos de cada criança, adolescente e jovem. Ao apresentar casos reais, esse livro vai inspirar o gestor escolar a aprofundar o diálogo entre sua equipe e as famílias, auxiliando-as a entender seus papéis e a construir sentido para a trajetória escolar de cada estudante.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/livrofam.

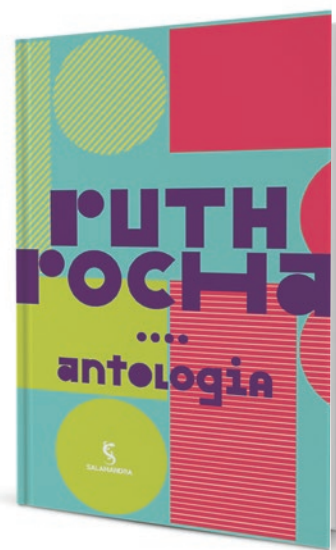


NARIZINHO A MENINA MAIS QUERIDA DO BRASIL

POR Pedro Bandeira

O encontro mais do que esperado entre Monteiro Lobato, patrono da literatura infantil do Brasil, e Pedro Bandeira, grande ícone contemporâneo das histórias infantis. Dois ícones que transpõem o espaço do tempo para apresentar a imaginativa, reinadeira e mais adorável das personagens de Lobato: Narizinho – a menina que representa todas as gerações de meninas. Embarque nessa visita de Pedro Bandeira pela primeira obra de Lobato.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.



ANTOLOGIA RUTH ROCHA

POR Ruth Rocha

Em celebração aos 50 anos de carreira de Ruth Rocha, esse livro reúne algumas de suas histórias mais inesquecíveis. Um mergulho na coletânea de obras desta grande escritora, que nasceu e vive em São Paulo, mas que é conhecida no mundo inteiro pela tradução de seus livros para muitas outras línguas. Uma verdadeiro presente para crianças e adultos de diversas gerações.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.



Alexandre Beck

EDUCAÇÃO A FAVOR DA EQUIDADE E CIDADANIA

Fomentar o **desenvolvimento da educação** e a redução das desigualdades educacionais. Esta é a missão da **Fundação Santillana**, que atua para beneficiar estudantes, educadores e instituições de ensino por meio do estímulo e qualificação do debate e promoção da **educação cidadã**.



EQUIDADE



GESTÃO E
AVALIAÇÃO



FORMAÇÃO
E VALORIZAÇÃO
DO PROFESSOR



INCENTIVO
À LEITURA

MKT • MODERNA

Fundação **Santillana**

 fundacaosantillana.org.br

 fb.com/fundacaosantillana

Você ama literatura.
**E eu posso lhe ajudar
nas melhores escolhas.**



Oi, eu sou a *GENIUM*,
a **inteligência artificial**
da Moderna e da Salamandra.

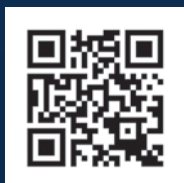


Com **comandos de voz ou texto**,
faço propostas de títulos do nosso catálogo de
literatura de acordo com o que você precisa.

Sua busca pode ser por tema, autor, título...

Ah! Só não se esqueça que **eu aprendo** sempre
com você! Quanto mais você pesquisa, mais
relevantes se tornam as minhas respostas.

Baixe agora o app!



mod.lk/genium

